FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1968

ANO 47.º — NÚMERO 16 200

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A Biblioteca de Junqueiro, numa hora de afluência

Os lisboetas preferem a ficção

— revelam as estatísticas de frequência das vinte e três bibliotecas municipais

Sabemos que os lisboetas — e os portugueses em geral — lêem pouco, e calculamos que tipo de leitura preferem. Uma pequena análise do funcionamento e da frequência das bibliotecas municipais de Lisboa pode levar-nos a conclusões de algum interesse.

RETRATO «ROBOT» DO LEITOR:

Sexo — Masculino
Profissão — Estudante
Referências — Literatura
Carácter — 96 % de honestidade

As vinte e três bibliotecas publicas pertencentes ao Município de Lisboa foram utilizadas, em 1966, por 127 393 leitores, que ali consultaram 103 613 obras e 198 475 publicações periódicas (os numeros do ano passado ainda não foram apurados).

Estas cifras, embora representem a realidade de um esforço cultural por parte da Edilidade, estão longe de significar que as referidas bibliotecas — confortáveis, acolhedoras, orientadas por

(Continua na 18.ª página)

As três impossibilidades do séc. XIX português-2

A IRREALIZADA SOCIEDADE BURGUESA

pelo prof. VITORINO MAGALHÃES GODINHO

TUDO podia ter começado em 1834. Neste ano a população portuguesa recuperou o número com que abrira o século — 3 milhões —, depois de ter oscilado ao sabor da paz, num sentido, das invasões francesas e das guerras civis, em sentido oposto A partir daquela data é que vai crescer sem retrocessos, de dois terços em dois terços de século (30 000 habitantes mais por ano). Ampliaram-se as terras arroteadas, realizaram-se beneficiações, tìmidamente embora, importaram-se máquinas a vapor e mul-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

A MAU TEMPO BOA CARA

Não estamos a coleccionar desgraças, nem a procurar celebridade à custa daquelas que vão acontecendo, mas as provações sentem-se. O arrabalde largo de Lisboa sofreu a calamidade da cheia de Novembro, cujas marcas ainda se vêem e doem, para além das que se guardam de memória. Agora, a costa de Moçambique foi fustigada por violento ciclone tropical, cuja incidência deixou rastro profundo de devastação, vidas perdidas e danos materiais difíceis de recompor. Não são novidade nem segredo para nós as tempestades ao longo daquelas paragens, pois já as sentiu Vasco da Gama com a sua frota, como Camões as descreve: «Os ventos eram tais, que não puderom / mostrar mais força de ímpeto cruel». E não obstante a frota chegou até onde obstinadamente a quis levar a vontade perseverante do intrépido almirante das Índias. Das tempestades de agora dizem os telegramas que deixam aspecto catastrófico a somar-se ao que já se padecia da longa seca, referindo-se prejuízos nas colheitas que vão calculados nos setenta por cento. Mesmo aos que estão de longe não é difícil de avaliar quanto tenha sido profundo, como vem acentuado nas notícias de lá, o golpe agora sofrido pela economia moçambicana, já antes disso terrivelmente afectada: desgraça sobre desgraça. Que fazer? Tudo menos cruzar os braços. Antes de mais nada, olhar, reconhecer, calcular, ver o que é preciso e o que é possível, sem hesitações, nem medos nem preconceitos. Na hora da tormenta, o que se reclama é o espírito capaz de discernir, por entre as névoas do tempo, a rota para porto seguro ou a grande aventura para o alto mar, longe da rebentação. Os grandes capitães, como o foi Vasco da Gama, tanto têm esse espírito como a vontade capaz de o amparar na hora das grandes opções.

Fidel Castro poderá assumir a chefia do P. C. cubano

HAVANA, 25 — (R.) — Parece iminente uma importante remodelação no Partido Comunista cubano, em consequência da convocação de uma sessão de emergência da comissão central, feita ontem pelo primeiro-ministro Fidel Castro.

Julga-se que Fidel Castro se demitirá do cargo de primeiro-ministro, para se ocupar exclusivamente da chefia do Partido.

(Continua na 15.ª página)

RECONHECIDAS AS REGALIAS CONCEDIDAS PELA LEI N.º 2092

(Ler na página central)

Para exigir a entrega do «Pueblo»

o porta-aviões «Enterprise» encontra-se ao largo do porto de Wonsan

TÓQUIO, 25, — (R.). — O porta-aviões norte-americano «Enterprise», accionado nuclearmente, ocupou posição ao largo do porto norte-coreano de Wonsan, a fim de exigir a entrega do barco «espião» americano «Pueblo» — revelaram fontes militares sul-coreanas.

Notícias de Seul, recebidas nesta capital, dizem que o porta-aviões chegou ao largo de Wonsan, á meia-noite local (15 horas T. M. G. de ontem).

Afirmam ainda que o porta-aviões exigiria a entrega do «Pueblo» por «meios apropriados».

As referidas fontes admitiam que tais meios poderiam incluir a radiodifusão de apelos á Coreia do Norte, de cerca de 13 milhas marítimas do largo de Wonsan — uma milha fora das águas territoriais norte-coreanas — para a libertação do barco e dos seus tripulantes.

Acrescentaram que se a Coreia do Norte se recusasse a entregar o «Pueblo» seriam tomadas disposições mais rigorosas, que incluiriam, provàvelmente, um ultimato.

(Continua na 15.ª página)

HOJE — 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

«GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE»

A simples notícia já foi um êxito

A notícia que ontem publicámos sobre a criação do «Grande Prémio de Publicidade» teve, como se previa, a maior repercussão não apenas entre a numerosa falange que se dedica à actividade publicitária, mas também entre o público em geral.

Para se compreender bem a razão disto, há que atentar nas palavras que acompanhavam a notícia:

(Continua na ultima página)

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP • • • • •

De ontem para hoje

O EXERCÍCIO E TUTELA DOS DIREITOS

O novo Código Civil Português, instrumento fundamental determinador dos direitos e deveres de todos os cidadãos, continua a ser estudado nos meios com o Direito relacionados. Não tendo tido o espaço de discussão publica que muitos quereriam, antes de entrar em vigor, nem a amplitude de discussão, não apenas entre juristas já que o Código Civil é para todos os portugueses e não só para os juristas, continua a ser objecto de conferências e colóquios, artigos e interpretações. Na Faculdade de Direito de Lisboa recomeçaram, com o ano escolar, as conferências dos mestres sobre diversos aspectos do novo Código Civil e ontem foi o antigo ministro da Justiça, prof. Manuel Cavaleiro de Ferreira que versou o tema seguinte: Exercício e Tutela dos Direitos. A assistência encheu por completo o grande salão, vendo-se muitos professores e alunos de Direito e magistrados, advogados, personalidades conhecidas na vida publica e intelectual portuguesa. O prof. Cavaleiro de Ferreira tratando do abuso de direitos, fez a relacionação dos conceitos de direito e exercício do direito e situou a noção no problema dos limites intrínsecos dos direitos. Esses limites, enquanto objectivos, resultam da relacionação do poder autónomo do titular do direito com o fim para que foi concedido. Limites extrínsecos subjectivos não são, em geral, admitidos integralmente em direito privado porque a intencionalidade reprovável só deverá ser considerada quando lesa terceiros; com base nestes princípios interpretou os critérios de definição do abuso do direito do artigo 334.º. Limites extrínsecos dos direitos derivam da coexistência dos direitos e podem resultar da colisão no seu recíproco exercício, ou do seu conflito na tutela dos direitos. Só a colisão no exercício dos direitos está prevista no artigo 335.º. Passou ao estudo das formas de tutela privada dos direitos, analisou sucessivamente a acção directa **ou vias de facto introduzida pelo novo Código e os seus limites explícitos e implícitos;** a legítima defesa, **cuja definição no Código Civil não pode alterar a configuração da defesa penal, quando restrinja o ambito que lhe é dado pelo Código Penal, e mostrou, como, de uma maneira geral, é mais restrito o ambito da legítima defesa definida pelo novo Código;** e o estado de necessidade.

JUSTIÇA

Na Boa Hora, sob a presidência do corregedor dr. Saudade e Silva foram julgadas Lucília do Nascimento Santos Ribeiro, de 36 anos, casada, natural de Lisboa, que se achava caucionada, e Pauline Franzen Brusseimans, de 38 anos, moradora na Av. de Berlim. A primeira era criada da segunda e vinham acusadas de várias burlas. Foram condenadas a primeira em quatro meses de prisão, multa e imposto; a segunda em dois anos de prisão e multa. As penas ficam suspensas por três anos, com a condição de a Pauline pagar a indemnização de 175 contos ao sr. António Felismino Gonçalves e ainda outras indemnizações. Esta última vai ser entregue á P. I. D. E., por haver um pedido desta instituição nesse sentido.

A JUVENTUDE NA UNIVERSIDADE

No Pavilhão dos Desportos Náuticos realizou-se ontem um jantar de camaradagem e confraternização promovido pelo Centro Universitário de Lisboa. Presentes muitos elementos ligados á educação, desde os subsecretários de Estado até o reitor e vice-reitor da Universidade Clássica, deputados e antigos e actuais filiados na Mocidade Portuguesa.

PARA A ALEMANHA

Para a Alemanha partiu o secretário de Estado da Agricultura, prof. eng.º Vitória Pires. Vai, a convite do Governo alemão, assistir ás cerimónias da inauguração do grande certame conhecido pela Semana Verde, em Berlim. Disse á partida: «E' um certame util e no qual se encontra representado todo o esforço da agricultura alemã, bem como a de muitos outros países expositores».

HOMENAGEM

O embaixador dr. Caldeira Coelho até agora chefe da Repartição de Relações Publicas do Ministério dos Negócios Estrangeiros e que vai ocupar o cargo de director-geral dos Negócios Políticos, foi ontem, homenageado com um banquete, oferecido pelos correspondentes da Imprensa estrangeira em Lisboa. Assistiram também os srs. dr. Caetano de Carvalho, director dos Serviços de Informação do S. N. I., e Stephen Baldanza, Christopher W. Skeat e Robert Rigouzzo, adidos de Imprensa, respectivamente, nas embaixadas dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França. Trocaram-se, no final, afectuosos brindes, sendo salientadas as qualidades que tornaram o dr. Caldeira Coelho estimado de todos no exercício do cargo que ora deixa.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do sr. prof. Oliveira Salazar, reuniu-se ontem, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros, que começou a apreciação do projecto de decreto-lei para a aprovação do Plano Director do Desenvolvimento Urbanístico da Região de Lisboa, apresentado pelo sr. ministro das Obras Publicas, nos termos da Base III da Lei n.º 2099, de 14 de Agosto de 1959, depois de ouvida a Câmara Corporativa. O sr. ministro das Obras Publicas fez ao Conselho uma exposição sobre aquele Plano e diversos ministros pronunciaram-se acerca do assunto. O exame do referido projecto prossegue em próxima sessão.

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

Curso de Francês Prático
por MÉTODO ÁUDIO-VISUAL

CURSO DE LÍNGUA E CIVILIZAÇAO FRANCESA

Prática em LABORATÓRIO DE LÍNGUAS (para um ensino individualizado) EM TODOS OS GRAUS

ABERTAS AS INSCRIÇOES todos os dias, excepto sábados, a partir das 18.30 h.

AV. DUARTE PACHECO — LISBOA

A irrealizada sociedade burguesa

(Continuação da página anterior)

tiplicaram-se os estabelecimentos fabris (à sombra das pautas protectoras), as exportações avolumaram-se, fundaram-se bancos e companhias de seguros, iniciou-se o crédito predial e agrícola, foram constituídas sociedades anónimas.

Assim, as exportações saltaram de 6142 contos em 1842 a 13 656 vinte anos depois, e as importações, salto ainda maior, de 9826 contos para 26 634. Em 1852, as sociedades anónimas e bancárias constituídas representaram 400 contos; logo no ano seguinte, é o arranque, com 2960 contos, em 1860 atingem-se os 114 000, e em 1864 ainda os respectivos capitais somam 57 872 contos; há ao todo, em Portugal, 136 sociedades anónimas em 1875. Os depósitos bancários, de 3183 contos em 1858, dobram em dez anos (e o número de bancos passa de 3 para 13), e vêem-se multiplicados por três vezes e meia de 1867 a 1875, ano em que o número de estabelecimentos galga a 51 (com a crise de então reduzir-se-á).

E todavia... Todavia, em 1868--1873 o valor global da produção agrícola metropolitana excederia de certeza 100 000 contos (oscilando provàvelmente entre 105 000 e 118 000), o da produção industrial andaria entre 15 000 e 25 000 contos, o comércio e a banca contribuiriam com pouco mais de 6000, e os retornos dos emigrantes com uns 3000 (cálculos de Rebelo da Silva, Oliveira Martins e Alphonse de Figueiredo). Ao acabar o século, a parte da agricultura na formação do rendimento nacional não descera certamente abaixo de 75 %. Haveria, aliás, que corrigir a parte do produto comercial e bancário, entrando em linha de conta com a dívida pública, os contratos-monopólios e até a circulação interna: sem dúvida o volume das transacções mercantis excede o do produto industrial.

A INEFICÁCIA DE MODERNIDADE RENOVADORA DOS FOCOS

Dir-se-ia que as inovações empresariais e os investimentos capitalistas não repercutem senão fraquìssimamente nos sectores tradicionais de actividades, ficam como que insulados, enquistados numa economia que não conseguem (ou não buscam) modificar. Há bancos, há fábricas, há sociedades anónimas, há maior circulação de bens, e no entanto a esmagadora percentagem da população não melhora as suas condições de vida a procura interna, quanto ao grande número, não é incrementada que se veja. Ilhas de economia moderna perdidas na imensidão da tradicionalidade — serão aquelas realmente focos de modernidade, ou incrustações tentaculares sob forma relativamente nova de antigos privilégios? Conhecemos hoje bem, nas economias e sociedades que não se industrializaram, o dualismo em compartimentos quase estanques do arcaizante e do novo, sem que este reestruture aquele — porque tanta vez ao serviço de interesses nada interessados numa autêntica reestruturação. É que tal dualidade está relacionada com a situação de economias dominantes e economias subordinadas, ficando o sector inovador no seio das últimas apoiado (quando não dependente) do sector expansionista das primeiras. A recentíssima crise britânica corrobora plenamente o efeito de travagem que essas situações exercem; pois a crise não resulta da inevitável liquidação do maior império da história, nem da política interna de bem-estar, mas sim, abandonada a orientação traçada por Sir Stafford Crips, da abdicação ás mãos do capital norte-americano, que veio assim a dominar a Grã-Bretanha (e essa abdicação foi um recurso de grupos socialmente ameaçados que conseguiram obstar á reestruturação interna a sério).

A ineficácia renovadora dos focos de modernidade resultou quer das características com que estes se apresentaram, e que acabamos de indicar, quer da inércia do grande conjunto em que se inseriram insuladamente. Técnicas rotineiras e rudimentares, sem dúvida. Rebelo da iSlva, em 1868, para este factor chama a atenção. Em Portugal o produto médio do trigo por hectare anda pelos 8 hectolitros; ora, «bastaria alcançarmos a média de 12 hectolitros por hectare para a situação mudar inteiramente». Por outro lado, os gados existentes «nem duplicados e bem alimentados chegariam para os terrenos hoje em cultura serem devidamente estrumados e arados». Mas não são só as técnicas que há que pôr em causa: é o próprio homem como instrumento de trabalho. Aquele historiador e economista liberal sublinha a falta de robustez das populações rurais, agravada pelas doenças. A alimentação compõe-se sobretudo de vegetais — feijões, favas, hortaliças —, um pouco de arroz, castanhas e escassas rações de peixe carne, só por excepção, em dias festivos de modo que «O povo vive e trabalha, mas seria mais exacto dizer que em bastantes partes apenas vegeta, débil para os esforços físicos, e com pouca energia para dar á indústria e agricultura o impulso de que ambas carecem». A alimentação «incompleta na qualidade e na quantidade» (a ração diária não contém sequer 60 % do valor nutritivo mínimo indispensável) é que explica «o estado precário das nossas classes laboriosas».

O BARÃO E O BACHAREL

Economia e sociedade dual — mas 1834 não representou a vitória da burguesia, pelo menos o começo de instauração da ordem burguesa? Dizia Oliveira Martins que, quando o liberalismo derrubou a monarquia tradicional, enfrentou uma dificuldade que talvez não tivesse previsto: «a falta de uma base social sobre que levantar o edifício representativo». Para criar essa burguesia, as reformas de Mouzinho e Joaquim António de Aguiar mobilizaram a imensa reserva dos bens de mão-morta; as vendas efectuadas até meio do século representaram, na estimativa de Herculano, 50 a 60 mil contos. Os bens dos 481 conventos extintos rendiam anualmente mais de 2000 contos, valendo o capital mais de 43 000; a Casa do Infantado rendia 160, sendo o capital de 3200 contos. A quem aproveitou essa desamortização? Não constituiu, como em França constituira a Revolução, um campesinado de proprietários, alicerce de uma sociedade burguesa. Nas «Viagens na minha terra» mostra Garrett que, em Portugal, o sucedâneo do frade foi o barão, «Sancho Pança da sociedade nova», variedade engendrada na burra de Balaão; ele é que enriqueceu com os bens monásticos e com a reversão ao Estado dos bens da coroa, depois alienados. Quer dizer que se formou assim uma oligarquia com base nos bens de raiz desamortizados primeiro da propriedade monástica e dos donatários, e seguidamente pela desvinculação dos borgadios e capelas — na segunda fase, é o visconde que come o fidalgo, como, com a mesma veia garrettiana, descreve Oliveira Martins.

Sucedendo, pois, à ordem clerical-nobiliárquica, instaura-se a da oligarquia fundiária de mãos dadas com a também nova oligarquia bancária. Esta, que com deliciosos laivos intitula as suas companhias **Providência, Confiança, União** (continua Oliveira Martins), enriquece com a agiotagem da Dívida pública, do contrato dos tabacos, dos melhoramentos materiais. Nestes gastaram-se 45 a 50 mil contos até 1870; tais despesas extraordinárias foram custeadas por empréstimo num montante nominal de 125 mil contos, de que os credores só entraram efectivamente com 40 %; com elas, o encargo anual era de 3750 contos, ora os juros da dívida pública galgaram de 2400 contos por ano em 1852-3 para 11 400 em 1873-4. Onde foi parar o excedente de 5250 contos anuais de juros, e o correspondente capital de 180 mil contos?, pergunta Oliveira Martins, que responde: «Ao bolso dos agiotas». E esse mundo dos negócios, coligado com os oligarcas da terra, vive também do Brasil, do dinheiro que de lá vem, do que para lá se exporta.

No conjunto dos proprietários de bens de raiz, se uma minoria é de barões, da maioria não tão afortunada é que saem os bacharéis. O ensino secundário, a universidade, restritos a bem poucos, formam o pessoal influente das secretarias, de uma administração caciqueira, e uma burguesia, não numerosa, de profissões liberais. O barão (depois, o visconde), isto é, o que frui a renda da terra ou os lucros da especulação fiduciária, e o bacharel, tmbém ligado à renda da terra mas com lugar público ou actividade profissional de nível universitário, eis os orientadores da nova ordem social.

A IMPOSSÍVEL SOCIEDADE BURGUESA

Porque há, apesar de tudo, uma nova ordem social. Sem dúvida, a vitória do liberalismo representou sobretudo o advento de nova gente às posições dominantes, e um domínio social sob novas formas jurídicas mas mantendo muito da estrutura subjacente. No antigo regime, os jornaleiros contavam por 3/4 na população agrícola alentejana (A. Silvert). No todo do reino, num total de perto de 900 000 activos, os 480 000 agricultores dividir-se-iam do modo seguinte: 96 000 proprietários (além desses, há 60 000 que vivem de suas rendas, sem participar na produção), 135 000 arrendatários, 215 000 jornaleiros e 35 000 pastores e serviçais (Franzini e Balbi); em 1868, num total de 873 000 agricultores, temos 419 000 proprietários, 139 000 rendeiros, 210 000 jornaleiros e 105 000 pastores, criados e moços (R. da Silva). Se tivermos em conta o crescimento geral da população, vê-se que mesmo assim o número de proprietários aumentou, o de jornaleiros diminuiu até em absoluto, mas compensado pela quase triplicação do número de serviçais, e o de arrendatários diminuiu relativamente. Uma burguesia rural limitada embora — como uma limitadíssima burguesia industrial, uma burguesia mercantil em que sobressaem todavia o pequeno logista ou o grande negociante. Burguesia necessàriamente restrita, pois em 1864 há só 19 cidades, e delas 12 entre 4000 e 10 000 habitantes, 5 entre este limite e 20 000, e nenhuma entre 20 000 e 50 000, contando-se apenas duas acima (Lisboa e Porto). A população urbana pouco mais é de 1/4 da população total. Repare-se quanto aos proprietários rurais, que sem dúvida mais de metade não passam de pequenos cultivadores, e só talvez 1/4 atinja o nível burguês.

E frente a uma burguesia limitada — reinado do barão e do bacharel —, um fraquíssimo operariado fabril, um campesinado dependente e que vegeta — uma turbamulta mais do que um povo. Porque a ausência de povo é a outra face da ausência de uma autêntica burguesia. Garrett, não podendo prever o que a sociedade viria a ser, tinha, porém, em 1846, uma certeza: é que «A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era; mas muito menos ainda pode ser o que é». E todavia a estrutura de então resistiria sub-repticia mas firmemente. É que o escol intelectual não tinha eficácia social para a modificar, nem havia forças populares transformadoras.

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

NOVO SISMO NA SICÍLIA

PALERMO (Sicília), 25 — (F. P. e R.). — Gerou-se pânico hoje na região ocidental da Sicília, onde foi sentido um tremor de terra quase tão forte como aquele que há dias devastou diversas aldeias e causou centenas de vítimas.

O abalo telúrico de hoje provocou em Palesmo cenas de pânico que lembram as que se seguiram ao tremor de terra da noite de 14 para 15 do corrente.

Os empregados nos escritórios situados nos edifícios mais altos abandonaram o trabalho e, de carro ou a pé, fugiram para as praças ou outros espaços abertos ou mesmo para os campos.

O abalo foi superior ao grau da escala de Mercalli.

Em Gibellina, causou três mortos: dois bombeiros e um carabineiro, e perto de 30 feridos.

ALEXEI KOSSYGUINE EM NOVA DELHI

NOVA DELHI, 25 — (R.) — O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, chegou hoje a esta capital, para uma visita de seis dias, durante os quais conferenciará com Indira Gandhi sobre o Vietnam e o Cambodja.

O primeiro-ministro soviético que efectua presentemente a sua quarta visita á União Indiana assistirá amanhã á parada militar do Dia da Republica. Será exibido pela primeira vez um míssil terra-ar soviético.

ROBERT BRÉCHON FALA SOBRE O ROMANCE FRANCÊS

É esta noite, no Instituto Francês, que se realiza o serão literário durante o qual três especialistas falarão sobre os prémios literários atribuídos este ano em França.

O director do Instituto e adido cultural francês, dr. Robert Bréchon, e os drs. Jacques Lasserre e François Costex, leitores de Francês na Faculdade de Letras de Lisboa, analisarão *La marge*, de André Pieyre de Mandiargues (Prémio «Goncourt»), *Le monde tel qu'il est*, de Salvat Etchart (Prémio «Théophrate Renaudot»), *Elise ou la vraie vie*, de Claire Etcherelli (Prémio «Femina»), *Histoire*, de Claude Simon (Prémio «Médicis»), e *Oui l'espoir*, d'Yvonne Baly (Prémio «Interallié»).

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

VELHINHAS

A pena que me fazem as velhas sem família, sobretudo aquelas muito limpas e escovadas, já sequinhas do tempo, vulneráveis como folhas prestes a soltar-se, e que um dos primeiros invernos fará tombar. Tenho conhecido algumas. São viúvas ou ficaram solteiras, reformadas em todo o caso de um emprego ou até simplesmente da vida, mas então reformadas por inteiro. Atingiram uma idade em que ainda são seres vivos mas já não mulheres, seres vivos que em tempos tiveram uma vida mas já se esqueceram de muitas coisas dessa vida. Bem, só recordam a infância e a juventude e a gente desse tempo, o delas, mas, mesmo isso com hesitações — «Terá sido assim? Fui eu que disse, eu que fui? Não estarei enganada, a fazer confusão?»—, tiveram um marido que desapareceu há muito, filhos que morreram ou partiram para longe, ou que até estão perto mas as esquecem porque a vida é difícil e o tempo pouco. São portanto sós, quase tão sós como as que não têm ninguém.

Com a idade, mesmo as viúvas voltaram a ser solteiras, meninas, decerto por ser esse o tempo que mais gostam de recordar. Às vezes dizem que foram bonitas, que tiveram pretendentes, que em certo baile... E os jovens sorriem porque tal coisa lhes parece ridícula e mesmo despropositada. Elas bonitas. Elas com pretendentes. Elas a dançar...

Na rua onde moro há uma pagadoria de aposentados. No princípio do mês — ou será no fim? —, vejo-as, formando bicha para serem atendidas mais cedo. Vestem-se quase sempre de preto, usam chapelinho de feltro, discreto e já ruço. São em todo o caso privilegiadas. Foram professoras primárias muitas delas; aquelas a que me refiro, as da minha rua. Recebem a sua reforma, razoável ou insignificante. Mas as outras, as que não foram nada senão mães de família desaparecida, mulheres de seu marido morto, meninas feias e prendadas que não casaram? Mas essas? Sinto um aperto no coração sempre que as vejo.

Elas são imagens simplesmente terríveis.

A assembleia do Banco Fonsecas & Burnay aprovou o relatório e contas (primeiro após a fusão)

Reuniu-se, esta manhã, a assembleia geral do Banco Fonsecas & Burnay, para apreciar o relatório e contas da gerência do ano findo, e eleger, até ao fim deste triénio, o presidente e o primeiro-secretário da mesa da assembleia geral.

Presidiu o sr. dr. Armando Manuel de Almeida Marques Guedes, secretariado pelos srs. António Pinto Barbosa Lobo Xavier e Amílcar de Sousa. Usaram da palavra os srs. drs. Fausto Figueiredo e Rafael Duque, presidentes, respectivamente, do conselho de administração e do conselho geral.

Aprovados o relatório e contas, salientou-se o facto de serem estes os primeiros apresentados após a fusão do Banco Burnay com os Bancos Fonsecas, Santos & Vianna e Regional de Aveiro. Foram eleitos, por unanimidade, para presidente da mesa da assembleia geral o sr. dr. José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich e para primeiro-secretário o sr. dr. António Restani Pinto.

Chegou a Lisboa o embaixador Philip H. Trezine para explicar o plano dos E. U. A. de redução de investimentos

Chegou hoje a Lisboa, procedente de Washington, o embaixador Philip H. Trezine, representante permanente dos Estados Unidos na O.C.D.E., e que, como representante do Governo americano, se desloca a Lisboa propositadamente para explicar ás autoridades portuguesas o plano norte-americano estabelecido para o equilíbrio da balança de pagamentos dos Estados Unidos, que levou aquele Governo a reduzir substancialmente os seus investimentos em diversos países (três biliões de dólares).

O embaixador Trezine, que vem acompanhado pelo seu assistente para as relações publicas, William A. Krauss, foi recebido no aeroporto pelo dr. Carlos Lourenço, presidente da Cooperação Económica Externa, que representava o ministro da Economia, pelo dr. Magalhães Cruz, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo embaixador norte-americano e pessoal superior da Embaixada.

Hoje, o embaixador Trezine teve uma reunião com o presidente da Cooperação Económica Externa do Ministério da Economia a que assistiram, também, o director-geral dos assuntos económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Calvet de Magalhães, inspector-geral do Crédito e Seguros, dr. Vasco Nunes da Silva e dr. Álvaro Ramos Pereira, director dos serviços de estudos económicos do Banco de Portugal.

Antes desta reunião, o embaixador Philip Trezine visitou o ministro da Economia, dr. Correia de Oliveira, a quem apresentou cumprimentos.

Plutónio ou urânio no banco de gelo onde caiu o avião «B-52»

WASHINGTON, 25 — (F. P.) — Os técnicos nucleares americanos que se encontram em Thule, julgam que uma ou mais das quatro bombas «H» perdidas no acidente do «B-52», no domingo, na baía da Estrela do Norte, se quebraram dispersando plutónio ou urânio no banco de gelo — diz-se em Washington. Esta informação segue-se com poucas horas de intervalo, á nota do Pentágono anunciando que estilhaços de uma das bombas, pelo menos, haviam sido encontrados no local do acidente.

«Posto que emanam radiações do gelo e dos estilhaços encontrados, supomos que uma das bombas, pelo menos, se partiu» — declarou uma personalidade oficial americana. As radiações em causa, localizadas no calçado dos membros das equipas de pesquisadores, são qualificadas de «ínfimas».

A MAIOR PARTE DOS DESTROÇOS ESTÁ NO FUNDO DO MAR

GOOSE BAY (Labrador), 25 — (A. N. I.) — Funcionários da Secretaria da Defesa dos Estados Unidos, de passagem pelo Labrador, disseram ontem á noite que os esforços para localizar as quatro bombas de hidrogénio perdidas desde que se despenhou o bombardeiro norte-americano «B-52», no domingo, perto de Thule (Gronelândia) foram gravemente dificultados porque, na sua maior parte, os destroços do aparelho estão no fundo do mar.

Conferências

No Centro Nacional de Cultura

No Centro Nacional de Cultura, o sr. dr. Gonçalo Ribeiro Teles fará hoje, ás 21 e 45, uma conferência na qual desenvolverá o tema de grande interesse e flagrante actualidade: «As inundações na região de Lisboa — Causas e Remédios».

CHEGAM HOJE A FARO OS REPRESENTANTES DOS ARMADORES DO NAVIO ENCALHADO

FARO, 25 — Ainda não foi decidido qual dos dois rebocadores (um grego, outro inglês) que se encontram junto do cargueiro espanhol «Polensa Quinto», encalhado na costa algarvia, procederá ao desencalhe do navio. Espera-se que cheguem hoje a esta cidade representantes das companhias armadora e seguradora do «Polensa Quinto», que estudarão a situação a fim de resolverem o procedimento a seguir em relação ao navio, a bordo do qual se encontra uma carga de 400 toneladas, que se torna muito difícil desembarcar.

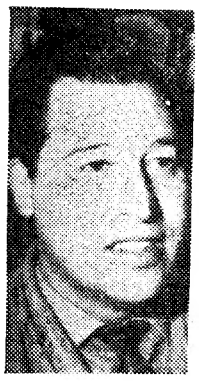
O comandante do rebocador grego manifestou a opinião de que o desencalhe é possível, o que parece problemático, atendendo a vários factores, entre os quais o peso do carregamento e o facto das marés não favorecerem as manobras.

O comandante do «Polensa Quinto» tem vindo a terra para, no consulado espanhol, fazer o «protesto do mar», e a tripulação do barco encalhado passeia pela cidade, á excepção de dois tripulantes, que se mantêm a bordo. Alguns elementos da tripulação têm já prontos os seus documentos para o caso de terem de voltar ao seu país.

Ora diga-nos...

— Quantas vezes mudou de casa depois de se ter casado?

Muda-se de casa por que motivos? «Bem, um homem casa-se, nascem filhos, vai-se tornando necessário mais espaço...» Além disso, uma pessoa também se aborrece de certos ambientes, de certas ruas, de certas pessoas...



• *Disse-nos o sr. Manuel Pereira Camelo de Oliveira, com uma mercearia na Rua da Rosa, a atender os fregueses, uma palavra amável para cada um:*

— Já mudei de casa três vezes. Estou casado há meia dúzia de anos.

— Quanto paga de renda, presentemente?

— Mil e quinhentos escudos.

— Onde?

— Na Rua da Rosa.

• *Seguidamente, o sr. Custódio Rodrigues Duarte, gerente de um estabelecimento comercial, afirmou-nos:*

— Estou casado há dois anos e meio. Ainda me mantenho na mesma casa. Pago de renda 850 escudos.

— Onde reside?

— Linha de Sintra. Damaia.

• *O empregado de armazém António Francisco, com um grande riso, disse-nos:*

— Há dez anos que me encontro casado. Pois já mudei de casa dez vezes. Não me dou, sabe? Umas vezes, é porque a casa é pequena, outras, porque os vizinhos me não agradam... Enfim — presentemente, nem renda pago. Estou de «empréstimo» em casa de meu sogro. A última renda que paguei foi de 575 escudos. Era uma casa muito afastada da cidade.

CAIU AO MAR E MORREU AFOGADO QUANDO APANHAVA ALGAS

VILA DO BISPO, 25. — Quando se dedicava á apanha de algas, no sítio da Zimbreirinha, caiu ao mar Rogério Dias Soromenho, de 17 anos, filho de José Soromenho, natural e residente nesta vila. Já cadáver, foi apanhado por um barco de pesca de Sagres, que o transportou para aquela povoação.

O XII «CENTENÁRIO» DA REAL REPÚBLICA BOA-BAY-ELA

COIMBRA, 25

Os paços da Real República Boa-Bay-Ela tornaram pública uma proclamação em verso, subordinada ao tema «Quentes e Boas!!!» (tão *quentes* e tão *boas* que não podemos dar á estampa a rima fácil e inspirada do poeta!) em que se anuncia para domingo a festa do seu XII centenário, solenidade em que será observada a regra «Nada há mais prejudicial para quem bebe, do que a presença daqueles que não querem pagar nada!».

Assinam a proclamação — que inclui convite geral para a festa do centenário (basta ser portador de arroz, aves, batatas, chouriço, feijão, sal ou vinho) — os doutores Lafayette Correia, Bay Kartuxo (mor); Lima Fernandes, Bay-Peludo; Gildásio Cabrita, Bay-á-Boleia; Acácio Amaral, Bay-Vestir a-Capa; Custódio Arroja, Bay-Alface; Arnaldo Valente, Bay-Nestlé; João Madeira, Bay-Barulho; Paulo Rita, Bay-Martelo; e Vítor Pelica, Bay-Calado.

No importante documento refere-se o nome da laboriosa servente: Marie Térèse.

Vem a propósito referir, em data tão festiva para a Real República Boa-Bay-Ela, as honrosas condecorações que possui: comendas — Ordem da Desordem e Deitar Cedo e Tarde Erguer; medalhas — de Ouro dos Kalotes, de Ouro das Olimpíadas Amorosas e de Mérito Desportivo da Grande Corrida ás Tascas; Prémio Goncourt da Cabulice. Cavaleiros da Ordem dos Sornas e cavaleiros da Ordem da Obra das Filhinhas, os republicanos em festa são ainda sócios efectivos da Sociedade Protectora das Capoeiras e sócios capitalistas dos S. M.

Parabéns aos aniversariantes e votos de boas prendas.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P.S.P. (Governo Civil): chapéu-de-chuva; porta-moedas com chaves; nota do Banco de Portugal; anel de ouro (de criança); estojo com mostruário de dentes; carteira com documentos de António José Martins da Fonseca; bilhetes de identidade de Fernando da Silva Alcobia, António Augusto Latino e António de Jesus da Silva Vilas; cartão militar de António Duarte Tomás Duarte Rodrigues; estojo com caneta e dinheiro; porta-moedas com dinheiro; caderno com folhas escritas (resumo de soldadura); camisola; cesto de palha com louça e outros artigos; estojo com óculos; luva; chapa de velocípede n.º 1-LSB, 02-14; escudete de automóvel; macaco de ferro; tampão de roda automóvel; e argolas com chaves.

Também se encontram naquela Polícia, enviados pela Carris: porta-moedas com dinheiro; luvas desirmanadas e pares de luvas; embrulho com roupa; véu; livro e cadernos; embrulho com chouriço e outros géneros; saco de plástico com roupa e malinha de criança.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *A peça «Um anjo de chapéu de palha» vai ser apresentada brevemente no Teatro Villaret, pela companhia de Henrique Santana.*
- *Como consequência, a companhia que ali representa actualmente deve encetar uma larga digressão pela província.*
- *Nada está ainda resolvido quanto ao Teatro Variedades, onde a revista «Pois... pois» continua em pleno êxito.*
- *Continua a falar-se na próxima ida da companhia de Amélia Rey Colaço para o Teatro Politeama.*
- *Ainda não está completado o elenco que irá representar no Teatro Monumental a revista «Lisboa é sempre Lisboa».*
- *A montagem da revista «Arroz de miúdas» foi confiada ao artista Mário Alberto.*
- *A próxima revista do Teatro Maria Vitória deverá intitular-se «Isso é que era bom».*

VARIEDADES

Sensacional reaparição de Raul Solnado na revista «Pois, Pois...»

Depressa a feliz notícia correu por toda a Lisboa: Raul Solnado, incontestàvelmente, o actor cómico português mais popular da actualidade, regressava aos palcos ligeiros, no comando do brilhante cartaz da fabulosa super-revista moderna de grande espectáculo «Pois, Pois...»: uma revista bem à portuguesa, mas com todo o luxo de Paris. No topo mais destacado do seu talento, inesgotável de graça e de sentido crítico, Raul Solnado arrebata os espectadores em criações verdadeiramente superiores:: o «Pinguinhas», o «Trovador», o «Anjinho», a todos imprimindo o traço caricatural capaz de desencadear um turbilhão de riso.

Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, segundo texto de José Galhardo e João Nobre, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hermâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva (dirigido por Josefina Soares), coreografia de Paulo José, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Armando Cortês, a super-revista «Pois, Pois...» tem um autêntico elenco de ouro: o espectacular Solnado, a electrizante Ivone Silva (a actriz mais premiada da temporada), Barroso Lopes, a dupla Cortês-Nicholson (de «Riso e Ritmo»), Clarisse Belo, a voz diferente e estranha de Maria Teresa Quinta, o irrequietismo do «ballet» inglês «The Santyago Dancer's», a plástica sensacionalíssima da atracção brasileira Wanda Moreno (escultura viva considerada «a mais bela mulher da América Latina»), Dina Maria, Gabriel Cardoso, Gilberto Gonçalves, Simone Mario, Odete Antunes, Sara Rafael, Fernanda Franco, Marília Gama, Nela Duarte e, ainda, bailarinos e bailarinas internacionais. Todas as noites, pelas 20 e 45 ou 23 horas, Lisboa encaminha-se para o seu espectáculo favorito: a super-revista «Pois, Pois...», com o fabuloso Solnado.

MARIA VITÓRIA

A vedeta Africa Prats e novos quadros na revista «Pão, Pão... Queijo, Queijo»

O Maria Vitória abriu as suas portas à famosa atracção internacional Africa Prats, que, com o fascínio da sua plástica, enriquece o elenco da colossal revista popular «Pão, Pão... Queijo, Queijo», agora integrada de novos quadros e de números dotados de plena actualidade crítica.

Em palcos de Portugal, esta é a estreia de Africa Prats, a «Vénus loira dos tablados europeus»: esbelta, como que esculpida por cinzel limpar, Africa Prats será a grande rainha das noites de Lisboa, cintilando no magnífico cartaz elaborado pelos produtores Giuseppe Bastos e Vasco Morgado para o Teatro Maria Vitória. Um cartaz, justo é destacar, que inclui os mais apreciados artistas de revista do momento: Eugénio Salvador, José Viana, a atracção internacional Africa Prats, Mariema, Max, Anita Guerreiro, a jovem e talentosa Dora Leal, Vítor Mendes e um friso de discípulas com notável relevância

(Continua na 6.ª página)

«O CREPÚSCULO DOS DEUSES» de Richard Wagner na récita de amanhã em S. Carlos

Com a apresentação da ópera «O Crepusculo dos Deuses», uma das mais grandiosas e exemplares obras de Richard Wagner, prossegue amanhã, pelas 21 e 15, a temporada de ópera de 1968 do Teatro Nacional de São Carlos.

Correspondendo ás exigências da obra e á sua dificuldade um elenco de grande categoria estará presente, amanhã e na tarde cultural de domingo próximo, no palco do São Carlos. O conceituado maestro Artur Grüber dirigirá, á frente da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, esta obra que, por sua vez, será interpretada por um naipe de cantores de excelente categoria, todos eles primeiras figuras da cena lírica internacional: Amy Shuard — famosa cantora inglesa — e Wolfang Windgassen — célebre tenor alemão — serão os protagonistas, vivendo as figuras de Brunilde e Sigfrido; e a seu lado actuarão ainda: Ditha Sommer, Marie Luise Gilles, Elisabeth Witzmann, Barbara Scherler, Liselotte Hammes, Lothar Ostenburg, Eduard Wöllitz e Georg Stern. A encenação é de Wiktor Pollitz, um encenador e regista de grande prestígio com o qual o nosso publico vai tomar contacto pela primeira vez. A parte coral está a cargo do Coro do Teatro de São Carlos ensaiado pelos maestros Maria Pellegrini e Carlo Pasquali.

COLISEU HOJE às 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

ATRACÇÕES MUNDIAIS

O MISTERIOSO PROF. KARMA

TRINDADE

— F. N. A. T. —

O T. N. P. apresenta

HOJE, ás 21.45 — (Adultos)

«NÃO SE SABE COMO»

de LUIGI PIRANDELLO

UM VERDADEIRO ÊXITO

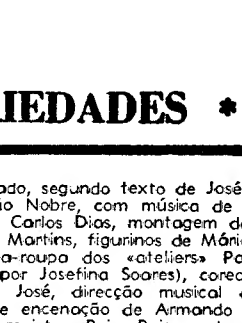
TEATRO Telef. 32 60 37

VARIEDADES

ADULTOS

HOJE: AS 20.45 e 23 HORAS

O IMPAGAVEL SOLNADO COMANDA A RISOTA NA SUPER-REVISTA DO ANO!



o fabuloso SOLNADO em «trovador», quadro cheio de comicidade da revista

POIS, POIS...

com um elenco famoso:

IVONE SILVA

BARROSO ● CORTEZ

NICHOLSON ● CLARISSE

a voz de

MARIA TERESA QUINTA

o «ballet» inglês

The Santyago Dancer's

a atracção brasileira

WANDA MORENO

TEATRO CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE ÀS 21.45 H.

M/ 17 ANOS

A magistral obra de Luigi Pirandello

A VOLÚPIA DA HONRA

pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

SÁBADO, às 16 horas — 1.ª Tarde (preços reduzidos)

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

HOJE 2 SESSÕES às 21 e às 23 horas

Adultos

TEATRO VILLARET

ÚLTIMOS DIAS

João Perry

Vasco Morgado Jr.

deliciosamente louca!

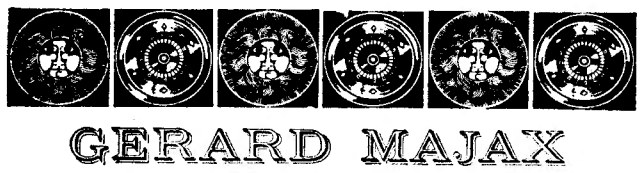
com EUNICE MUÑOZ, RUI DE CARVALHO, ROGÉRIO PAULO, JOSÉ DE CASTRO, HENRIQUETA MAYA, JOÃO PERRY — CLARA ROCHA — MADALENA BRAGA — VASCO JR.

DIA 29, ESTREIA EM SETÚBAL

CASINO ESTORIL

anne michael

A CANÇÃO FRANCESA



GERARD MAJAX

MAGIA E ILUSÃO

MARIA ALICE FERREIRA

THE JAN ARNTZ DANCERS

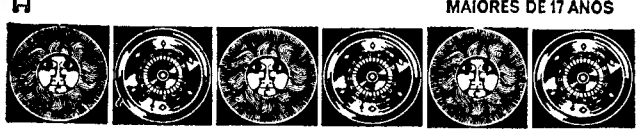
COM

ANNE MCDONNELL

FRANÇOISE MANDOU

ESTES ARTISTAS ACTUAM TAMBÉM NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS» DO HOTEL EMBAIXADOR

MAIORES DE 17 ANOS



VEJA AINDA HOJE

SALDOS

100 E 150 ESCUDOS

NA

SAPATARIA

ORION

RUA GARRETT, 42

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES NO

MONUMENTAL

TEATRO

Telef. 55 51 33

Às 21,45 h.

Domingo à tarde ás 16 horas

(ADULTOS)

7.º MÊS

LAURA ALVES em

A FLOR DO CACTO

com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA

ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA

encenação de SANTOS CARVALHO

Um espectáculo de VASCO MORGADO

DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

TEATRO Tel. 36 17 40

MARIA VITÓRIA

★ HOJE: ÀS 20.45 e 23 HORAS

AFRICA PRATS

a plástica assombrosa de uma escultura viva

RIR DESABALADAMENTE com o famoso automóvel-doido

ESTRONDOSO ÊXITO

DA GRANDE VEDETA INTERNACIONAL

★ ÁFRICA PRATS

ADULTOS

E DOS NOVOS QUADROS DA 2.ª FASE DA SENSACIONAL REVISTA

PÃO, PÃO... QUEIJO, QUEIJO

COM A GRAÇA E O TALENTO DOS POPULARÍSSIMOS ARTISTAS

SALVADOR ★ VIANA

MARIEMA ★ MAX ★ ANITA

DORA LEAL ★ VICTOR MENDES

Júlia Alves ● Tania Mota ● M.ª Antónia

30 BAILARINAS

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

DR. KILDARE — Pues..., como dizem os toireiros, lá no Dr. Kildare **discute-se á grande e á francesa. Caramba!, aquilo não é uma fita, aquilo é um pátio. A fita estreou legendas. E' a novidade do dia. Quanto ao mais, tudo na mesma. Só com a diferença de que Rudy, o médico neurótico, kera um revoltadão, esse tal começa a modificar-se. Mas antes, deixem-me contar-lhes como foi.**

Foi assim: o Rudy tinha o pai e o pai do Rudy era operário. O pai serviu 40 anos sem ser aumentado uma unica vez e sem se lembrar sequer de pedir aumento, embora em casa a miséria fosse aflitiva. Como se vê, o pai de Rudy era o símbolo da paciência e depois muito bom homem, muito cumpridor, sempre a tirar o chapéu. Pois ao fim de 40 anos que diabo de ideia teve o pai do Rudy? Pedir aumento ao patrão, imaginem!!!! A resposta foi o pai do Rudy vir para a rua e, como sofria muito do coração, teve um shilick, caiu redondo no meio do chão — e foi-se.

Desde aí, Rudy ficou um tipo intratável, desconfiado e a dizer cobras e lagartos do capitalismo e até dizia: eu não quero servir quem me fez órfão, eu vou exercer medicina para um país primitivo.

Pois ontem o Rudy, como eu estava a contar-lhes, principiou a modificar-se porque uma rapariga, que era pintora, uma artistona, palavra de honra, lhe diz: *Amo-te*, o que, em linguagem corrente significa mais ou menos: Y love you. A rapariga pergunta-lhe se quer casar com ela e o Rudy, moita. Então é que ela lhas canta, mais isto, mais aquilo, que o Rudy não casava, porque não tinha confiança em ninguém e nisso fazia asneira, porque ter confiança nas pessoas é... ai... como foi que ela disse... bem, agora não me lembro, mas disse de uma forma muito bonita, se não me engano já li aquilo, acho que foi no livro «Como fazer amigos». De tal modo que o Rudy se transfigura, se derrete, fica de subito manso como um cordeiro australiano ou coisa do género e começa logo a viver os problemas dos outros. Enfim, já não é aquele revoltadão que era há dez segundos, ó Sinatra, ó Sinatra, canta lá «o amor é uma coisa maravilhosa»...

...Agonia tanto cordelinho, tanto dispêndio e vilipêndio de palavras, de emoções, de situações. Se o publico americano conseguir resistir a máquinas destas e a outras como estas, não há duvida que merece respeito.

(Conseguirá? ...)

TV CLUBE — Em termos banais, dir-se-ia que a rubrica, ontem, atingiu um certo equilíbrio. Que Artur Garcia actuou com inexcedível sobriedade. Que não houve sobressaltos de mau gosto a ameaçar a integridade mental do telespectador. Que aconteceu, até, a preocupação louvável de informar os telespectadores mediante legendação — maneira defeituosa, em tv, mas enfim, quando não há outra...

O próprio cenário, com a ocupação em geometria, representou um evidente esforço por significar. Por fugir da rotina. Nunca organizada em termos lógicos, esfacelando paredes e a todo o instante surgindo equilíbrio instável, o cenário actuou como uma crítica ao próprio mundo onde canta Artur Garcia e onde nascem aquelas canções breves como coisa nenhuma...

Do cançonetista nada se poderá dizer de novo. Falei já na sobriedade que, sàbiamente, escolheu para definir a sua actuação. Dificilmente se poderá dizer mais. Nem sei até que ponto será legítimo pedir a Artur Garcia muito mais. Gostaria, porém, de chamar-lhe a atenção para o esquematismo, para a «fórmula» dos seus gestos, das suas expressões. O seu jogo de mão tem pouca ou nenhuma fantasia. Aplica receitas. E aquela perninha direita que dá, que dá, caramba!, já deu o que tinha a dar. É mais que truque: é tique.

Falar do repertório? Não vale a pena. O mal é de todos. Estamos a perder, em Portugal, o hábito de cantar. Isto é mais do que um problema: é um drama. Vocês reparem: em cada país existe, num dado momento, esta ou aquela cantiga que vinga, que se ouve em assobio ou em lá-lá-lá, em todo o lado. Mas em Portugal? Digam-me: qual foi a última canção que o povo (ao menos o povo de Lisboa) decorou? Eis aqui um tema que proponho á vossa meditação, quando não tiverem nada que fazer.

Das canções que Artur Garcia ontem interpretou, nem uma, vejam só, nem uma passou o muro do silêncio. A melodia aliou-se á letra para fazerem a mesma coisa, isto é: nada. Teve-se a impressão de que o cançonetista falava uma língua estranha, que pronunciava palavras, palavras apenas, palavras esquecidas de sentido, fios esquecidos de tecer — e nesse território que o cenário desumanizava, Artur

(Continua na página seguinte)

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: Noite de cinema**

Na sua rubrica noite de cinema, a R. T. P. apresenta, esta noite, o filme de grande metragem intitulado «As Aventuras do Capitão Wyatt (Distant Drums), interpretado pelos artistas Gary Cooper, Mari Aldon e Richard Webb, numa realização de Raoul Walsh.

FERNANDO FARINHA PARTICIPA NO FESTIVAL DA CASA DA IMPRENSA

Promete revestir-se do maior brilhantismo o sensacional festival que a Casa da Imprensa organiza, na noite do próximo dia 3, no Pavilhão dos Desportos, para outorgar aos mais destacados nomes do espectáculo o «Prémio da Imprensa»: galardão de uma época particularmente saliente para os distinguidos na Rádio, Teatro, Cinema, Fado, Televisão, Desporto e Tauromaquia. Hoje, a acrescentar a uma vasta e ofuscante galeria de «estrelas», acrescentamos a presença de Fernando Farinha que, acompanhado pelos seus guitarristas privativos estará nesse festival a ofertar ao publico os seus mais recentes êxitos musicais e, ainda, inesquecíveis recortes do seu álbum de triunfos mais consagrados.

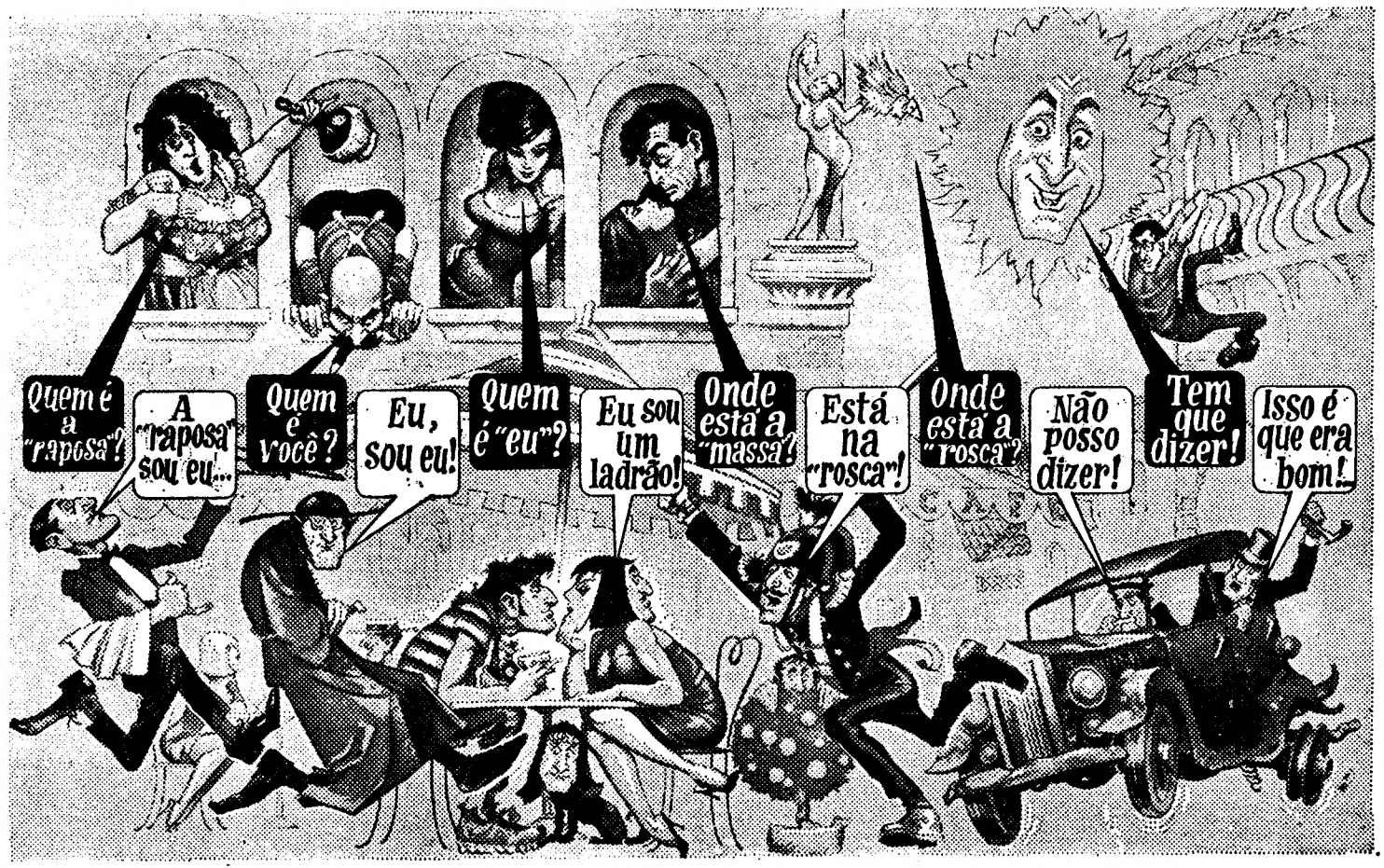
Na plenitude do seu talento, Fernando Farinha (o popularíssimo «Miudo da Bica») aproveitará o cenário do Pavilhão dos Desportos para dizer adeus a Lisboa, antes de nova e mais demorada digressão pelo Novo Continente.

Lembremos, a talhe de foice, os nomes já assegurados pela Casa da Imprensa para o seu festival anual de entrega dos «Prémios da Imprensa»: Alice Maya, Ana Cristina, Ana Hortense, Antónia Tonicha, António Mourão, Armando Cortês, Carlos Barra, Carlos Cruz,

(Continua na página seguinte)

"OLHO" NAS GAROTAS! CUIDADO COM AS "MASSAS"! ATENÇÃO ÀS JÓIAS!

A 'RAPOSA' ANDA À SOLTA...



PETER SELLERS em

A RAPOSA DOURADA

(AFTER THE FOX)

com VICTOR MATURE

e BRITT EKLAND

Argum. de NEIL SIMON Produção de JOHN BRYAN Realização de VITTORIO DE SICA

Produced by Delegate Productions A. G. and Nancy Enterprises, Inc.

PANAVISION® COLOR by DeLuxe Um filme da UNITED ARTISTS

Música de BURT BACHARACH

HEAR "AFTER THE FOX" SUNG BY THE HOLLIES AND PETER SELLERS-AND ORIGINAL SOUND TRACK ALBUM-ON UNITED ARTISTS RECORDS

Maiores de 12 anos

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE ÀS 21,30

EM SENSACIONAL ESTREIA

UM NOVO E DESCONCERTANTE TIPO DE COMÉDIA!...

RANK FILMES

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • OPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

para a graciosidade de Júlia Alves, Tânia Mota e Maria Antónia.

«Pão, Pão... Queijo, Queijo» é original de Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva (dirigido por Josefina Soares), coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador. Nota relevante: a intervenção, em «Pão, Pão... Queijo, Queijo», do automóvel-doido, que consome gargalhadas derrubando (o mais imprevistamente possível) os mais ingratos obstáculos

MONUMENTAL

Últimas representações de «A Flor do Cacto»

A afluência de público às bilheteiras do Monumental justifica-se pelo êxito que «A Flor do Cacto» vem alcançando ao longo de quase oito meses no cartaz.

Na verdade, nunca uma comédia de «boulevard» teve tal sorte entre nós, e a sua saída daquele teatro apenas é motivada pelos compromissos que Vasco Morgado assumiu, motivados pelo incêndio no Teatro Avenida.

Original de Barillet & Gredy, na tradução de Jerónimo Bragança, «A Flor do Cacto» não só porque conta com um excepcional elenco, como também, porque a história é fresca e alegre, e provoca riso constante no espectador, é bem considerado o mais divertido espectáculo teatral da época 1967/68.

Laura Alves, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa, todos com excepcionais interpretações, são os responsáveis pela estrondosa carreira.

Hoje, e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «A raposa dourada».
Título original — «After the fox».
Produção — Inglesa.
Realização — Vittorio de Sica.
Intérpretes — Peter Sellers, Victor Mature e Britt Ekland.
Género — Comédia.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — «Panavision» e «Color De Luxe».
Classificação — 12 anos.

FERNANDO FARINHA PARTICIPA NO FESTIVAL DA CASA DA IMPRENSA

(Continuação da página anterior)

Carlos de Lacerda, Celeste Marina, Eugénio Salvador, Fialho Gouveia, Florbela Queirós, Francisco Nicholson, Gerard Sotto, Igrejas Caeiro, Isabel Wolmar, Ivone Silva, João Maria Tudella, João Martins, Joaquim Cordeiro, José Viana, Madalena Ferraz, Manuela Paulino, Maria José Valério, Maria Teresa Quinta, Mariema, Marques Vidal, Max, Mirene Cardinalli, Maria José Baião, Nicolau Breyner, Nuno de Aguiar, Octávio de Matos (filho), Paulo Fernando, Paulo Jorge, Raul Solnado, Rui de Mascarenhas, Ruy Castelar, Tino Costa, Vítor Teixeira, Xavier de Oliveira, Wanda Moreno, os guitarristas Julio Gomes e Fontes Rocha, o conjunto brasileiro «Orpheu's Quartet», o conjunto-beat «Os Duques», o «ballet» inglês The Santyago Dancer's e, ainda, a orquestra dirigida pelo maestro Tavares Belo.

Os bilhetes já se encontram á venda nas Agências e nas sucursais dos jornais «Diário de Notícias», «O Século» e «Diário Popular».

Grande êxito em Viena da cantora jugoslava Ludmila Bakocevic

A cantora jugoslava Ludmila Bakocevic, que na época passada entusiasmou o publico do São Carlos e do Coliseu na ópera «Norma», acaba de obter um êxito estrondoso no Teatro de Ópera de Viena onde cantou numa série de récitas. O exigente publico e a crítica de Viena classificaram Ludmila Bakocevic como uma das mais extraordinárias cantoras ouvidas ultimamente na Austria. Igual êxito alcançou a distinta artista nas récitas em que tem actuado nos teatros líricos de Milão, Génova e Parma cantando as óperas «Norma», e «A Força do Destino» ao lado do famoso tenor Franco Corelli.

Ludmila Bokocevic cantará no próximo mês de Março em Lisboa a ópera «Simão Boccanegra», de Verdi.

NOTICIAS DOS ESTÚDIOS

- **A actriz dinamarquesa Karin Meier contracena com Eric Arnal na película «Balada para um Amor de Verão», que o realizador Richard Balducci começou a rodar em Saint-Tropez.**
- **O produtor Robert Leder vai levar ao «écran» o recente romance de William Bradford sobre a actividade da seita racista Ku Klux Klan nos Estados Unidos: «The Klansman». A direcção foi confiada a Donald Stewart e Chuck Connors será o protagonista no papel de um xerife filiado na «KKK».**
- **As autoridades francesas proibiram a exibição do filme argelino «L'Aube des Damnes», de Amde Raschedi, que é uma montagem de documentários sobre a guerra na Argélia.**
- **O compositor musical André Previn e sua mulher Dory, que deviam escrever a música da nova versão cinematográfica do «Adeus, Mr. Chips», renunciaram ao encargo por «insuperáveis divergências» de carácter artístico com o produtor Arthur Jacobs.**
- **A actriz venezuelana Ingrid Garbo acaba de terminar, em Barcelona, o primeiro filme em que intervém: «Não Somos de Pedra», de Manuel Summers.**

  Ingrid Garbo vai agora apresentar-se em Barcelona, á frente de uma companhia de revistas.
- **Rossano Brazzi iniciou, em Buenos Aires, a rodagem do seu novo filme de que é, simultâneamente, realizador e intérprete.**

  Ann Margret é a protagonista feminina desta obra que tem o título (provisório) de «Il Rubamento».

TV DIA A DIA

(Continuação da página anterior)

Garcia movia-se como uma «marionette».

Mais uma vez se chama a atenção para as excessivas dimensões do «TV Clube». Estão a exorbitar. Nove foram as canções de Artur Garcia.

OS VINGADORES — A noite fechou com mais um episódio da série «Os Vingadores». Cenas de arrepio em história do arco-da-velha, daquelas de bruxas que comem meninos. A tal ponto que a própria R. T. P. estremeceu no momento dos olhos desorbitados de terror — e adiantou uns metros da película.

Para além do desejo infantil de provocar peles de galinha no telespectador mais sensível, este «Regresso do Cibernauta» dava matéria para meditação filosófica que sei lá. Reparem: o criminoso constrói um «robot» poderosíssimo. Um demónio sem vontade própria que age ao sabor da electrónica. O «robot» não tem capacidade de opção. Está treinado para determinados movimentos de que não pergunta a razão. Acaba por destruir o seu criador donde se pode concluir a lei: quem faz «robots» ás mãos lhe morre.

Para além da lição filosófica, houve os habituais e saborosos diálogos entre Steed e Emma Peel. Emma apareceu de mini-saia. E a graçinha final do Steed, lembram-se?, quando a explosão da torradeira abre uma fenda no tecto: *«oh, oh, pelo menos foi este o primeiro sputnik britânico»*... — M. C.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- A artista Helena Calazans vai gravar um novo disco comercial.
- António Calvário, Ana Isabel e Paula Ribas são os novos intérpretes de nova película nacional.
- A novel artista Maria Madalena ingressou no elenco artístico do restaurante «Lar Português».
- O acordeonista Tino Costa deve encetar, dentro em breve, uma larga digressão pelas nossas províncias ultramarinas.
- Gravou um novo disco comercial a jovem artista Maria da Glória.
- Exibe-se dentro de dias em Paris a artista Maria Teresa de Noronha, que será acompanhada dos seus artistas privativos.

«O Porteiro» e a juventude

Em todos os meios em que as pessoas se interessam pelo teatro não se fala senão na famosa peça de Harold Pinter que o Teatro do Nosso Tempo estreou com enorme êxito no Tivoli e que ultrapassou todas as perspectivas — continuando em cena, a partir de hoje até sábado, ás 18 e 30, no Tivoli.

Pode dizer-se que o êxito desta peça de Pinter fica a dever-se á juventude que acorreu ao Tivoli. É, na verdade, um teatro novo que sómente os jovens — especialmente os de espírito — podem sentir e compreender. São os problemas do homem de hoje despidos da tradicional «literatura» teatral...

É uma linguagem corrente aparentemente banal com as implicações terríveis de um meio que deveria servir a comunicação entre as pessoas e não a serve na maioria das vezes...

São os silêncios apavorantes que não são silêncios...

«O Porteiro» tem interpretação de Jacinto Ramos, em «Aston», Henrique Viana, em «Mick», e Augusto Figueiredo, no protagonista — «o porteiro».

A encenação é de Jorge Listopad e os cenários são de João Vieira.

Os estudantes têm 50 % de desconto.

TIVOLI

HOJE, AMANHÃ E DEPOIS, ÀS 18.30

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO VOLTA À CENA
A FAMOSA PEÇA DE **PINTER**

O PORTEIRO

COM

JACINTO RAMOS — HENRIQUE VIANA
AUGUSTO FIGUEIREDO (no protagonista)

Encenação: **JORGE LISTOPAD**
Cenário: **JOÃO VIEIRA**

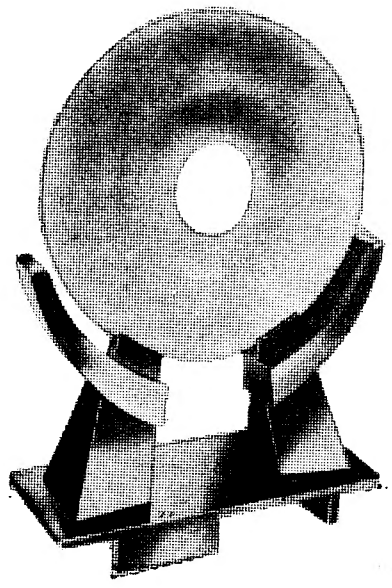
Desconto de 50 % a ESTUDANTES

Bilhetes á venda (Maiores de 17 anos)

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)

Domingo, 28 de Janeiro, às 11 horas da manhã
Concerto pela
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
Direcção: MAESTRO TENENTE SILVA DIONÍSIO
PROGRAMA
1.ª ABERTURA DE CONCERTO (original para Banda), GABRIEL PARÉS — GIOCONDA (Bailado das Horas), PONCHIELLI — VARIAÇÕES SOBRE UMA CANÇÃO ALENTEJANA de JOLY BRAGA SANTOS — II SINFONIA de BEETHOVEN
Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje
(MAIORES DE 6 ANOS)
Durante a execução de qualquer dos numeros do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos



TROFÉU DO

MIDEM

Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical
Cannes: 21/27 de Janeiro de 1968

PARA O ARTISTA QUE VENDEU MAIS DISCOS EM 1967

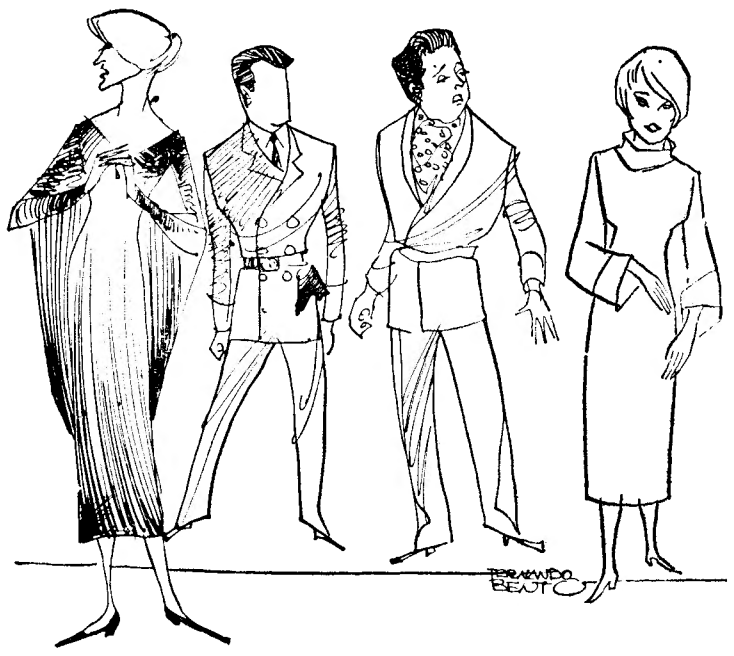
Valentim de Carvalho, C. I., S A R L, tem a honra de informar que o troféu MIDEM 1967 para PORTUGAL, foi atribuído pela 2.ª vez, à sua artista exclusiva:

AMÁLIA RODRIGUES

DISCOS **Columbia**

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA MÚSICA

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.



Lígia Teles, Rui Mendes, Canto e Castro e Isabel de Castro vistos por Fernando Bento, num momento da interpretação de «Não se sabe como»

«Não se sabe como»
no Teatro da Trindade

O Teatro Nacional Popular, que esta semana nos dá duas novas obras dramáticas, o segundo e terceiro originais desta temporada, estreou ontem «Não se sabe como», drama em 3 actos, um dos ultimos escritos por Luigi Pirandello, autor que amanhã terá, de novo, as honras da cena do Trindade, com a estreia de «Cautela, libertino!».

Com estas duas peças, apresentadas em dias alternados, se associa a companhia de Francisco Ribeiro ás comemorações do centenário do nascimento do autor italiano.

Ao escolher «No si sa come» para iniciar este pequeno ciclo comemorativo manifestou o Teatro Nacional Popular a sua preferência pelo Teatro de Pirandello onde é mais notório já o processo que mais fortemente o havia de individualizar no panorama da arte dramática.

Com efeito, em «Não se sabe como», na tradução portuguesa de Costa Ferreira, encontra-se já toda a temática da dualidade do ser, todo o esforço introspectivo de que Pirandello soube dotar as suas personagens e valeria talvez a pena traçar aqui, se não fossem outras razões, *o quadro* que aproxima este teatro da doutrina freudiana, embora Pirandello, mais marcadamente na peça agora estreada no Trindade, se preocupe em analisar e tirar partido, com fins morais, da análise de elementos puramente científicos.

Tão científicos quanto o souberam demonstrar outros autores que, depois dele, tiraram da exploração dos problemas do consciente e do subconsciente outros efeitos totalmente diferentes. Os elementos — desejos frustrados, sonhos, recalcamentos — são no entanto os mesmos e é nessa perspectiva da dualidade dessas duas vidas, a de Pirandello e a de Freud que correram práticamente a par, que encontraremos uma bela explicação moderna para o Teatro do homem de Agrigento. A ele não lhe seriam, tão-pouco, alheias as doutrinas do mestre de Viena pois Pirandello viveu em Bonn na época em que todo o mundo científico de língua alemã se agitava fortemente com «A ciência dos sonhos» ou a «Psicopatologia da vida quotidiana».

A exploração do passado mental, por mergulho no subconsciente através dos sonhos e clarificação dos dramas de consciência, com a manifestação da nevrose produzida, é um dos aspectos mais aliciantes da obra agora em cena no Trindade.

Bem entendido que muitos terão uma certa dificuldade em reconhecer nesta versão o autêntico e desejável Pirandello. Em parte, quanto a nós, pelo caminho de encenação escolhido, em parte pela interpretação, que achamos deficiente. Que Canto e Castro cuspa, faça caretas e se torça todo para dar a complexa figura de «Romeu Daddi», que é toda um jogo de interioridade em explosão, é decerto espectacular, mas de muito mau gosto. Lígia Teles, por outro lado, não dá o seu melhor, ficando Isabel de Castro e Rui Mendes numa mediania interpretativa que não incomoda enquanto Pedro Pinheiro pouco mais pode fazer do que passear o seu impecável fato branco. Os figurinos são de um recorte duvidoso, assim contribuindo para a baça tonalidade geral do espectáculo que o Teatro Nacional Popular em tão boa hora levou á cena.

LUIS D'OLIVEIRA NUNES

O bailarino português Jorge Selavisa é um dos quatro novos «partenaires» de Margot Fonteyn

O bailarino português Jorge Selavisa, cuja formação artística foi iniciada em Portugal e depois ampliada com grandes mestres de Paris e Londres, que desde há alguns anos se fixou no estrangeiro, primeiramente na extinta companhia do Marquês de Cuevas e mais tarde no London's Festival Ballet onde ocupa hoje um lugar de destaque como primeiro bailarino, prossegue com assinalável êxito a sua brilhante carreira de bailarino clássico. Tendo entrado para o London's Festival Ballet como artista do corpo-de-baile foi sucessivamente promovido ás várias categorias ascendentes e têm-lhe sido confiados recentemente papéis de grande responsabilidade não só como protagonista de alguns bailados mas também como «partenaire» de conhecidas e exigentes estrelas.

A excelente técnica e o puro estilo do bailarino e o seu talento acabam agora de ser, uma vez mais, reconhecidos e recompensados, pois Jorge Selavisa foi escolhido — com o egípcio Jean-Pierre Alban, o francês Alain Debreuil e o sul-africano Dudley Von Loggenburg, primeiras figuras, como Selavisa, do London's Festival Ballet e bailarinos de reputação internacional — para um dos quatro novos «partenaires» de Margot Fonteyn para a seu lado, interpretar o famoso e dificílimo «Adágio da Rosa» da nova produção de «A Bela Adormecida» que o London's Festival Ballet vai apresentar nesta sua temporada

TAUROMAQUIA

No México

Manuel dos Santos não acedeu á solicitação de regressar ao toureio no México, onde desfruta de grande prestígio. Contratado pela empresa da praça da capital mexicana seguirá para ali dentro de dias Oscar Rosmano e, possivelmente, Armando Soares e Mário Coelho.

Nos Estados Unidos

FILADELFIA (Pensilvania), 25 — (A. N. I.) — O Supremo Tribunal Estadual da Pensilvania revogou a ordem judicial que proibia a realização de corridas de toiros, sem bandarilhas nem estoque, a pedido da Sociedade Protectora dos Animais.

A decisão resulta do facto de não ter aquela sociedade poderes estatutários para intentar a acção contra a tauromaquia.

VIDA MUSICAL

O concerto de hoje no Palácio Galveias

O segundo concerto para audição integral das sonatas para piano e violino de Beethoven efectua-se esta noite, ás 21 e 45, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno. São solistas a pianista Nina Marques Pereira e o violinista Jacques Hartog.

O concerto compreende as sonatas n.º 2, em lá maior; a n.º 5, em fá maior; a n.º 4, em lá menor, e a n.º 7, em dó menor. Como na audição anterior, as entradas para este concerto, da iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, são gratuitas.

Concertos Imave para jovens

Efectua-se amanhã, ás 16 horas, na Escola Industrial Feminina Josefa de Óbidos, o 18.º concerto Imave, integrado na série «Auditório Juvenil», com a colaboração da Orquestra Clássica Imave, sob a direcção do maestro José Atalaya. O programa é preenchido com a execução da «Sinfonia Incompleta», de Schubert, e da «Sinfonia Heróica», de Beethoven. A interpretação será precedida, como habitualmente, de comentários explicativos.

Depois de amanhã, também pelas 16 horas, o «Auditório Juvenil» efectua o seu 19.º concerto na Escola Técnica Elementar Manuel da Maia.

O pianista Sequeira Costa dá um recital na Reitoria da Universidade

A convite do reitor o pianista Sequeira Costa dá um recital na próxima segunda-feira, 29, ás 21 e 30, na Reitoria da Universidade de Lisboa, com o qual se inaugura a série de concertos para estudantes universitários e suas famílias. Assistirá o ministro da Educação Nacional.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO

GRAÇA LOBO
uma actriz sensível

PIRANDELLO E A GENTE NOVA NA CASA DA COMÉDIA

Esta semana tem-se falado muito de Pirandello, o que não admira se nos lembrarmos que está a fazer-se a estreia de nada menos que três originais daquele autor.

Sabe-se, também, que o III Festival Internacional de Teatro se está a organizar sob a égide do dramaturgo italiano, de forma a que, em Maio, Lisboa veja no Império, uma manifestação teatral de grande classe internacional.

Mas não é só a este nível que a obra está a interessar-nos, pois uma companhia de gente nova, composta por Graça Lobo da Costa, Manuela Machado, Norberto Barroca, Rui Pedro e Martins Severino, está a preparar um espectáculo que se estreará, no sábado, á noite, na Casa da Comédia. Este espectáculo será composto por três partes — a primeira das quais, embora teatralizada, tem um carácter biográfico, representando-se ainda a primeira peça escrita por Pirandello. A segunda parte, porventura a mais curiosa, foi gizada á volta de algumas cenas de «Seis personagens á procura de um autor», acrescentando-se-lhe vários outros elementos relativos ás falas de outros personagens, doutras peças.

O espectáculo terminará, finalmente, com a representação da última peça de Pirandello (Sonho, ou talvez não), com a qual os organizadores pretendem estabelecer, para o espectador, a trajectória, do começo ao fim, de um dos mais importantes dramaturgos italianos deste século.

Hotel Alvor Praia

(Classificado de «luxo»)

NUMA DAS MAIS BELAS REGIÕES DO ALGARVE

ABERTO DESDE 1 DE JANEIRO

*

REQUINTE E CONFORTO

PISCINA DE ÁGUA DE MAR AQUECIDA

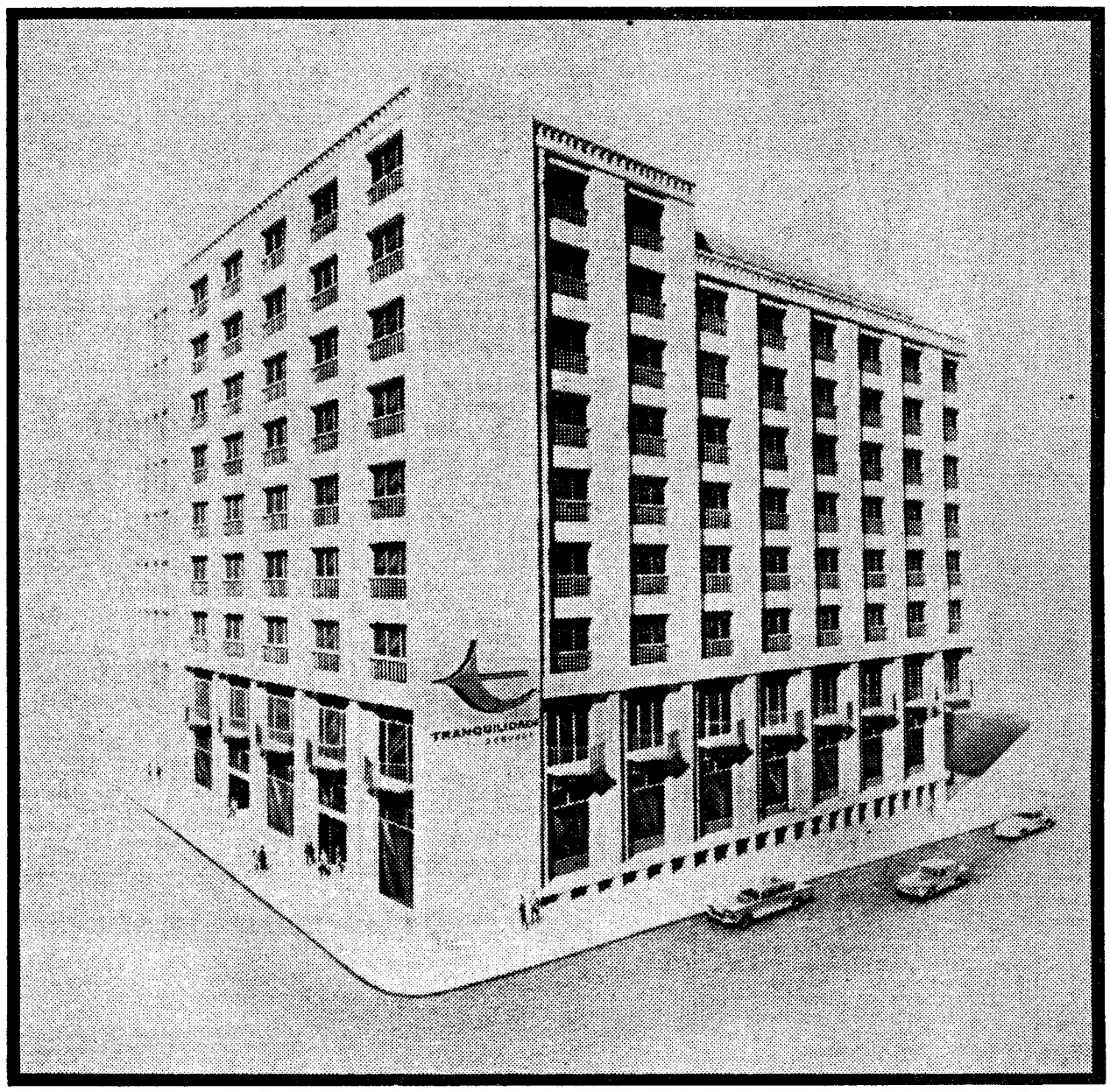
*

PREÇOS ESPECIAIS DE INVERNO

RESERVAS PELO TELEFONE 1380 — PORTIMÃO

«Hotel Alvor-Praia» | Praia dos Três Irmãos — Alvor

CUF S.P.P.A



COMPANHIA DE SEGUROS

TRANQUILIDADE

FUNDADA EM 1871

CAPITAL E RESERVAS ESC. 844.068.809$58

Comunica que, a partir do próximo dia 29 do corrente, transfere o Ramo de ACIDENTES DE TRABALHO para o seu novo edifício na

AVENIDA DA LIBERDADE, 242

TELEFONE 538866 PPC

O HOSPITAL e o POSTO MÉDICO são, também, transferidos para o mesmo edifício, com entrada pela

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 93 e 95

TELEFONE 538866 PPC

DIÁRIO DE EVA

Número crescente de mulheres alemãs regressa à actividade profissional depois dos quarenta anos

por SIGRID V. VOSS

Ainda que os alemães, de modo geral, entrassem no ano de 1968, quanto à situação política e económica, com um optimismo moderado, as mulheres têm, soma feita, motivos de estarem satisfeitas. Uma visão panorâmica do ano passado indica nitidamente que ganharam sensivelmente de prestígio e influência. A situação económica um pouco tensa elevou a mulher, na sua qualidade de cliente, a «Rainha». A indústria e o comércio tiveram de se adaptar aos seus desejos, evitando irritá-la com altas de preços. Segundo os entendidos, no ano de 1967 passaram pelas mãos de mulheres mais de duzentos biliões de marcos, ou sejam cerca de 50 000 milhões de dólares.

No Ministério da Habitação em Bonn criou-se um novo grupo de trabalho incumbido de estudar os interesses da mulher na construção de habitações e no urbanismo. Os bancos dirigiram-se ás senhoras com ofertas de títulos e planos de economia. Os banqueiros chegaram á conclusão que justamente a mulher está especialmente interessada em criar reservas para a educação dos filhos, casos de emergência e para o futuro mais distante. Um grande banco alemão organizou em algumas grandes cidades alemãs chás para as senhoras como oportunidade de discutir num ambiente agradável as vantagens da poupança e da aplicação de capitais.

Os manuais de cozinha são «best-sellers» — apesar de aumentar a influência da mulher na economia, cultura e política

A mulher alemã não desempenha apenas um papel importante na economia; também no domínio cultural vai-se acentuando a sua influência. Não aumentou apenas o número de estudantes femininas mas também o de funcionárias de categoria média e superior, assim como o número de empresárias independentes. Na Alemanha é absolutamente natural que uma mulher estude, aprenda uma profissão e a exerça antes de casar. A sociedade também já se acostumou às numerosas mulheres que exercem uma profissão, sendo ao mesmo tempo donas de casa. Um fenómeno interessante é o número crescente de mulheres que depois dos quarenta anos regressam a uma actividade profisional. Das mães de menos de 45 anos cada terceira exerce uma profissão; nas mulheres de mais de 45 a percentagem é de 41 por cento. Aliás, muitas delas só trabalham algumas horas ou meio dia.

Apesar da consciência mais nítida da sua importância, as mulheres não perderam nada da sua feminilidade. É muito elevado o número de alemãs que são modelos fotográficos no estrangeiro. Não é exagero afirmar que em todo o mundo as alemãs têm a fama de serem lindas e atraentes. É um facto que se esforçam neste sentido, subindo de ano para ano o consumo de perfumarias e artigos cosméticos.

Cuidando da sua apresentação, as alemãs não descuram as qualidades da já célebre dona de casa alemã. Nunca se cozinhou tão bem na Alemanha como hoje em dia. Os manuais de cozinha são «best-sellers».

Como a técnica e, sobretudo, os artigos electrodomésticos facilitaram extraordinàriamente o trabalho caseiro, os lavores reconquistaram prestígio. Verificou-se, por meio de um inquérito, que 52 por cento de todas as mulheres gostam de fazer malha, 56 de tricotar e 61 por cento de costurar. Não o fazem para poupar dinheiro, pois a confecção é muito barata na Alemanha, mas por terem prazer nisso. Ao que parece, a técnica moderna não consegue vencer o espírito individualista.

Afinal no que ficamos em altura de saias?

• *Os costureiros franceses apostados em contrariar todas as hipóteses*

PARIS, 25 — (F. P.) — Alongaram-se as saias? Não se alongam? As redactoras da rubrica de modas, que assistem, fiel e pontualmente, há quatro dias, ás passagens de modelos para a Primavera-Verão, estão francamente perplexas.

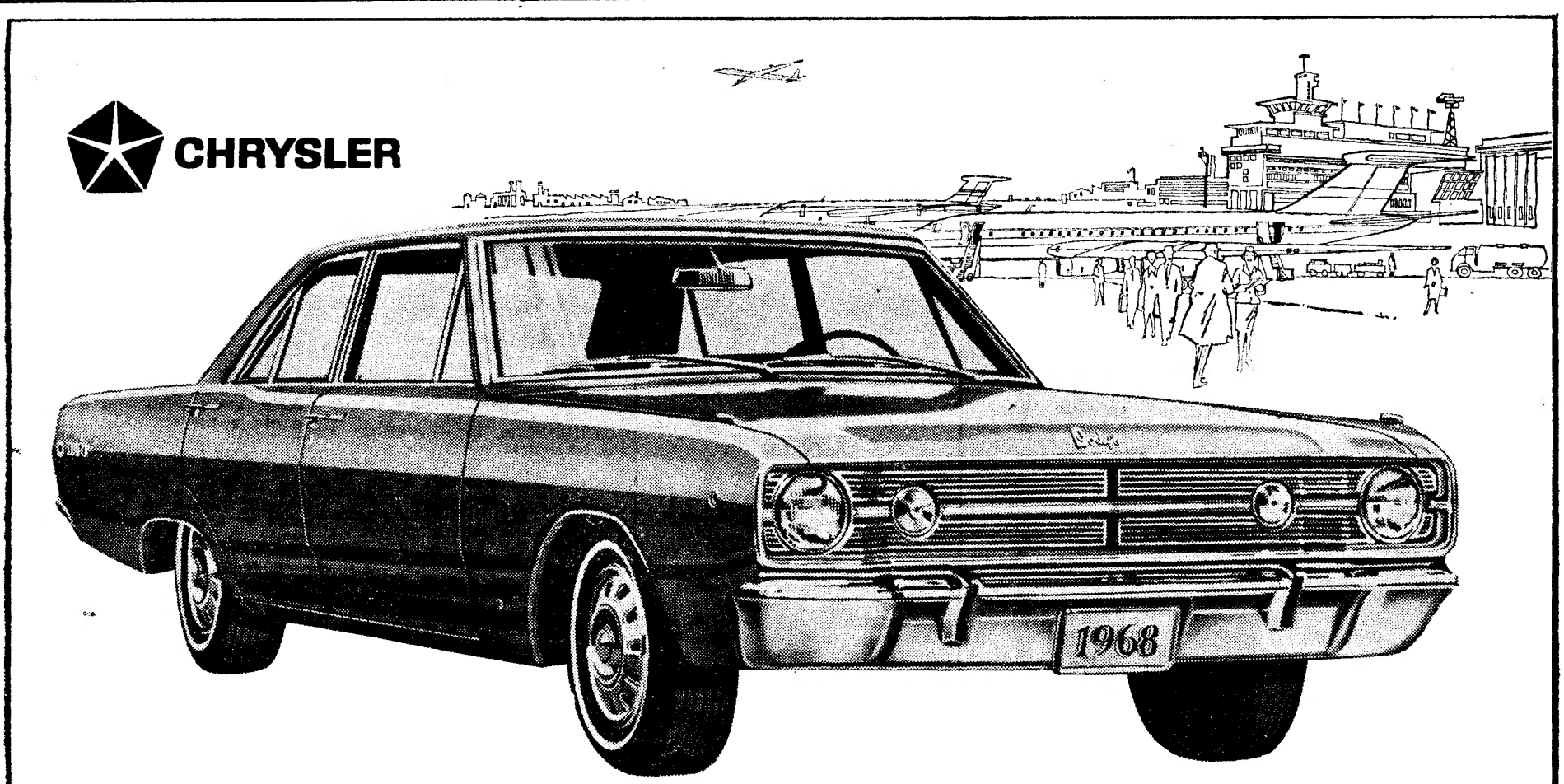
De uma colecção de modelos para outra, passa-se da meia-coxa ao meio-tornozelo. Mais ainda, em casa do mesmo mestre da alta costura, a bainha roça pelo joelho, catrapisca a rótula, mordisca o tornozelo, dança, mergulha, diverte-se desnorteando os prognósticos.

Desde já, parece-nos que será preciso dividir o mundo (da moda) em dois campos: os antigos e os modernos. Mas é nesta altura que a coisa se complica. Se o moderno é o que se faz de mais novo, então os modernos alongam. Se os paladinos de uma certa nostalgia dos anos 30 são os antigos, então os modernos encurtam...

Leitoras, andarão perfeitamente á moda — a mais recente — se usarem saias entre a coxa e a barriga da perna. Mas de maneira nenhuma acompanharão a moda a par e passo se não incluirem no guarda-roupa: qualquer coisa azul-branco-vermelho, uma saia e casaco azul-marinho guarnecido a branco, um vestido de cintura descida e saia rodada, um fato azul-marinho, um vestido justo, inteiramente bordado a vidrilhos, para a noite, um vestido de organdi com mangas tufadas, um chapéu de abas enormes e uma boina exígua, sapatos decotados de verniz escarlate com salto grosso, meias de cor vistosa, preferentemente a condizer com o conjunto, uma camélia pregada algures no decote ou na bainha da saia, cabelos lisos descaídos para as fontes ou encaracolados em volta de uma fita, um vestido de noiva, branco e a rojar pelo chão, mas sem véu.

JOGOS FLORAIS DO GRUPO DESPORTIVO DA C. U. F.

O Grupo Desportivo da C. U. F. promove amanhã, ás 21 horas, no Cinema-Ginásio, a festa para distribuição dos prémios dos 11.os Jogos Florais (7.os Nacionais e 2.os Luso-Brasileiros), com o programa seguinte: proclamação dos vencedores, entrega de prémios e leitura dos principais trabalhos de poesia; acto de variedades luso-brasileiras (maiores de 17 anos).



Linha CHRYSLER para 1968

Agora equipada com os mais recentes dispositivos de segurança

- Maior beleza de linhas
- Amplo compartimento para bagagens
- 6 cómodos lugares
- Mecânica excepcional
- Reduzido consumo

Em exposição no Stand Volkswagen de 22 a 26 do corrente, até às 0 horas

- DODGE POLARA — 4 portas
- PLYMOUTH BELVEDERE II — 4 portas
- DODGE DART — 4 portas
- VALIANT SIGNET — 4 portas
- PLYMOUTH BARRACUDA SPORT — 2 portas

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Avenida da Liberdade, 12 — Telefones 366751/7 - 370171/5 — Lisboa

Guérin 1/68

Foi solicitada a criação de estabelecimentos de ensino técnico na cidade de Évora e ciclos preparatórios no distrito

ÉVORA, 25 — O sr. ministro da Educação recebeu uma representação deste distrito constituída pelas seguintes entidades: governador civil, presidente da Junta Distrital e dos Municípios de Évora, Arraiolos e Vila Viçosa. Foi solicitada àquele membro do Governo a criação dos institutos comercial e industrial; e em Arraiolos e Vila Viçosa, os ciclos preparatórios.

O sr. prof. Galvão Teles considerou justa a pretensão, que se inclui nos planos de desenvolvimento do ensino técnico nacional; e prometeu, na medida dos condicionalismos de ordem económica e impostos pelas dificuldades na organização do corpo docente, estudar a efectivação do pedido formulado.

Na posse do Estado o antigo convento de S. Bento de Castris

Por força do Decreto-Lei n.º 34 565, de 2 de Maio de 1945, vai ser registado a favor do Estado (de direito e de propriedade) o antigo convento de S. Bento de Castris, sito no alto de S. Bento, a dois quilómetros a norte desta cidade.

Nesse grande imóvel, o primeiro convento fundado em Portugal, está instalada, há alguns anos, a secção masculina da Casa Pia de Évora. Anteriormente, funcionou ali uma estação experimental de culturas, da XII Região Agrícola, aqui instalada.

A administração da Misericórdia

Em reunião da nova mesa administrativa da Misericórdia, foram distribuídos os respectivos pelouros aos srs. Manuel Estanislau Vieira de Barahona (provedor) — Serviços gerais; arquitecto João Raul Neves David (vice-provedor) — Obras e propriedades urbanas; D. Mariana Alfacinha — Lar das auxiliares de enfermagem; D. Maria Leonor Facco Viana — Asilo Ramalho Barahona; mons. José Filipe Mendeiros — Culto; dr. José Luís Barata de Sousa Cabral — Pecuária e propriedades rústicas ligadas ao respectivo pelouro; eng.º Fernando Guttierrez Caeiro — Farmácia; eng.º José Caldeira Castelo Branco Cordovil — Agricultura e propriedades rústicas ligadas ao seu pelouro; e José Joaquim Bacharel — Serviços administrativos.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A VÁRIAS POVOAÇÕES

Começou a execução da empreitada para o abastecimento de água ao domicílio a Ponte da Barca e terminaram os trabalhos da instalação da conduta de reforço do abastecimento de água a Vendas Novas, em que foram utilizados quatro mil metros de Lusalite.

Também se concluiram há dias idênticos trabalhos em várias povoações do concelho de Torres Vedras com o emprego do referido material.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» os nossos prezados colegas: «Diário do Alentejo», de Beja; «O Almonda», de Torres Novas; «O Porto», «O Comércio de Víveres», de Lisboa» e «O Templário», de Tomar.

APRESENTADOS OS NOVOS MODELOS «ESCORT» DA FORD

Foram ontem apresentados á Imprensa, num hotel de Lisboa, os novos modelos «Escort» da Ford — «standard», «de luxe» e «GT» — que vêm equipados com as mais recentes inovações da indústria automobilística, que permitem, a par de um reduzido consumo, uma grande comodidade garantida pela suspensão dianteira do tipo helicoidal e pelos amortecedores de efeito duplo.

No decorrer da recepção oferecida á Imprensa, o sr. Howard P. Baum anunciou a nomeação do sr. Pedro Blanch para o cargo de presidente do conselho de administração e director-gerente da Ford Lusitana. O sr. Pedro Blanch, que desde 1932 desempenha funções directivas na Ford Lusitana, ascende á direcção da companhia depois de ter desempenhado, durante vários anos, as funções de administrador e gerente de vendas.

O sr. Howard P. Baum, que acaba de ser nomeado director-gerente da Ford da Suécia, dirigindo-se aos jornalistas, afirmou nomeadamente:

«A nomeação do sr. Pedro Blanch para o cargo de presidente do conselho de administração e director-gerente da Ford Lusitana não constitui sómente um merecido tributo que se lhe presta ao cabo de 36 anos de serviço na Ford Lusitana, mas também á sua excelente rede de concessionários, cujos resultados foram merecidamente reconhecidos pela direcção da Ford Motor Company».

Nas palavras de agradecimento que a seguir proferiu, o sr. Pedro Blanch, referindo-se aos programas de expansão da Ford Lusitana, afirmou:

«É meu firme propósito continuar a dar o mais amplo apoio á incorporação de conteúdo nacional nos veículos montados na Azambuja, sempre que dessa medida resulte a boa qualidade do produto». E acrescentou: «Como director da Ford Lusitana e como português, desejo manifestar que farei tudo o que estiver ao meu alcance para colaborar com as entidades responsáveis no desenvolvimento económico de Portugal».

TARDE ALENTEJANA

No domingo realiza-se na Casa do Alentejo, ás 16 horas, a habitual tarde alentejana com baile abrilhantado pela orquestra João Afonso e o seu conjunto, durante o qual funcionarão os serviços de restaurante e de bar.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

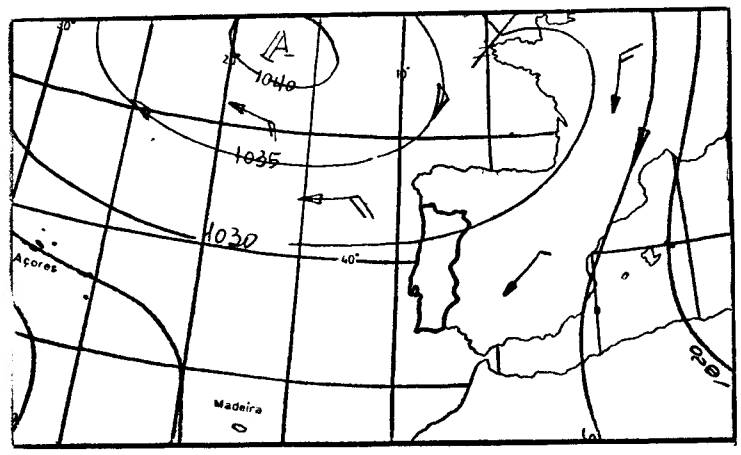
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de leste e o céu estava geralmente limpo por influência de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado a noroeste do cabo Finisterra.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 17°,5, Fonte Boa; mínima: —3°,1, Figueira de Castelo Rodrigo.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 6°; Faro, 7°; Funchal, 14°; Lisboa, 5°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 7°; Porto, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 8°,8; na água do mar: 12°,8.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇAO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 26 — O anticiclone situado entre os Açores e as Ilhas Britanicas deverá continuar a influenciar o estado do tempo no território do continente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO. VENTO FRACO DE LESTE. NEBLINA OU NEVOEIROS MATINAIS.

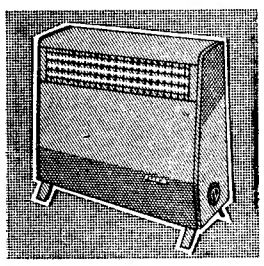
SOL — Amanhã: Nascer às 8 e 49 — Ocaso às 18 e 51

PREIA-MAR — Dia 25 — Às 12 e 27 (3,4 m). Dia 26 — À 1 e 07 (3,5 m); 13 e 47 (3,5 m). Dia 27 — As 2 e 10 (3,7 m); 14 e 44 (3,6 m). BAIXA-MAR — Dia 25 — As 5 e 56 (1,5 m); 18 e 30 (1,5 m). Dia 26 — As 7 e 08 (1,4 m); 19 e 38 (1,4 m). Dia 27 — Às 8 e 08 (1,2 m); 20 e 30 (1,2 m).

FASES DA LUA

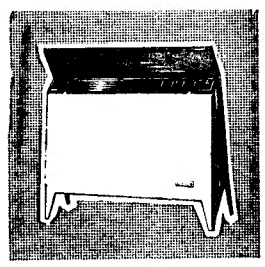
Dia 29 — Dia 6 — Dia 14 — Dia 21

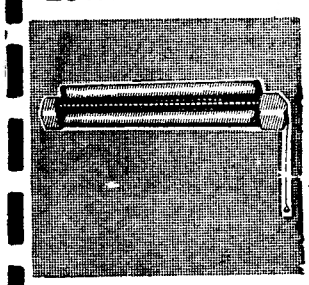
EKCO
THERMOVENT
RESOLVE QUALQUER PROBLEMA DE AQUECIMENTO ELÉCTRICO



MODELO S. R. W. 1.250 - 2.000 - 3.000 W PORTÁTIL

MODELO Q. C. 2 - 2.000 W EQUIPADO COM UM ELEMENTO ESPECIAL ESTABILIZADOR





MODELO F. S. 80/S INFRA-VERMELHOS

CONFORTÁVEL • HIGIÉNICO • ECONÓMICO
À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Dist. Gerais: MONTEIROS & REYNOLDS, LDA
R. Alexandre Herculano, 1 - 2.º E • Telef. 54394 • LISBOA
Dist. no Norte: J. J. GONÇALVES, SUCRS. COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.
R. do Freixo, 1273/81 — PORTO Telef. 55101/2

D. MARIA MIRANDA LUCAS MOTA

Passando hoje o 3.º aniversário do seu falecimento, seu marido e filho mandam celebrar amanhã, dia 26, pelas 9 horas, na igreja dos Anjos, missa pelo seu eterno descanso.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Rosa Emília da Trindade Sequeira Cid

MONFORTE, 25 — Faleceu na sua residência, nesta vila, a sr.ª D. Rosa Emília da Trindade Sequeira Cid, de 95 anos, viuva do sr. José Maria Cid e mãe dos srs. Alvaro José da Trindade Cid, casado com a sr.ª D. Maria Jacinta Alferes Cid, residentes em Lisboa; D. Henriqueta Emília da Trindade Cid Bentes de Oliveira, casada com o sr. Eurico Bentes de Oliveira, chefe da 1.ª secção do 11.º Juizo Cível, de Lisboa; José Maria da Trindade Cid, comerciante e nosso solícito correspondente em Monforte; dr. Armando José da Trindade Cid, conservador do Registo Predial da Comarca de Portalegre e D. Vitória Emília da Trindade Cid.

A bondosa senhora manteve lucidez até aos ultimos momentos, e era a pessoa mais idosa desta localidade, sendo a sua morte muito sentida.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 12 horas, saindo de casa da extinta para a igreja matriz, onde será rezada missa de corpo presente. O corpo será sepultalo no cemitério local.

À família enlutada, e em especial ao sr José Maria da Trindade Cid, apresentamos as nossas condolências.

Capitão Alvaro da Fonseca de Figueiredo Cardoso

Faleceu o sr. capitão reformado Alvaro da Fonseca de Figueiredo Cardoso, de 74 anos, pai dos srs. coronel Alvaro Ausgusto Pereira de Figueiredo Cardoso e ten.-coronel António Emílio Pereira de Figueiredo Cardoso (ausente em Angola). O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja de S. João de Deus, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

João do Nascimento Mendonça

PORTO, 25.

Na sua residência, na Senhora da Hora, faleceu o sr. João do Nascimento Mendonça figura prestigiosa nos meios industriais e comerciais, mormente na industria de tecelagem do algodão e do linho. Apesar da sua avançada idade (86 anos), fazia parte do conselho de administração da Empresa Fabril do Norte.

Republicano de firmes convicções, o sr. João do Nascimento Mendonça impunha-se á consideração geral pela inteireza de carácter e atitudes coerentes. Era pai do sr. eng.º Alberto de Mendonça.

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, para o cemitério paroquial, onde ficará sepultado em jazigo de família.

D. BERTA ADELAIDE LOPES DA FONSECA

FALECEU

FÁBRICA LUSITANA DE TINTAS E VERNIZES, LDA. cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua sócia, cujo funeral se realizou hoje para jazigo no Alto de S. João.

BANCO FONSECAS & BURNAY

S. A. R. L.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

De harmonia com a lei e os estatutos, vimos submeter ao vosso exame e apreciação as contas de gerência relativas ao ano de 1967.

Dos lucros líquidos apurados, propomos que se retirem as importâncias já distribuídas por conta do dividendo, um complemento de dividendo de 3 % e que o saldo seja levado a «Provisões Diversas».

É este o nosso primeiro relatório, depois da fusão do Banco Burnay com o Banco Fonsecas, Santos & Vianna, por escritura de 25 de Março do ano findo e do Banco Regional de Aveiro, com o Banco Fonsecas & Burnay, por escritura de 18 de Setembro do mesmo ano.

O aumento dos nossos números foi, no entanto, de uma forma geral apreciàvelmente superior ao que resulta da simples adição dos correspondentes números das três anteriores instituições.

Para esse resultado não deixou de contribuir a inauguração de quatro novas agências: a de Matosinhos, em 16 de Janeiro, a de Santa Comba Dão, em 5 de Junho, a da Nazaré, em 7 de Setembro, e a de Olhão, em 28 de Outubro, de uma dependência no Porto, na Praça Marquês de Pombal, em 16 de Agosto, e de um posto de câmbios também no Porto, na estação de Campanhã, em 20 de Julho.

Apesar disso as relações previstas no Art. 71.º do Decreto-Lei n.º 42 641, de 12 de Novembro de 1959, invocado na alínea *d*) do Art. 6.º do Decreto-Lei n.º 47 910, de 7 de Setembro último, situam-se muito acima dos mínimos razoáveis.

Com efeito, a soma do nosso capital e fundos de reserva representa, por um lado, 19,0 % do total dos depósitos e outras responsabilidades efectivas para com terceiros e, por outro, 36,2 % do total das nossas responsabilidades por aceites, avales e outras garantias concedidas.

Durante o exercício findo tivemos o profundo desgosto de perder a colaboração do Vice-Presidente do Conselho de Administração, Sr. Dr. João Luiz Augusto das Neves, falecido em 29 de Setembro e que durante perto de trinta e um anos prestou a esta casa o inestimável serviço da sua permanente dedicação.

Para o Conselho de Administração foram, entretanto, chamados os accionistas Srs. Eng.º Vergílio de Sousa, Eurico Macedo Ferreira Nunes, Egas da Silva Salgueiro e Eng.º Fernando Correia Pessoa, que, nos termos do § 2.º do Art. 10.º dos Estatutos, exercerão os seus cargos até ao fim do triénio em curso.

Já posteriormente ao encerramento do exercício findo tivemos igualmente o desgosto de perder o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Sr. Embaixador Dr. José Nosolini Pinto Osório da Silva Leão, falecido em 6 do corrente. Pessoa que, tanto pelos seus dotes de inteligência, trato e conduta, como pelos altos cargos, que desempenhou, gozava do mais elevado prestígio nos meios económicos, sociais e políticos do nosso país, à sua memória aqui deixamos o tributo da profunda saudade, que para nós resulta da falta de um verdadeiro e grande Amigo.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1968.

O PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL:
Rafael da Silva Neves Duque

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:
Fausto José Amaral de Figueiredo

O VICE-PRESIDENTE:
Vergílio de Sousa

OS ADMINISTRADORES:
Egas da Silva Salgueiro
Eurico Macedo Ferreira Nunes
Fausto Pedro de Almeida Amaral de Figueiredo
Fernando Correia Pessoa
José Maciel Alves
Júlio Manuel Porto de Vilhena
Manuel Cordo Bulhosa
Mário Luis Santos Calleya
D. Miguel Bernardo de Macedo de Bragança

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1967

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	521 320 666$51		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	477 208 823$44		
Promissórias de Fomento Nacional	90 000 000$00	1 088 529 489$95	
Correspondentes no Estrangeiro	226 287 979$10		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	5 948 955$36		
Carteira de Títulos e Cupões	1 027 938 904$38		
Carteira Comercial	1 982 672 461$60		
Letras sobre o Estrangeiro	57 939 159$85		
Correspondentes no País	8 043 825$07		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	386 445 167$91		
Devedores e Credores	402 493 648$61		
Empréstimos a mais de um ano	180 728 637$87	4 278 498 739$69	5 367 028 229$64
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		994 450$40	
Imóveis	135 729 458$62		
Amortização (a deduzir)	67 075 669$81	68 653 788$81	
Imobilizações Diversas		34 953 205$61	104 601 444$82
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Dividendos Antecipados		18 760 000$00	
Contas Diversas		215 446 249$02	234 206 249$02
			5 705 835 923$48
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		3 832 077 830$38	
Valores Recebidos em Caução		371 349 998$75	
Devedores por Garantias e Avales Prestados		1 073 648 618$72	
Devedores por Aceites		1 279 126 596$75	
Devedores por Créditos Abertos	84 720 955$00	2 437 496 170$47	
Outras Contas de Ordem		4 402 866 590$96	11 043 790 590$56
			16 749 626 514$04

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	2 993 393 507$07		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	4 308 790$50		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	47 761 396$85		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	818 657 001$22		
Depósitos a Prazo — Moeda Estrangeira	11 564 400$00	3 875 684 895$64	
Cheques e Ordens a Pagar	17 962 135$22		
Exigibilidades Diversas	1 540 379$89		
Correspondentes no País	92 683$98		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	3 046 734$35		
Devedores e Credores	591 301 990$95	613 943 924$39	4 489 628 820$03
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Diversas e Provisões			332 780 523$65
CAPITAL E RESERVAS			
Capital	264 000 000$00		
Fundo de Reserva Legal	492 900 000$00	756 900 000$00	
Reserva de Reavaliação		68 669 662$87	
Outros Fundos de Reserva		26 430 337$13	852 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Saldo do exercício anterior		502 547$71	
Resultados do exercício		30 924 032$09	31 426 579$80
			5 705 835 923$48
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		3 832 077 830$38	
Credores por Valores Recebidos em Caução		371 349 998$75	
Garantias e Avales Prestados	1 073 648 618$72		
Aceites	1 279 126 596$75		
Créditos Abertos	84 720 955$00	2 437 496 170$47	
Outras Contas de Ordem	4 402 866 590$96		11 043 790 590$56
			16 749 626 514$04

O CHEFE DA CONTABILIDADE
João Pinhão Costa

O PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL:
Rafael da Silva Neves Duque
O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:
Fausto José Amaral de Figueiredo
O VICE-PRESIDENTE:
Vergílio de Sousa
OS ADMINISTRADORES:
Egas da Silva Salgueiro
Eurico Macedo Ferreira Nunes
Fausto Pedro de Almeida Amaral de Figueiredo
Fernando Correia Pessoa
José Maciel Alves
Júlio Manuel Porto de Vilhena
Manuel Cordo Bulhosa
Mário Luis Santos Calleya
D. Miguel Bernardo de Macedo de Bragança

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO			CRÉDITO		
Juros e comissões a nosso cargo	66 518 433$27		Saldo do exercício anterior		502 547$71
Contribuições e impostos	22 309 585$33		Juros e comissões a nosso favor	174 967 196$33	
Despesas com o pessoal	79 361 515$73		Resultados em operações cambiais e sobre títulos	32 292 701$36	
Despesas gerais	25 877 729$09		Rendimentos de títulos de crédito	40 157 512$54	
Encargos diversos	649 331$60		Outros rendimentos, receitas e lucros	11 713 715$02	259.131 125$25
Provisões e amortizações	33 490 498$14	228 207 093$16			
Saldo		31 426 579$80			
		259 633 672$96			259 633 672$96

Senhores Accionistas:

O relatório, balanço e contas, respeitante ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1967 que é submetido à vossa apreciação, foi por nós verificado e constatada a sua exactidão.

No desempenho das nossas funções, em conformidade com a lei e os estatutos, tivemos oportunidade de verificar que a gestão do Banco foi mais uma vez conduzida com avisada prudência e fiel cumprimento das normas de ortodoxia bancária, não cedendo perante solicitações concorrenciais tendentes a uma expansão fácil e espectacular, preferindo subordinar aos superiores interesses da Nação, com inteligente critério de segurança, o planeamento e execução da sua política de crescimento.

Com o maior pesar nos associamos às referências feitas pelo Conselho de Administração ao desaparecimento do seu Vice-Presidente Sr. Dr. João Luiz Augusto das Neves que durante mais de trinta anos prestou ao Banco a sua melhor colaboração.

As nomeações dos novos Administradores Srs. Eng.º Vergílio de Sousa, Eurico Nunes, Egas Salgueiro e Eng.º Fernando Pessoa, verificadas no decurso do exercício, tem o nosso inteiro aplauso.

Já depois do encerramento do exercício fomos dolorosamente surpreendidos pelo falecimento em 6 do corrente do ilustre Presidente da Mesa da Assembleia Geral Sr. Embaixador Dr. José Nosolini Pinto Osório da Silva Leão. Com o maior pesar nos associamos às palavras de homenagem consignadas no relatório do Conselho de Administração à sua saudosa memória.

Somos, pois, de parecer:

— Que devem ser aprovados o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração, relativos à gerência de 1967, assim como a sua proposta para a aplicação dos lucros líquidos apurados.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1968.

O CONSELHO FISCAL:
António Calheiros Lopes — Presidente
Carlos Meleiro de Sousa
José dos Reis Mendes

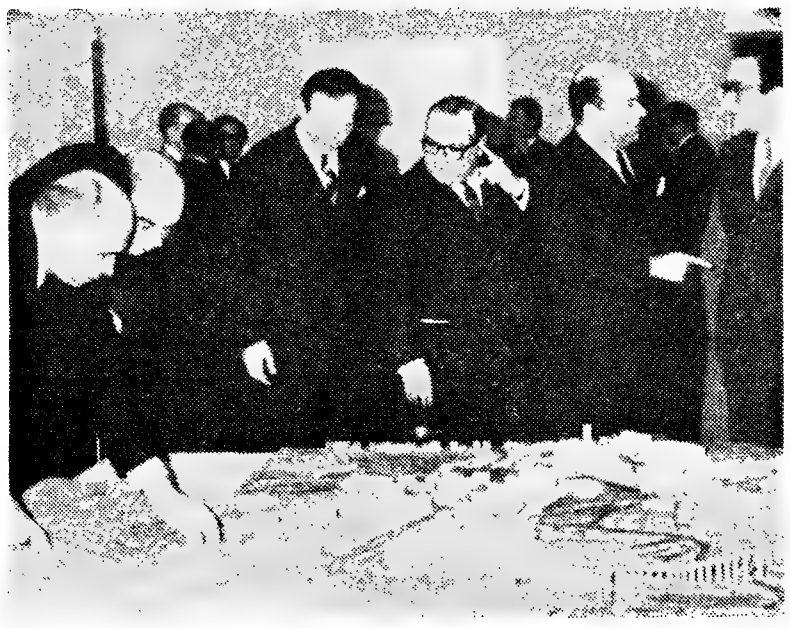
O relatório, balanço e contas transcritos foram apresentados e aprovados na Assembleia Geral Ordinária realizada em 25 de Janeiro de 1968 e o complemento do dividendo de 3 %, cativo dos respectivos impostos, estará a pagamento, na Sede, Filial, Delegação, Sucursais, Agências e Dependências, a partir de 26 do corrente mês.

O PLANO DIRECTOR DA CIDADE DE LISBOA FOI APRESENTADO À NOVA VEREAÇÃO DO MUNICÍPIO

A nova vereação do Município de Lisboa reuniu-se, hoje, em sessão privada no edifício da Rua Castilho.

O director dos Serviços de Urbanização e Obras, eng.° Ciro de Oliveira Pinto, coadjuvado por outros engenheiros daquele departamento, apresentou aos vereadores o Plano Director da Cidade de Lisboa aprovado em Novembro transacto.

Assistiram á reunião os vice-presidentes da Câmara, srs. Aníbal David e Segismundo Saldanha.



Alguns dos vereadores quando esta manhã, no Município, apreciavam a maqueta da continuação da Avenida da Liberdade

Reconhecidas as regalias aos beneficiários da Previdência que adquiriram os seus lares ao abrigo da Lei n.° 2092

Segundo informações a que atribuimos idoneidade, cremos poder afirmar que a Lei n.° 2092, de 9 de Abril de 1958 — que promulgou as bases de cooperação das instituições de previdência e das Casas do Povo no fomento da habitação, nomeadamente a isenção de contribuição predial durante quinze anos —, voltará a ter brevemente a sua interpretação inicial — e que fora posta em causa pela decisão das Finanças, ao pretender recusar as regalias concedidas pela referida Lei aos beneficiários da Previdência que compraram ou construiram as suas habitações ao abrigo daquele documento legal.

Assim, todos os trabalhadores que se encontram nessas condições beneficiarão das vantagens outorgadas pela Lei n.° 2092, que, desde modo, ganha toda a sua benéfica força e validade, independentemente da data em que, nela baseados, tenham adquirido os seus lares, tudo levando a crer que, no futuro, continuará ao serviço do povo português.

Uma unica excepção (e que nos parece absolutamente justa e pertinente): o caso daqueles que, com deplorável sentido oportunista, adquiriram ou compraram casas ao abrigo da Lei n.° 2092 e, depois, as negociaram, vendendo-as ou alugando-as, assim tirando proveito de uma Lei cujo espírito atraiçoaram, prejudicando todos quantos, de boa fé, nela basearam importante margem do seu futuro familiar. É lógico e natural que sobre esse tipo de especuladores se faça sentir o rigor do despacho interpretativo das Finanças, recusando-lhe as regalias a que, naturalmente, perderam direito.

O «Diário de Lisboa», que procurou contribuir para a solução justa deste problema, ao qual por isso mesmo deu o devido relevo nas suas colunas, não pode deixar de se congratular, com os seus leitores, pela natureza da informação que hoje publica.

Foi inaugurado em Maxixe (Moçambique)

o 26.° estabelecimento do Banco de Crédito Comercial e Industrial

MAXIXE, 25. — Foi inaugurada nesta vila, uma agência do Banco de Crédito Comercial e Industrial, que assim prossegue na execução do seu plano de expansão em território moçambicano, com o intuito de estar presente nos locais onde mais fortemente se faça sentir a necessidade de apoio bancário. Por isso decidiu abrir esta agência, que constitui o primeiro estabelecimento bancário nesta vila, que já hoje é um centro de considerável importancia e apresenta grandes possibilidades de desenvolvimento com as comunicações rodoviárias que em breve a ligação aos principais centros da província.

Tão rápido tem sido, com efeito, a alargamento da rede do Banco de Crédito que, com esta nova agência, passa a dispor de 10 estabelecimentos em Moçambique, sendo assim o 26.° inaugurado em pouco mais de dois anos nas duas grandes províncias portuguesas de África.

Á inauguração da nova agência — que antes fora visitada pelo governador-geral de Moçambique, general Costa e Almeida, em visita ao distrito e pelo governador de Inhambane — assistiram o bispo de Inhambane, um representante do governador do distrito, o delegado da Inspecção de Crédito e Seguros e numerosas figuras de relevo social e económico de Maxixe e do distrito.

Após a bênção das instalações pelo bispo de Inhambane, usou da palavra, para destacar o significado do acto, o sr. dr. Pedro Alvim, director do Banco de Crédito Comercial e Industrial em Moçambique. Começou por definir os objectivos da expansão daquela instituição bancária no distrito de Nnhambane, no intuito de estreitar mais ainda a sua actividade á dos que trabalham em todos os sectores, valorizando constantemente uma terra que nem sempre lhes oferece condições naturais muito favoráveis.

Em seguida, o sr dr Pedro Alvim afirmou.

«A vila de Maxixe, em ligação com os vizinhos concelhos de Homoine, Massinga, Morrumbene e Vilanculos, a par das circunscrições de Govuro, Inharrime, Pande e Zavala, constituem, com o concelho de Inhambane todo um conjunto económico que importa apoiar nas forças distintas que o enformam, mas cujo desenvolvimento sempre será condicionado pela necessária coordenação na diversificação criteriosa das culturas, complementaridade das industrias e na crescente eficiência de um sector comercial mais ramificado».

Por fim, destacando as coordenadas fundamentais da acção do Banco de Crédito em Maxixe, o sr. dr. Pedro Alvim disse

«Com o dinamismo que lhe é peculiar, e apoiado na segurança e no prestigio de uma tradição que se filia no Banco Borges & Irmão, seu fundador e principal accionista, o Banco de Crédito Comercial e Industrial está assim em Maxixe para colaborar e para incentivar. Mais propenso á sobriedade na acção do que á fantasia do «slogan», o Banco de Crédito Comercial e Industrial vem muito simplesmente para trabalhar. Anima-o a recepção calorosa que o acolheu e incentiva-o o respeito pelo trabalho com que Vossas Excelências têm podido erguer esta realidade pujante que é a vida de Maxixe, á qual auguramos o mais legítimo e fecundo porvir».

Milionários americanos

e ingleses (apesar da desvalorização) chegaram a Lisboa em cruzeiro marítimo à volta do Mundo

Iniciar, no primeiro mês do ano, uma bela passeata á volta do Mundo, a bordo de um dos maiores e mais luxuosos paquetes que cruzam os mares, foi o que aconteceu a seiscentos e tal nossos semelhantes (são na posse dos chamados bens de riqueza...) que, esta manhã, chegaram a Lisboa.

Trata-se de uma empolgante volta ao Mundo em oitenta dias — tal como o imaginoso e admirável Júlio Verne contou, já lá vão uns anos.

O cruzeiro começou no passado dia 19 no porto de Nova Yoork. Houve, á partida, serpentinas, musica, espectaculares jactos de água, alegria, canções — e carradas de «bye bye». O «Rotterdam», da Holland-America Line, pioneira dos cruzeiros da Volta ao Mundo, iniciava a sua sexta viagem desse género. Hoje, o navio chegou ao porto de Lisboa, e atracou ao cais da Rocha. E' a segunda vez que nos visita, esta cidade de luxo sobre o mar. Ostenta a flamula de o maior da marinha holandeza, com os seus 228 metros de comprimento e 38 645 toneladas.

A bordo, os milionários bizarros do costume. Vêem do Minnesota, da Pennsylvania, do Texas, de Washington D. C., de Iowa, da Florida, etc. Há alguns outros, também, da Grã-Bretanha — pois a desvalorização da libra, parece que não afectou muito os ingleses aferrados ao hábito das viagens turísticas. E ainda: do Canadá, da Africa do Sul, da Suiça e da França.

● Coisa para argentários

— Sabe qual é o custo médio da viagem para um casal, leitor pacato de orçamento esguio, como o meu?

— Trezentos e dez contos. Só! Claro: o paquete dispõe (como é óbvio) dos requisitos mais modernos para proporcionar aos passageiros o maior conforto, tendo em vista não só a categoria deles, mas,

Trazer na cabeça um chapéu á «cow-boy» não significa necessáriamente que se seja do Texas de Johnson. Mas este é mesmo do Texas do presidente

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

Ourivesaria da GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA

FUNDADA EM 1918

RUA D DUARTE 4-B
(Edificio do Hotel Mundial)

PHILIPS

1928 1968 40 PHILIPS

ANOS EM PORTUGAL

AS ORGANIZAÇÕES PHILIPS EM PORTUGAL

Informam os seus clientes e o público em geral de que todos os seus serviços de Lisboa, Porto e Faro se encontram encerrados, amanhã, durante todo o dia, para comemorar o 40.° aniversário da Philips Portuguesa, S. A. R. L., numa grande festa de confraternização de todo o seu pessoal.

Irmão de campeão, também vedeta é Jack Palmer, é irmão do famoso Arnold Palmer. E estes «cabs» (os pausinhos do golf) valem uma fortuna

também, a duração da viagem. Há piscinas, cinema, salas de jogos, ginásio, salões palacianos, duas orquestras e um elenco de nomes cotados do «music-hall» internacional, contratados especialmente. Em Lisboa entram alguns, rendendo outros que saem.

A nossa capital é o unico porto de escala na Europa. Embarcam 60 e saíram 20 passageiros.

O «Rotterdam» larga amanhã, pelas 16 horas. Até lá passeios, excursões por terra pelos itinerários de sempre para turista de todos os dias: museus, monumentos, Sintra, Estoril, Cascais, Setúbal, Nazaré, Batalha e Fátima, e Lisboa «by night», of course...

● Figuras de relevo

Alguns nomes bem sonantes da lista de passageiros: Mrs. e Mr. John B. Bennett, Mr. George M. Curtis, II, dr. James Gillespie Dickson (não, não é o do «dr. Kildare»); Mr. Harold Kennedy.

Quase tudo gente na curva descendente da vida. Mas também há juventude, Wonderful Girls (sim, lindas moças); e jovens filhos de magnatas e vedetas do desporto: Reed Gravel, do basebol, e J. Palmer, irmão do famoso Arnold Palmer, campeonissimo do golfe «yes, yes, vou jogar um bocadinho no Estoril»)

Do Tejo, seguirão para Casablanca, Las Palmas, Cape Town, Durban, Lourenço Marques, Port Victoria, Bombay, Mormugão (Goa), Bombay, Colombo Penang, Port Swettenham Singapura, Bangkok, Hong-Kong, Kobe, Yokohama, Honolulu, San Francisco, Acapulco, Balboa e Nova York, por fim.

O sol, o mar, os prazeres da alta roda, na volta ao Mundo em oitenta dias. Mas não a do tal Julio Verne.

— Oh, Julio Verne?! Yes, yes, vi no cinema. Very nice!

CONSELHO DE DISCIPLINA DA ARMADA

O contra-almirante de reserva da Armada Francisco Gouveia de Spínola foi exonerado do cargo de vogal do Conselho Superior de Disciplina da Armada, por ter passado á situação de licenciado. Em sua substituição, foi nomeado o contra-almirante António Morgado Belo.

Se namora ou vai casar

Compre as alianças de casamento e compromisso e os anéis de noivado na **OURIVESARIA**

BARATEIRO DE S. DOMINGOS
R. Barros Queiroz, 56

A QUE TEM MELHOR SORTIDO E QUE VENDE AOS MELHORES PREÇOS

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

JOALHARIA MERGULHÃO

Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — L I S B O A

O MAIOR LACTOLOGISTA DE SEMPRE HOMENAGEADO EM LISBOA

Um notável cientista espanhol exerceu profunda influência na evolução da indústria portuguesa de lacticínios

Há 25 anos, um médico espanhol, José Maria Rosell de seu nome, chegava a Portugal. Vinha reger um curso de lactologia para médicos veterinários. Era um cientista de fama, sumidade internacional. Mestre universitário no Canadá, que o cumulara de distinções, regressara há pouco á terra-mãe, ferido por um desgosto profundo: seu unico filho varão falecera tràgicamente naquela terra rica, imensa e amiga. Roído pela dor, Rosell resolve partir. Regressa á Espanha e refugia-se na Galiza.

Corriam os anos 40. Os primeiros da década. A guerra enchia a Europa. Sangue, destruição e morte. Aqui, em Portugal, acolhiam-se os que a ela conseguiam fugir. Havia dificuldades, racionamento. Estávamos isolados, sem poder recorrer á muleta da importação. Tínhamos de contar apenas connosco. Havia problemas graves na indústria, em todos os sectores. Nos lacticínios, por exemplo. A sua situação era calamitosa e insustentável. Não havia qualquer planeamento técnico-industrial na base do aparecimento e laboração das fábricas de queijo e manteiga que enxameavam o País. Só no distrito de Aveiro contavam-se cerca de 200 fábricas de manteiga, 400 postos de desnatação. E as fábricas (quase todas elas fabriquetas, **de moldes caseiros e muito primários) produziam desde meia duzia de quilogramas até**

Esta fotografia ficará a recordar a partir de hoje na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias a figura e a obra do prof. Rosell

meia tonelada de manteiga, no máximo.

O Governo decretara, pouco antes, a concentração industrial. Os lacticínios, a sua industria, tinham de sair de uma fase de empirismo para a concentração industrial. Surgiram, assim, novas fábricas, produto da fusão de muitas outras. Construiram-se novas instalações, procuraram-se técnicas modernas e eficientes. Enviavam-se jovens especialistas veterinários, a estagiar além-fronteiras.

(É então que o prof. dr. José Maria Rosell surge, por forma inesquecivel, na indústria lusitana dos lacticínios. Asturiano de nascimento, erguera em Tuy, numa pequena quinta — «Pazo de Rebordanes» — o seu laboratório. Ali trabalhava, fazia as suas pesquisas e escrevia os seus trabalhos.

Uma fábrica portuguesa, de Vila da Feira. Lacticínios M. A. F. (são as iniciais de três irmãos, Margarida, Ana e Francisco, seus proprietários e orientadores) conhecedora das suas obras, tivera já contactos com o prof. Rosell. Procurara-o e trouxera-o até ás suas instalações. Da admiração pelo cientista, nasce a amizade.

E quando se pensa organizar um curso de lactologia (é a ciência do leite) para médicos veterinários, sugere á entidade organizadora, a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, o nome de José Maria Rosell para seu professor e director. O dr. Fontes Pereira de Melo (era o director-geral de então) fez o convite, e o prof. Rosell veio reger o curso. Foi em 1943. Uma vintena, se tanto, de veterinários portugueses formou o corpo discente.

O curso funcionou numa quinta nos arredores do Porto (em Beiriz), cedida pelo seu proprietário, industrial de peixe e conservas. Chamava-se Torres, e foi, depois, **porta ou não aparecia, mas isso não era problema· entrava pela janela.**

Era admirado por todos. Pelo seu extraordinário saber, pela sua prodigiosa inteligência. Pela sua simplicidade, pela sua bondade, pela sua compreensão humana. Era simples e modesto, sabedor e amigo de ensinar, paciente e compreensivo quanto á juventude e irreverência dos alunos. Era intenso, o dia de trabalho. E, pomposamente, fomos chamando ao curso a Universidade Lactológica de Beiriz.

Outro aluno de então recorda o mestre admirado e amigo (é o dr. Fernando Vieira de Sá, outro cientista de renome, hoje investigador do Instituto Nacional de Investigação Industrial e que durante quase dez anos correu o Mundo ao serviço das Nações Unidas, fazendo parte das equipas da F. A. O., com outros altos especialistas de diferentes países):

— Rosell, improvisando tudo e incutindo, nos jovens veterinários seus discípulos, espírito de equipa e grande entusiasmo

CRIOU UM NOVO TIPO DE QUEIJO PORTUGUÊS
E ENSINOU A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE QUEIJOS FRESCOS

Durante a sua permanência em Portugal, o prof. Rosell prestou valiosa assistência, orientando e aconselhando, a diversas e importantes empresas nacionais de lacticínios que muito beneficiaram do seu saber e experiência. Dirigiu assim o fabrico de diferentes tipos de queijo de leite de vaca e ensinou também a fazer queijos frescos, com carácter industrial, é evidente. Na empresa Lacto-Lusa criou até, um novo tipo de queijo, o «Belo-Luso», desde logo considerado um dos melhores que apareceram no mercado nacional. Em Espanha, criou também um queijo do tipo Roquefort, fabricado com leite de ovelha. Em Portugal, porém, o professor Rosell trabalhou sempre e apenas com leite de vaca para o fabrico de queijos

agraciado com a Ordem de Mérito Agrícola)

● Numa quinta em Beiriz

Um dos alunos de então recorda (é o dr. Inácio António dos Santos, hoje presidente da Sociedade Portuguesa Veterinária de Higiene Alimentar, cientista e autor de obra valiosa, director da Central Pasteurizadora de Leite de Lisboa):

— **A quinta era aprazivel, bonita, com uma bela casa, rodeada de árvores e jardins. Mas a instalação fabril era pobre... Uma casa com amplas salas, sem qualquer mobiliário. Ao lado, uma pequena caldeira geradora de vapor, trabalhando a lenha. Noutra dependência, ao lado desta casa, um outro compartimento, onde se instalou o laboratório. Com material próprio, com material adquirido, com material fabricado por nós próprios ou por nós próprios adaptado, já sob orientação do prof. Rosell: com leite comprado e trazido em carroça, puxada a burro, ali decorreu um dos mais proficientes cursos técnicos organizados pelos Serviços Pecuários.**

E conta ainda:

— **Manhã cedo, o prof. Rosell era o primeiro a chegar á improvisada fábrica. Por vezes, a chave não estava na** conseguiu realizar um ambiente de interesse e de trabalho tão vigoroso que fazia a surpresa de quantos apareciam de visita. Nesse curso, cujo programa de actividades diárias começava ás primeiras horas da manhã e se desenvolvia por sessões práticas, aulas teóricas, polémicas e amenas conversas, durante as refeições e ao serão, de manhã até á noite, o assunto dominante a todas as horas era a lactologia, e Rosell, com um espírito jovial igual ao dos mais jovens dos participantes, sempre com uma *broma*, sempre com u n afago, conduzia paternalmente o curso, e a tal ponto que, volvidos 25 anos sobre esses tempos, ficou desse curso, a todos nós, uma das mais agradáveis recordações da vida.

● O maior lactologista de sempre

O professor José Maria Rosell foi indiscutivelmente (provam-no a repercussão do seu nome, a projecção dos seus trabalhos) o primeiro lactologista mundial do seu tempo, o que significa que, tendo vivido precisamente na época em que a indústria leiteira adquiriu foros cientificos e desenvolvimento t é c n i c o surpreendente, ele foi, na realidade, o primeiro lactologista de sempre. Numeroso é hoje o grupo de investigadores científicos e tecnologistas que se dedicam á lactologia, mas sòmente Rosell, investigador de laboratório de refinado espírito científico, era, ao mesmo tempo, um prático, um tecnologista, um espírito que se ajustava exacta e rigorosamente ao meio em que tinha de trabalhar e onde havia uma tarefa de melhoramento a executar.

(Médico, licenciado p e l a Universidade de Barcelona, o prof Rosell, mal terminado o curso, logo se dedicou ao campo da bacteriologia e da dietética. E daí, lògicamente, se encaminhou para o estudo do leite, do queijo, da manteiga. Da lactologia, portanto. Durante 11 anos estudou e especializou-se na lemanha e na Suiça. Depois, voltou a Espanha. Até que seguiu para o Canadá, em 1928, onde viveu até 1940 Ali foi professor catedrático de Microbiologia e chefe do Departamento de Investigações das Faculdades de M e d i c i n a Comparada e de Agronomia de OKA, Quebec, Universidade de Montreal: professor de Tecnologia na Escola de Indústrias Lácteas da Província de Quebec (St Hyacinthe). Em reconhecimento e consagração dos seus méritos, a Universidade de Montreal elevou-o á dignidade de seu doutor «honoris causa» e deu o seu nome ao Instituto de Bacteriologia da Faculdade de Agronomia de Oka, por ele criado e dirigido. Hoje, este centro de in-

(Continua na 18.ª página)

Jovens veterinários portugueses de há 25 anos rodeiam o prof. José Maria Rosell, junto do edifício onde decorreu o curso por ele então ministrado

América Latina

Agora por menos 4.340$00

Aruba, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Curaçao, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Venezuela.

Uma oportunidade sensacional que a Pan American lhe oferece agora de visitar algumas das terras mais maravilhosas do mundo, a preços nunca igualados. Compre o seu bilhete para qualquer delas à base da tarifa de excursão 14/21 dias e poupa imediatamente 4.340$00 durante a época de preços reduzidos (1 de Novembro a 31 de Março). Tratamos-lhe de tudo — emitimos-lhe o bilhete, fazemos-lhe as reservas. Basta que se dirija ao seu Agente habitual ou à Pan American. Depois prepare as malas e parta... poupando 4.340$00 escudos.

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

Praça dos Restauradores, 46 - Lisboa — Serviço de Reservas .Tel. 36 25 91 (5 linhas)

Recrudesce na Coreia do Sul a actividade das guerrilhas

PYONGYANG, 25 — (F. P.) — «Guerrilheiros sul-coreanos armados continuam a surgir por toda a parte na Coreia do Sul» — afirma a agência de Imprensa da Coreia do Norte, segundo a qual um destacamento desses guerrilheiros se manifestou anteontem (no bairro de Xangaju, em Seul, tendo nesse mesmo dia actuado outros grupos nas proximidades de Djeungbu e de Dongtucheun, na província sul-coreana de Kyeungki. Também anteontem, outro destacamento de guerrilheiros atacou militares americanos próximo do rio Rimdjin, em Padjumo. O tiroteio durou mais de uma hora. Na noite de 23 para 24 um grupo de guerrilheiros abriu fogo em Seul contra soldados e polícias e ontem voltou a atacar na capital sul-coreana.

Os ataques norte-coreanos constituem um problema grave e o numero de incidentes com guerrilheiros infiltrados, vindos do Norte, aumentou de 50, em 1966, para 500, em 1967.

REFORÇADAS AS FORÇAS QUE GUARNECEM A FRONTEIRA

SEUL, 25 — (F. P.) — Em diferentes pontos da zona norte desta capital registou-se hoje tiroteio esporádico entre americanos — apoiados por tropas sul-coreanas — e elementos norte-coreanos que ali se tinham infiltrado. De fonte militar sul-coreana pensa-se que uns 30 agentes norte-coreanos, enviados para ajudarem os sobreviventes do comando que devia assassinar o general Park Sung Hee, conseguiram atravessar a fronteira. Segundo as primeiras informações, dois soldados sul-coreanos foram mortos e oito americanos ficaram feridos.

Por outro lado, sabe-se que foram atacados elementos da 3.ª brigada americana e a guarnição americana da posição n.º 38 das Nações Unidas. Os combates prosseguiam esta tarde.

De fonte militar sul-coreana anunciam que as forças encarregadas de guardar a fronteira foram consideràvelmente reforçadas, desde o passado domingo, primeiro dia da crise.

As patrulhas navais intensificaram igualmente as suas missões de vigilancia nas proximidades da fronteira onde, segundo algumas informações, se estão a verificar concentrações de barcos de guerra norte-coreanos.

UM AMERICANO MORTO

SEUL, 25—(F. P.)—Foram hoje mortos dois soldados sul-coreanos e ficaram feridos oito soldados americanos, durante as operações de perseguição a guerrilhas comunistas — anunciou um informador do Exército norte-americano. O informador acrescentou que desde terça-feira ficaram feridos 12 soldados americanos.

Um informador coreano afirmou que tinham sido mortos mais dois dos 31 comunistas que atacaram Seul, no domingo passado, elevando o total de mortos deste grupo para 17, além de um prisioneiro.

Na linha da frente perto do sector ocidental da zona desmilitarizada foi morto, ontem á noite, um soldado americano, possìvelmente devido a tiros disparados do norte.

Existe apenas um dentista em nove territórios

GENEBRA, 25 — (R.) — Há uma coisa em comum nas ilhas Comoro, na Gâmbia, Ifni, Guiné Portuguesa, Ruanda, Santa Helena, Mascate e Oman, Timor Português e Alto Volta — têm apenas um dentista

Ao todo, há apenas 432 000 dentistas no Mundo.

Elementos publicados pela Organização Mundial de Saude, baseados em dados colhidos em 1963, revelam também que tanto o Yemene como a Buchuanalândia não têm dentista algum.

Os norte-americanos são os que estão melhor servidos, com um dentista para cada 2620 habitantes, e os africanos são os que estão pior, com um dentista para 81 000 habitantes.

O dentista do Alto Volta é o mais sobrecarregado. Estatìsticamente, tem 4 650 000 doentes, ou sejam 140 milhões de dentes para ver.

Na cidade norte-americana de Darborn, 190 mulheres decidiram empunhar as armas. Com efeito, estão a frequentar um curso durante o qual aprenderão a defender-se. O curso foi lançado depois dos distúrbios do último Verão

ESPERANÇAS NORTE-AMERICANAS DE LIBERTAÇÃO (EM BREVE) DOS TRIPULANTES DO «PUEBLO»

WASHINGTON, 25. — (R.). — Diligências comunistas, após o apresamento, pela Coreia do Norte, do navio americano «Pueblo», fizeram aumentar as esperanças nesta capital de que os 83 tripulantes poderão ser libertados em breve.

Tanto na Casa Branca como no Pentágono, a palavra de ordem é presentemente de «paciência», mantendo-se, porém, a hipótese de acção militar.

O gigantesco porta-aviões «Enterprise» chegou hoje ao largo da costa da Coreia, numa exibição de força, comandando uma força naval dos Estados Unidos, que inclui, também, dois contratorpedeiros.

De acordo com declarações feitas durante a noite, pelos norte-coreanos, aumentou a especulação em Washington de que os comunistas poderão estar a planear ficar com o barco e libertar os tripulantes.

Conjecturas não oficiais acerca de possíveis disposições militares para recuperar o navio incluiam um ataque directo contra o porto de Wonsan, onde o barco se encontra retido, até certa forma de bloqueio naval.

Contudo, funcionários do Departamento da Defesa rejeitaram a ideia de que estava na forja outra guerra convencional. Sublinharam que mesmo uma acção militar em pequena escala parecia ser limitada, presentemente, enquanto os norte-coreanos mantiverem 83 americanos como reféns.

INDÍCIOS ANIMADORES

WASHINGTON, 25. — (A. N. I.). — Nos círculos oficiais de Washington corre com insistência que a Coreia do Norte, embora conserve em seu poder o barco de informações «Pueblo», libertará a respectiva guarnição constituída por 83 homens.

Segundo se sublinha nos círculos oficiais, há dois indícios que tornam provável tal hipótese:

— O general Pak Chung Kuk, chefe da delegação militar norte-coreana, que ontem se reuniu em Panmunjon com a delegação norte-americana, declarou: «O navio ficará em nosso poder». Mas não disse o mesmo relativamente aos tripulantes.

— Ao difundir uma «confissão» do comandante do «Pueblo», a rádio norte-coreana inseriu a frase final, em que se manifesta a esperança dos tripulantes de serem libertados em breve.

COMENTÁRIO DO JORNAL «PRAVDA»

MOSCOVO, 25 — (R.) — A «Pravda» escreve hoje que os Estados Unidos são culpados de uma «nova e imprudente provocação ao enviarem um navio «espião», em direcção á costa da Coreia do Norte»

Este foi o unico comentário feito directamente por aquele órgão do Kremlin ao apresamento do «Pueblo» e à resultante tempestade internacional.

A «Pravda» não mencionou os pedidos feitos pelos norte-americanos á U. R. S. S. para auxiliar na entrega do «Pueblo».

O Departamento de Estado anunciou, ontem á noite, que o Kremlin tinha rejeitado o pedido norte-americano.

Apelo ao povo norte-coreano

TÓQUIO, 25 — (F. P.) — O ministro norte-coreano da Defesa, Kim Chang Bong, fez um apelo ao povo, exortando a estar pronto «a esmagar qualquer provocação do inimigo» — anunciou esta manhã a Agência Central de Imprensa norte-coreana

«Os agressores americanos intensificam as suas provocações deliberadas ao longo das costas orientais e ocidentais, perto da linha de demarcação militar» — acrescentou o ministro. «O aumento das actividades da guerrilha em diversas partes da Coreia do Sul alarmam os Estados Unidos» — prosseguiu.

Segundo a mesma agência, o ministro fez em seguida o elogio dos marinheiros que capturaram o navio «Pueblo» e a sua tripulação.

Giap utiliza a artilharia contra Khe Sanh como em Dien Bien Phu

SAIGÃO, 25 — (R.) — Forças norte-vietnamianas, comandadas pelo general que derrotou os franceses em Dien Bien Phu, em 1954, desencadearam uma grande ofensiva contra a remota base americana de Khe Sanh.

Os norte-vietnamianos, que concentraram entre 20 000 a 40 000 homens na área, atacaram, a noite passada, durante três horas, com fogo de artilharia, os 5000 fuzileiros navais que guarnecem a base.

Um oficial norte-vietnamiano aprisionado disse que a ofensiva do Vietnam do Norte está a ser comandada pelo general Vo Nguyen Giap, de 54 anos, o vencedor de Dien Bien Phu — segundo revelou um informador americano.

O general Giap, acualmente comandante-chefe das Forças Armadas e ministro da Defesa do Vietnam do Norte, é considerado como um dos técnicos mais proeminentes do Mundo em matéria de luta de guerrilhas.

A informação americana sobre a ofensiva foi comunicada pouco antes do presidente Nguyen Van Thieu, do Vietnam do Sul, ter avisado que pressão cada vez maior teria de ser feita sobre o Vietnam do Norte, se prosseguisse a agressão.

Alguns observadores militares experimentados de Saigão, disseram que os norte-vietnamianos esconderam artilharia em tuneis, á volta de Khe Sanh, e retiraram-na dos esconderijos para cada peça disparar alguns tiros, como aconteceu em Dien Bien Phu.

Tropas norte-vietnamianas efectuaram um breve ataque contra a base, durante a noite, mas foram repelidas após luta nas trincheiras e ao longo de arame farpado que formam o perímetro da base.

Gigantescos bombardeiros «B-52» atacaram as concentrações de soldados norte-vietnamianos á volta de Khe Sanh, por três vezes durante a noite.

Khe Sanh está situada apenas a 28 quilómetros do Vietnam do Norte e a oito do Laos.

Algumas das granadas que atingiram a base foram disparadas por peças de 152 m, as maiores do arsenal do Vietnam do Norte.

O bombardeamento seguiu-se a ataques com artilharia, foguetões e morteiros, durante todo o dia, contra posições dos «marines» nas colinas 881 e 861, que rodeiam a base.

A maior parte do bombardeamento contra a base partiu de canhões colocados pelos norte-vietnamianos em Khe Sanh, donde 1100 civis sul-vietnamianos foram evacuados ontem, pouco antes das tropas comunistas ocuparem a cidade.

Jactos dos fuzileiros navais lançaram «napalm» próximo do aeródromo, para impedir os norte-vietnamianos de metralharem aviões de transporte trazendo munições e abastecimentos vitais.

A auto-estrada ligando Khe Sanh com o resto do Vietnam do Sul está cortada em diversos pontos.

Preparativos militares no Extremo Oriente

(Continuação da 1.ª página)

Recusaram-se, porém a fornecer mais detalhes.

JACTOS AMERICANOS ENVIADOS PARA A COREIA DO SUL

WASHINGTON, 25. — (F. P. e R.). — Círculos militares revelaram hoje que foram deslocados mais de 36 jactos da Força Aérea norte-americana para um campo de aviação na Coreia do Sul, em consequência da captura do «Pueblo».

Os aparelhos pertenciam a esquadrilhas que se encontravam no Japão e em Okinawa e o Pentágono não fez qualquer comunicação acerca dessa transferência.

Contudo, círculos militares anunciaram que os aviões, na sua maioria «Thunderchiefs», foram enviados para as bases da Força Aérea, de Kunsan e Osan.

No momento do apresamento do «Pueblo» conhecia-se apenas a existência de oito caças-bombardeiros na Coreia, preparados para transportar armas nucleares. Esta foi uma das razões que levou á decisão de não dar apoio aéreo ao «Pueblo», quando este pediu assistência pela rádio.

NAVIOS DA SÉTIMA ESQUADRA VÃO PARTIR DE HONG-KONG?

HONG-KONG, 25 — (A. N. I.). — Há rumores de que os navios da Sétima Esquadra norte-americana, que se encontram em Hong-Kong, para repouso das tripulações, vão fazer-se ao mar, suspendendo-se as licenças do pessoal.

Ao todo, encontram-se em Hong-Kong dez unidades da Sétima Esquadra entre as quais o porta-aviões «Kearsarge» e o submarino nuclear «Sea Dragon».

Hong-Kong é utilizado como porto de repouso dos barcos que combatem no Vietnam. Fica a 1100 milhas da Península da Coreia.

POLÍTICA CUBANA

(Continuação da 1.ª página)

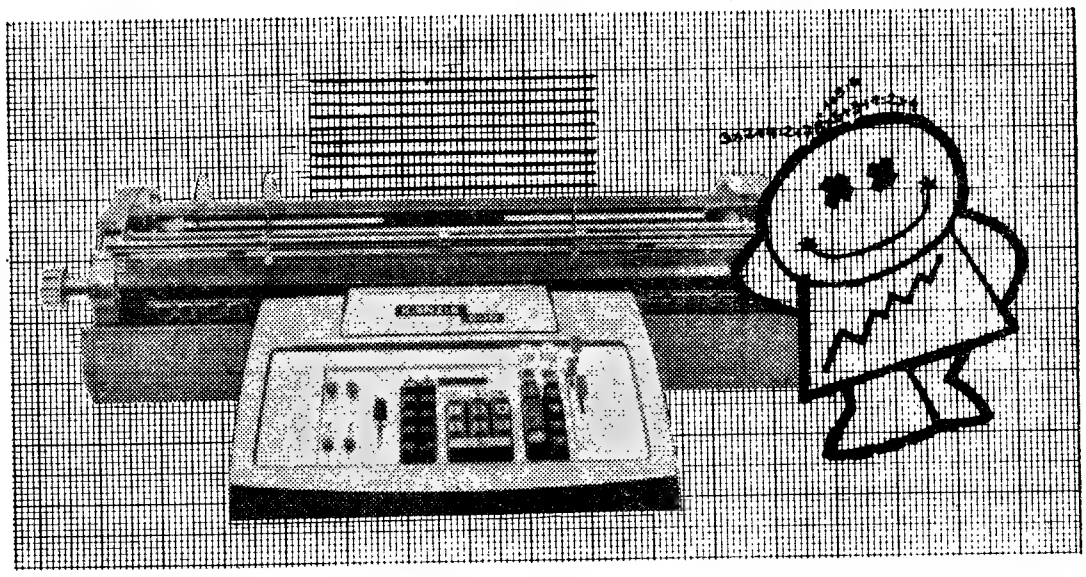
Esta alteração mantê-lo-á, todavia, á testa da política nacional.

Não se sabe quando começou a reunião nem quando terminará.

Alguns observadores supõem que as deliberações da comissão estão relacionadas com uma remodelação da hierarquia comunista, movimento preparatório do Primeiro Congresso do Partido, cuja data não foi ainda anunciada. A reunião poderá durar dois dias.

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

O QUE SIGNIFICAM AS NOSSAS INTERVENÇÕES....



1. A colaboração de organizadores experientes para a solução de todos os problemas de racionalização administrativa.

2. A formação do pessoal das empresas, por técnicos competentes, com longa experiência.

3. O equipamento "certo" para o problema "certo" escolhido através de análises profundas aos problemas.

4. Um programa de equipamentos cuja dimensão permite a escolha adequada, e mais produtiva.

5. Um serviço de após venda que permite obter do equipamento a maior rentabilidade. Este serviço é prestado por especialistas formados nas fábricas da n/ representada

EFICEX KIENZLE

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A - Telefs. 727028-725074
SERV. COM. DE LISBOA: Av. Padre Manuel da Nóbrega, 4-B - Tels. 72 61 05-727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 2.º-Dto. - Telefone 30698
FILIAL EM LEIRIA - Rua Gago Coutinho, 22 e 24 - Telefone 23740

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 25 — (A.N.I.) — O gabinete do Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola distribuiu o comunicado relativo ao período de 11 a 20 de Janeiro, que é do seguinte teor:

Em Cabinda: não se registou qualquer acção dos terroristas, nem foram observados quaisquer indícios da sua presença.

No Norte da província: a actividade do adversário foi algo mais intensa do que no período anterior, tendo sido orientada, especialmente sobre fazendas, cujas autodefesas foram suficientes para pôr os terroristas em fuga. Referem-se pelas suas consequências, as seguintes acções: flagelação de trabalhadores da fazenda Bombo, a noroeste de Mucondo, que causou um ferido; ataque á fazenda S. Geraldo, a oeste de Terreiro, que provocou dois mortos; ataque á aldeia de Sete, na região de Terreiro, que foi, em seguida, saqueada; ataque á sanzala Mueto, a leste de Mangando, que ocasionou um ferido das respectivas milícias, as quais, na reacção provocaram um morto e, provàvelmente, outras baixas aos terroristas; uma emboscada a uma coluna das nossas tropas, na região do troço médio do rio Lifune, ocasionou dois mortos, sendo um deles guia civil, e dois feridos, em que um é também guia civil. Na mesma área, os terroristas colocaram um engenho explosivo antipessoal, que provocou um morto nas nossas tropas e ferimentos graves noutro guia civil.

Na actividade das nossas tropas, além do intenso esforço desenvolvido em proveito dos itinerários, salienta-se a captura de seis elementos suspeitos na área de Calumbo, a sueste de Carmona, uma emboscada que provocou um morto e um ferido e a apreensão de oito granadas de mão, a sul do rio Zenza, e a perseguição ao grupo de terroristas que atacou a aldeia de Sete, nas condições já referidas, e no seguimento da qual as nossas tropas provocaram um morto e vários feridos, destruiram um acampamento e apreenderam uma pistola metralhadora e uma espingarda.

No Leste da província: A actividade dos terroristas foi relativamente reduzida, sendo, no entanto, de destacar, as acções seguintes: rapto de três mulheres, perto de Lutembo, e de vários elementos da população de um quimbo, a noroeste de Ca'unda, os quais, posteriormente, conseguiram iludir a vigilancia dos terroristas e pôr-se em fuga, e uma emboscada a uma coluna das nossas tropas, a nordeste de Caripande, o que provocou um ferido ligeiro, tendo sofrido os terroristas, contudo, um morto e um ferido na reacção que se seguiu.

As nossas tropas desenvolveram intensa actividade, que causou baixas consideráveis aos terroristas. Salienta-se a perseguição a um grupo de terroristas, na área de Luma Cassai, em que se causaram cinco mortos e se destruiu um acampamento; a reacção a uma emboscada montada pelo adversário, no itinerário de Sete a Ninda, em que se ocasionaram dois mortos e provàvelmente outras baixas; três batidas — sendo uma a noroeste de Alto Cuito, em que provocaram um morto e um ferido e capturaram três terroristas, outra a sul de Cangonga, em que causaram cinco mortos e destruiram um acampamento, e uma terceira na área de Rivungo, em que ocasionaram dois mortos e outras baixas não verificadas — a destruição de outro acampamento, a sul de Cangamba, durante a qual provocaram dois mortos e capturaram sete terroristas.

Na acção das forças militarizadas e das milícias destaca-se a reacção destas ultimas, em face do ataque já mencionado á sanzala de Mueto.

Merece referência ainda, a eficiência da autodefesa das fazendas Chandragoa, Aurora, Cabenda, Balamo e S. Geraldo, que repeliram os ataques levados a efeito pelos terroristas.

As nossas tropas sofreram, em combate, dois mortos, cujos elementos de identificação foram difundidos pelos órgãos de informação, e dois feridos. Verificaram-se, ainda, três mortos e quatro feridos entre a população civil.

Durante este período, apresentaram-se ás autoridades cerca de duzentos e trinta elementos da população, na grande maioria regressados dos países limítrofes».

Exposição «Pierre et Marie Curie» no Liceu Rainha Dona Leonor

O centro das actividades circum-escolares do Liceu Rainha Dona Leonor, que se tem ocupado do tema «Nobel e seus prémios», apresentará a Exposição «Pierre et Marie Curie», cuja inauguração oficial se verificará no próximo dia 29.

A exposição, gentilmente cedida pelo Instituto Francês, e que esteve aberta ao publico na Biblioteca Municipal de Paris por ocasião do centenário do nascimento de Madame Curie, pode ser visitada por encarregados de educação, alunos liceais e das escolas técnicas e por universitários, das 15 ás 17 horas, em todos os dias uteis, de 30 de Janeiro a 12 de Fevereiro.

Para as alunas do Liceu Rainha Dona Leonor, a exposição, que tem estado sempre patente mesmo durante a sua montagem, passa a encerrar-se ás 14 e 45.

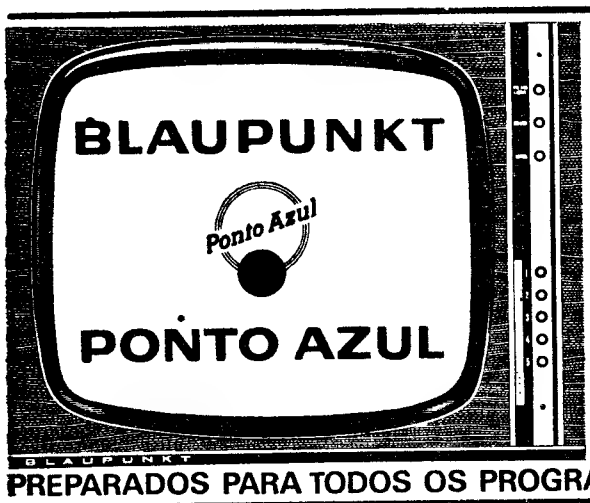
MORADIA EM LISBOA

Vende-se, c/ 9 assoalhadas, 3 c. banho, aquecimento, garagem e jardins, junto da Rotunda do Aeroporto, Rua Cidade de Porto Amélia, 8. De tarde no local ou Telef. 768035 durante o dia.

EUROCAR
Automóveis s/ condutor
Av. Barbosa Bocage, 1
Telefs. 761987 - 769848 - 712773

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique, junto á fronteira Norte, o primeiro-cabo 7426066, Joaquim Abreu de Almeida, natural do concelho de Guimarães, filho do sr. Francisco de Almeida e da sr.ª D. Joaquina Abreu de Almeida; e os soldados 01929966, José Madeira Heitor, natural do concelho de Alcobaça, filho do sr. Alfredo Heitor e da sr.ª D. Maria Rebelo Madeira Heitor; 03457667, Joaquim Nogueira, natural do concelho de Armamar e filho do sr. Serafim Nogueira e da sr.ª D. Marta Conceição Nogueira; 7013266, Fernando Augusto da Silva, natural do concelho de Aveiro e filho do sr. Filipe Fernandes e da sr.ª D. Maria Emília da Silva Fernandes, e 7103166, António Amorim, natural do concelho de Arcos de Valdevez e filho da sr.ª D. Libania Amorim.



O PONTO MÁXIMO DA TÉCNICA ALEMÃ EM TELEVISORES

Ponto Azul

O PONTO MÁXIMO EM BELEZA DE LINHAS

PREPARADOS PARA TODOS OS PROGRAMAS • MODELOS DESDE 6 290,00

VELA AV. ANTÔNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 108
TEL. 562450. 562459 - LISBOA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98 2. — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida - Medicina, coração e pulmões — às 18 horas
Dr. Coelho de Castro - Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo - Rins e vias urinárias — às 16 horas
Dr. Romão Loff - Doenças nervosas electroterápia — ás 14 horas
Dr. António Ferrão - Doenças dos olhos — às 14 horas
Dr. A. de Barros Simão - Garganta nariz e ouvidos — às 16 horas
Dr. Carlos Vilar - Doenças das senhoras e operações — ás 18 horas
Dr. Gonçalves Coelho - Doenças das crianças — às 18 horas
Dr. Pinto Bastos - Boca e dentes, protese — às 10 horas
Dr. Carlos Ribeiro - Cardiologia Electrocardiografia—às quintas-feiras, às 16 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha - Raios X — às 16 horas
Dr. Ana Brás Maria - Ginecologia — às terças e quintas-feiras, às 16 horas

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

MÁQUINAS LAVAR ROUPA
NINGUÉM PODE VENDER MAIS BARATO
LARGO SANTA BÁRBARA, 13-1.º LISBOA

PORTUGAL EM NÚMEROS — 2

QUASE 10 MIL MÉDICOS EM 3020 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE

Dos nove milhões de portugueses alguns frequentam bibliotecas, lêem jornais, vão a espectáculos de teatro ou de cinema. Sabe-se que, em 1966, havia, no conjunto continente-ilhas adjacentes, 671 editores e livreiros 480 jornais e revistas (29 diários 177 semanários e 274 «outros»). Por seu turno, as 218 bibliotecas tinham quase oito milhões e meio de livros, alguns dos quais foram utilizados, nos 365 dias do ano, por dois milhões e quatrocentos e quinze mil leitores. Os 118 museus receberam a visita de dois milhões e trezentos mil indivíduos e os 489 recintos utilizados para espectáculos registaram 85 408 sessões de cinema (26 milhões de espectadores) e 4892 sessões de teatro (2 milhões de espectadores). Entretanto, 38 produtores portugueses produziram 289 filmes dos quais cinco de grande metragem (quatro recreativos e um documentário). Do estrangeiro chegaram-nos 845 filmes (dos quais 85 alemães, 48 espanhóis, 337 americanos, 187 franceses, 46 ingleses e 105 italianos)

Por outro lado, 391 juízes (dos quais 331 dos tribunais comuns) e 244 magistrados do Ministério Público, ocuparam-se nos 761 tribunais (continente e ilhas) da administração da Justiça. Em 31 de Dezembro de 1966 havia 100 692 processos pendentes em tribunais comuns, da Relação e no Supremo; 10 219 em tribunais especiais; 60 155 relativos a justiça do trabalho; 391 respeitantes a justiça administrativa. Durante o ano haviam-se concluído 320 295 processos da justiça fiscal.

No capítulo «agricultura» notou-se uma geral diminuição da produção em relação ao ano anterior: apenas a produção de milho, arroz, feijão, grão-de-bico e batata foi ligeiramente superior. Nos outros produtos a diferença foi apreciável — milho (três milhões de quintais contra seis de 1965), centeio (um milhão e meio contra dois) e seiscentos e trinta mil contra quase um milhão» — reflectindo a diminuição geral das áreas cultivadas. Idêntica situação se verificou nos casos da cevada (quinhentos mil quintais contra setecentos mil), do vinho (nove milhões de hectolitros contra quase quinze milhões) e do azeite (quatrocentos mil hectolitros contra quase oitocentos mil em 1965.

Aviados em terra, cerca de 42 mil portugueses do continente e ilhas fazem-se ao mar: 3680 para a pesca do bacalhau, 485 para a captura de cetáceos e 37 725 para outras pescas (Os números referem-se a 31 de Julho de 1966; em 31 de Dezembro seguinte, o total de pescadores matriculados diminuía para 38 325 pescadores).

Referem-se em seguida as indústrias extractivas e transformadoras que empregavam mais de dez mil pessoas na última semana de Dezembro: pedra argila, saibro e areia (11 271); conservas em azeite ou molhos e pelo sal (19 329); têxteis de lã e outras fibras (22 466); têxteis de algodão de fibras artificiais e sintéticas e mistos (73 516); artigos de cortiça (18 085); construção e reparação de barcos metálicos (13 557).

No ano que temos vindo a analisar construíram-se 28 805 edifícios, dos quais 21 460 para habitação, correspondendo a 35 891 fogos.

No que se refere ao equipamento de saúde, os números traduzem (para 1966), a existência de 3020 estabelecimentos — dos quais 623 com possibilidades de internamento total. Havia 30 maternidades, 26 clínicas de psiquiatria 4 de pediatria, 288 serviços de urgência, e 1539 estabelecimentos de consulta externa. Dos 306 hospitais centrais, regionais e sub-regionais previstos pelo Plano Hospitalar (Lei n.º 2011, de 2 de Abril de 1946), existiam, em 1966, apenas 273. Das 26 mil camas previstas no plano existiam 23 492. Trabalhavam então, nos diversos estabelecimentos de saúde, 9940 médicos (dos quais 4589 em estabelecimentos com internamento), 315 profissionais do serviço social 4284 enfermeiros de ambos os sexos, 697 parteiras, além dos serventes e empregados administrativos.

Estes, alguns dos números que traduziam o continente português em 1966. Se os números falam, estes dizem realmente alguma coisa.

EM TRÊS LINHAS

Foram reconduzidos nos seus cargos de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Lagos, respectivamente os srs brigadeiro José Costa Franco e Joaquim Nunes Paleta.

///

Está aberto concurso para o preenchimento da vaga de chefe da 9.ª secção do Instituto Nacional de Estatística.

///

Foram aprovados os orçamentos das forças terrestres e das forças navais ultramarinas das províncias de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola Moçambique e Timor.

///

Encontra-se vago o lugar de conservador do Registo Civil da Figueira da Foz

///

Foi dada nova constituição á comissão técnica consultiva para assistir á Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra

///

Foi enquadrado no sistema geral de previdência o pessoal ao serviço da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

Importantes reuniões de trabalhos científicos da Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia

A Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia (Secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) terá depois de amanhã e no sábado, uma importante série de sessões nas quais serão debatidos problemas da especialidade ou relacionados com a mesma.

A primeira sessão, na sexta-feira, das 9 ás 12 horas, sob a presidência do sr. prof. Virgílio de Morais (Lisboa), decorrerá na sala de aula do Serviço de Propedêutica Médica do Hospital de Santa Maria (piso 2). Apresentam comunicações os srs. prof. Belo Morais e dr. Galvão Lucas; drs. Alves da Conceição e Borges de Almeida; Jorge do Carmo Pereira e António Catita; António Catita, Francisco Gentil Martins, Pinto Correia, F. Carneiro Chaves e M Carneiro de Moura; profs. Mendes Ferreira, Almerindo Lessa e Fernando Nogueira; e drs. Borges de Almeida, Bentes de Jesus, Lopes Soares, Ferreira de Oliveira, A Marques da Costa, Jorge Bessa e F. Sousa Lé; prof Jorge da Silva Horta e dr.ª D Maria Eugénia da Silva Horta; e dr. J Ferreira Malaquias. De tarde, das 15 e 30 ás 18 e 30, haverá a segunda sessão no anfiteatro de Anatomia Patológica (piso 5), sob a presidência do sr. prof. Juvenal Esteves. Serão apreciadas comunicações dos srs. drs. Eduardo Amaral, Herman Câmara Oliveira e Manuel Fontes; prof. Joaquim Bastos e drs. Casimiro de Azevedo e Cardoso de Oliveira; drs. D. Maria Ana Martins e Borges de Almeida; prof. Belo Morais; drs. Nápoles Sarmento, M. Diaz Gonçalves e D. Amélia S. Baptista; drs. D. Amélia Baptista, Tomé Ribeiro, A Campos Costa, Isolete Amaral, M Macedo Pinto, Rui Sousa e Emídio Ribeiro; António Saragoça Américo Carvalhinhos, C. Santos Soares e Augusto Chaves e a dietista D. Deolinda Vilar; e prof Albano Ramos e drs. Casimiro de Azevedo, Valdemar Cardoso e Rui Abrunhosa.

•

Os trabalhos de sábado começam ás 9 horas e prolongam-se até ás 12 horas, no Anfiteatro de Anatomia Patológica, sob a presidência do sr. prof. J. Cid dos Santos. Nesta sessão apresentam comunicações os srs. drs Borges de Almeida e Alves da Conceição; Eduardo Amaral, Hermano Câmara Oliveira e Manuel Fontes; Casimiro de Azevedo, Valdemar Cardoso e Aníbal Justiniano; O Rolão Candeias e Diamantino Lopes; prof. J. Cortez Pimentel; drs. António Oliveira Pedro, Sá Figueiredo e Jorge Freitas; prof J. Cid dos Santos; drs. A. M Araujo Teixeira, Adolfo Gama e A Vargas; Constantino Sakellarides, Souto Teixeira e Orlando Bordalo; Casimiro de Azevedo, Albano Ramos, Mena Matos, Valdemar Cardoso e Cardoso de Oliveira; prof Juvenal Esteves e drs. Pinto Correia e Norton Brandão.

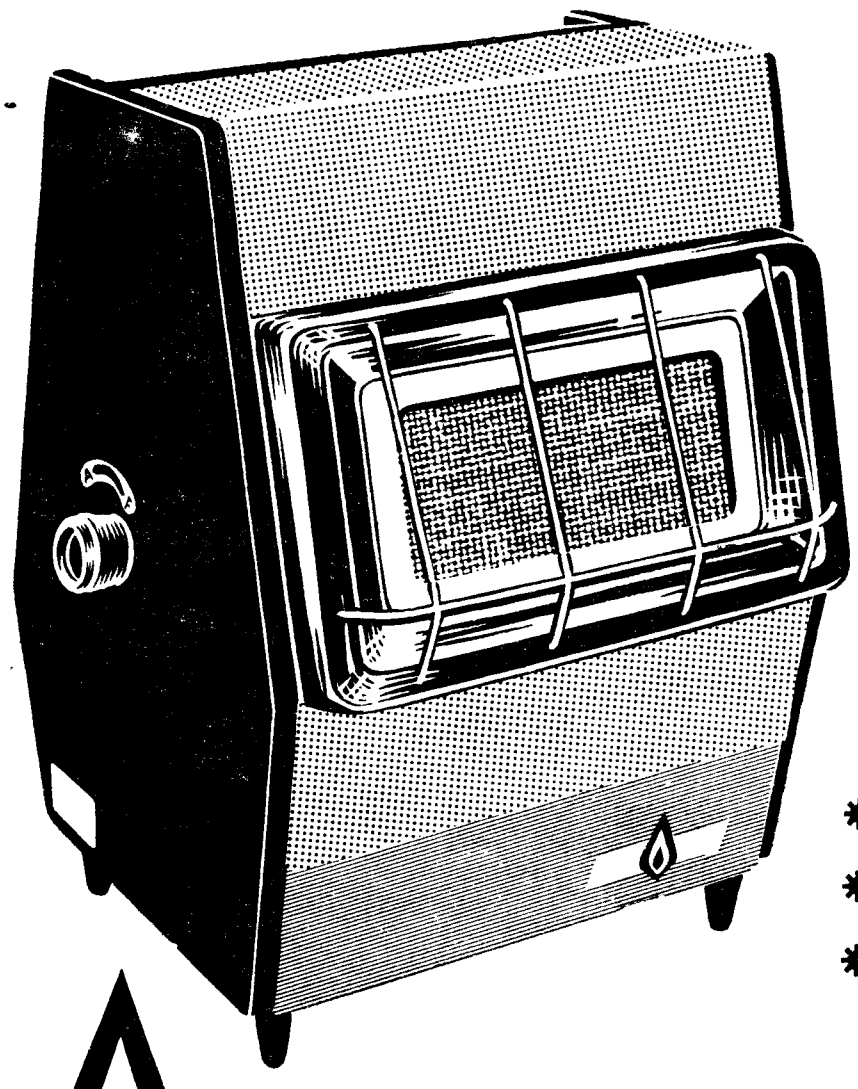
A última sessão científica, também no sábado, das 15 e 30 ás 18 horas, no mesmo anfiteatro, será presidida pelo sr. prof. Joaquim Bastos, do Porto Apresentam trabalhos os srs. dr. J. Gouveia Monteiro; prof. Celestino da Costa e dr. Luís Filipe Fernandes; prof. Mendes Ferreira; drs Fernando de Oliveira e Otílio de Figueiredo; Alves Pereira e Borges de Almeida; prof. Celestino da Costa e dr. Veiga Fernandes; e drs Ricardo Migões Campos e M Diaz Gonçalves.

•

Encerrados os trabalhos científicos, haverá uma sessão administrativa, para eleição da nova direcção.

Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho

A Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa), reune-se amanhã ás 22 horas, para apreciar uma comunicação do sr. dr. Artur Pistachini Galvão, intitulada «O problema do alcoolismo nas empresas de trabalho».



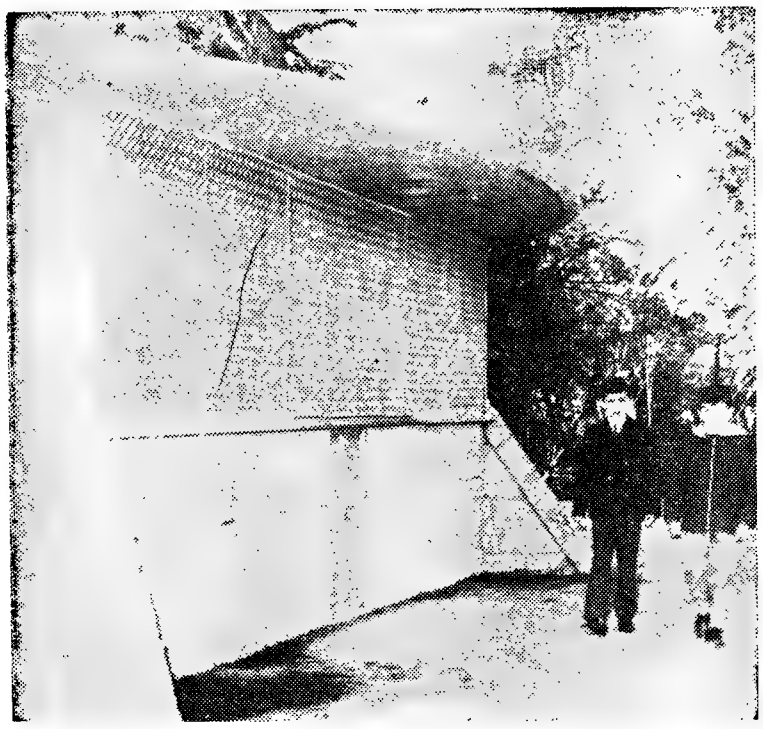
LUSOGÁS

o calorífero de raios infra-vermelhos a GAZCIDLA

* PRÁTICO – fácil de utilizar, fácil de transportar
* ECONÓMICO – cada garrafa dura 20/22 horas
* SEGURO – dupla garantia CIDLA-HIPÓLITO

VENDAS A PRESTAÇÕES

o GAZCIDLA para todos



A experiência demonstrou que não valia a pena, abrir ao domingo, as bibliotecas municipais — revela o Município

O QUE LÊEM OS LISBOETAS

(Continuação da 1.ª página)

um pessoal simpático — tenham a afluência considerada desejável.

No entanto, nelas não existe aquela atmosfera penitenciária da Biblioteca Nacional, onde cada gesto é considerado suspeito. O leitor pode levar, por quinze dias, para sua casa um dos volumes alinhados nas estantes e, se ao fim desse lapso de tempo não tiver concluído a consulta, pode renovar o empréstimo por um período equivalente

Mas se, pelo contrário, desejar utilizar-se dos serviços da sala de leitura apenas para folhear livros de estudo próprios, ou entregar-se pachorrentamente á deglutição de um romance comprado na livraria mais próxima, poderá fazê-lo, também, desde que mantenha aquela compostura indispensável á paz de espírito do vizinho do lado.

E há mais: se entregue o verbete com um seu pedido, a encarregada de biblioteca de serviço verificar que o volume não consta dos ficheiros, imediatamente os serviços centrais instalados no Palácio Galveias procederão á sua compra (é de crer que o automatismo na satisfação das urgências intelectuais dos utentes seja enquadrado dentro de uma orientação geral que não importa neste momento discutir)

Um esquema de conjunto

As bibliotecas municipais, algumas das quais integradas em blocos escolares, entroncam na Biblioteca Central, instalada no Palácio Galveias, um belo edifício setecentista, onde já existem cerca de 200 000 volumes, além de muitos milhares de jornais e revistas em contínuo aumento, quer através de um depósito legal de que é beneficiária, quer pelas compras constantes, efectuadas conforme se disse em resposta aos pedidos dos leitores é preferida pelos universitários A segunda mais importante funciona num amplo edifício da Rua da Junqueira, cujo recheio foi, há anos, ampliado pela valiosa colecção bibliográfica deixada pelo falecido padre Ruella Pombo, onde avultam os títulos sobre o Ultramar e sobre o Brasil (é pois frequentada por estudantes não universitários) Ali, funciona, também o Depósito Legal de Publicações Periódicas cobrindo os ultimos 35 anos

Quase cinquenta mil espécies deram entrada, em 1966, nas bibliotecas populares fixas — São Lázaro (Rua do Saco), Alvito, Avenida Fontes Pereira de Melo, Poço do Bispo, Alvalade, Bairro das Furnas (Sete Rios), Bairro Padre Cruz (Carnide) Penha de França e Belém

As bibliotecas itinerantes, em numero de quatro, percorreram, em furgonetas, as sete colinas de Lisboa, e um pequeno estudo da sua frequência pode conduzir-nos a resultados curiosos.

«Eles» lêem mais

O numero de homens que se abeiram dos carros — oferecidos pela Fundação Calouste Gulbenkian — onde se transportam os volumes de bairro em bairro — é quase sempre superior ao das mulheres, o mesmo se verificando nas bibliotecas dos jardins. Na Graça, porém, as leitoras batem os homens por larga margem, o mesmo acontecendo no Castelo de S. Jorge, em Alvalade e Xabregas. Quanto ao escalonamento de preferências segundo as profissões, são as estatísticas referentes ás bibliotecas fixas que nos fornecem indicações mais curiosas. Mantendo-se, aqui, também, o predomínio dos homens sobre as mulheres, são os estudantes os frequentadores mais assíduos, logo seguidos pelos funcionários (a vantagem ronda a proporção de um para dez). As profissões liberais, os comerciantes e industriais e os militares utilizam pouco os serviços das bibliotecas, quer na leitura domiciliária, quer na frequência das salas.

A esmagadora maioria dos leitores requisita obras de literatura, com acentuada preferência pela ficção .. A história vem, logo a seguir registando-se bastante procura de literatura infantil. A título de curiosidade, indica-se que apenas 4 % dos requisitantes de volumes para leitura domiciliária demonstram alguma relutância em devolver os volumes emprestados.

Falta de pessoal e desinteresse aos domingos

— *A nossa ideia é criar leitores* — explica o director de serviços dr. Silva Pinto.

Neste sentido, foram recentemente remodelados os horários de funcionamento das bibliotecas fixas, permitindo a leitura ininterrupta, entre as 10 e as 21 horas.

A vantagem do sistema é dar a possibilitar que ás pessoas que trabalham aproveitem os intervalos para as refeições e os momentos livres, até á hora de jantar.

— *Pode verificar-se que mais de cinquenta por cento dos nossos leitores se aproveitam do novo horário* — declarou-nos o dr Silva Pinto, exibindo com certo orgulho, os verbetes de um dia, onde se regista a hora em que um volume sai e regressa ao seu lugar nos escaparates.

— *Esperamos que o novo horário venha a aumentar substancialmente o numero de leitores durante este ano. Só a falta de pessoal impede que as bibliotecas funcionem aos domingos* — explica-nos. — *O óptimo seria que estivessem sempre abertas.*

No entanto, os serviços camarários verificaram, através de uma experiência efectuada nos jardins, que, aos domingos, as pessoas de menos posses, que são aquelas que procuram estes serviços, optam por um despreocupado passeio.

Homenagem a um cientista espanhol

(Continuação da página central)

vestigação denomina-se, pois, Instituto Rosell de Bacteriologia Lactológica. Regressado á Espanha, em 1940, o prof. Rosell fundou um laboratório em Barcelona e o Instituto Rosell de Bacteriologia Aplicada, em Tuy. Representara o Canadá em inúmeros congressos e reuniões cientificas internacionais e, além de muitos outros títulos e missões que exerceu, publicou obras de alto valor).

● Influência decisiva na indústria de lacticínios

A sua permanência entre nós foi extremamente valiosa e os seus frutos e benefícios ainda hoje se fazem sentir.

Chegou a Portugal no momento óptimo quando se concentrava e estruturava a industria leiteira nacional. A sua influência foi, pois, decisiva e fundamental. A ele se ficaram a dever, assim, a criação de uma mentalidade científica na industria: o melhor aproveitamento do leite, o seu aproveitamento integral, aliás, (*e o leite, pela sua sensibilidade, pelo seu preço, pelo seu valor, ou se aproveita todo ou não é rentável*); o aproveitamento da lactose (açucar do leite) para a industria alimentar e para a industria farmacêutica; o ácido láctico, noções de higiene de «contrôle» de produtos (muitas das fábricas não possuiam laboratórios).

O dr. Inácio dos Santos (co-autor com o prof. Rosell do tratado em dois volumes intitulado «Métodos Analíticos de Laboratório Lactológico y Microbiologia de las Industrias Lácteas») acentua:

— Há 25 anos, o prof. Rosell chegou no momento exacto. O seu auxílio foi tão valioso como oportuno. Mas mais do que novos produtos houve a melhoria dos existentes. E, talvez ainda mais importante tenha sido a consciencialização da industria, a introdução da técnica onde havia muito e principalmente, empirismo

José Maria Rosell fez muito pela industria de lacticínios de Portugal e os seus sucessores continuam também, através de contactos entre o seu Instituto da Galiza e empresas lusitanas. Mas fê-lo principalmente através do grupo de técnicos que preparou e que, apesar de tudo, são, ainda hoje, quase os unicos existentes.

— E, salvo a devida modéstia, os melhores — sublinha alguém a nosso lado.

Além dos drs. Inácio dos Santos e Vieira de Sá e doutros, foram discípulos do prof. Rosell o dr. Teodósio Marques Antunes que, juntamente com o primeiro, trabalhou em Espanha com o mestre; os drs. Fernando Pablo e Barradas Correia, que criaram a Central Pasteurizadora de Leite de Nova Lisboa; o dr. Patrick Keatting, há anos ao serviço da F. A. O., encontrando-se actualmente no Chile.

● O mestre por excelência

— O prof. Rosell dominava a técnica bacteriológica com tanta e tão profunda competência — diz-nos agora o dr. Vieira de Sá — como dominava a fabricação industrial da manteiga, de dezenas de queijos, da lactose, etc. Dentro de uma fábrica, Rosell era um mestre de oficina; dentro de um laboratório, era um investigador sereno. Porém, quando em funções tecnológicas, ele jamais desprezava os ensinamentos da sua investigação; e quando em funções de investigador nunca deixava de pensar na utilidade prática que poderia dar aos seus estudos e ás suas pesquisas. Rosell era o mestre por excelência que sentia satisfação em ensinar tudo o que sabia, em fazer com que os seus discípulos o superassem, o que jamais foi possível. Por isso, era incansável para nunca deixar sem resposta uma carta com uma pergunta; e quantas vezes, antecipando-se, era ele mesmo que ia ao encontro das dificuldades, quando pensava que elas poderiam surgir a alguém a quem pudesse ajudar. É lógico e natural, portanto, que com o seu desaparecimento tenha ficado um vazio que muito dificilmente será preenchido, já que a sabedoria e a bondade andam poucas vezes de braço dado.

(Esta noite, a Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias efectua uma sessão de homenagem á memória do prof. Rosell, falecido a 9 de Março de 1963. Em 1944, a Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária de então elegeu-o seu sócio honorário, numa sessão publica de homenagem, durante a qual o grande cientista proferiu lição notabilíssima.

Hoje, além de uma palestra do dr. Inácio António dos Santos sobre «José Maria Rosell e a industria de lacticínios em Portugal», será descerrado, pelo dr. Fernando Vieira de Sá, um retrato do ilustre e saudoso professor. Estarão presentes as suas duas filhas, que se deslocaram expressamente a Lisboa para assistir a esta homenagem á memória de seu pai.

Por fim, serão distribuidos os prémios da Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias aos alunos mais classificados da Escola Superior de Medicina Veterinária.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 25 de Janeiro de 1938 publicava:

«LONDRES, 25 — Os rebeldes do Waziristão, que recomeçaram a dar sinal de si, atacaram o posto inglês de Spinwan, sob o comando do fakir Gagu, e tentaram destruir a estrada que conduz do extremo norte da província a Kassadara. Os atacantes estavam armados de espingardas e de um pequeno canhão por eles próprios fabricado. Travou-se luta, que durou muitas horas. As tropas inglesas dispersaram os manifestantes.»

CURIOSIDADES

● A enfermagem

Aumenta, animadamente, o numero de jovens que na Alemanha Ocidental se interessam pela profissão de enfermeira — o que revelam as estatísticas num relatório da Cruz Vermelha Alemã, que muito contribuiu para difundir nas escolas o interesse pela difícil profissão. A referida instituição dispõe, actualmente, de 14 000 enfermeiras, 10 000 colaboradores permanentes e mais de 220 000 auxiliares activos. Em 1966 inscreveram-se mais 9979 enfermeiras auxiliares. Naquele ano estavam registadas na Cruz Vermelha Alemã mais de 50 000 jovens como auxiliares, muitas delas trabalhando voluntàriamente nos hospitais.

A Cruz Vermelha promove numerosos cursos de socorro imediato. Em 1966 450 000 alemães frequentaram esses cursos; e há a acrescentar 16 676 nadadores que seguiram cursos de salvamento e 15 166 pessoas que receberam naqueles cursos ensinamentos no domínio da enfermagem hospitalar.

★ ★ ★

● «Bâtons» para lábios masculinos

Falámos aqui de produtos de beleza para homens, correntes nos Estados Unidos da América do Norte. Acrescentaremos que já ali estão á venda diversos «bâtons» para proteger os lábios contra o cieiro. Uma firma da especialidade preparou um «bâton» desses, mas em cor-de-rosa claro, para evitar que os homens com a pele dos lábios mais sensíveis tenham a boca cor-de-cera.

★ ★ ★

● A subscrição do «New York Times»

O «New York Times» abre, todos os anos, pelo Natal, uma subscrição a favor de pobres e instituições de beneficência, a qual, em 21 de Dezembro findo, atingia 456 000 dólares — o que demonstra a importância e a projecção do grande jornal.

Sendo, no entanto, como é o «New York Times», propriedade de judeus, aquela subscrição beneficia, além de organizações hebraicas, muitos protegidos de organismos católicos e protestantes.

★ ★ ★

● Não há mulheres com a língua presa

As mulheres são muito menos dadas a doenças de estômago do que os homens; entre elas não há casos de daltonismo; e raramente se encontra uma mulher gaga.

Que elas não gaguejam, nem têm a língua presa todos podemos testemunhar, pois todos trazemos no ouvido a serrazinação com que elas nos atormentam.

ANEDOTAS

● Um senhor gordo, muito gordo, mantinha-se diante da porta da escola, após terem saído todos os alunos. Uma jovem professora, estranhando que ele ali estivesse havia tanto tempo, perguntou-lhe:

— Desculpe! Espera alguma criança?

— Não, minha senhora... — esclareceu o outro. — Isto é barriga de água.

● **Dois indivíduos travam conhecimento. Conversam um bocado e falam sobre seus progenitores.**

Diz um:

— Sim, o meu pai contribuiu muito para levantar as classes trabalhadoras.

— Trabalhou muito em obras sociais, dedicou-se a problemas de classe?

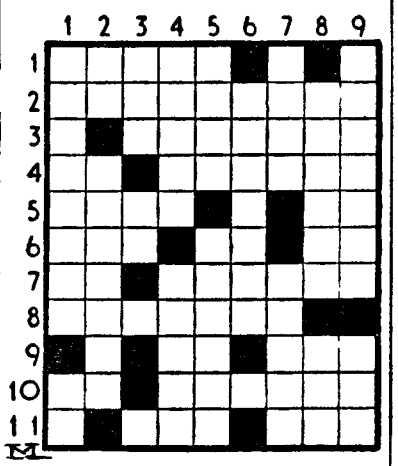
—Não. Fabricava despertadores.

— A minha filha disse-me que você tem os olhos mais bonitos que ela já viu...

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4710



HORIZONTAIS: 1 — Penosas. 2 — Etíope. 3 — Atraiçoar. 4 — Acusada. Indivíduo pouco atilado. 5 — Vulcão da Sicília. Seguia. 6 — Pronome possessivo. Figura. Pronome pessoal. 7 — Senhor (abrev.) Ovóides 8 — Examina. 9 — Pertences. O qual. 10 — Réis (abrev.). Desliguei. 11 — Bondoso Dirigias-te.

VERTICAIS: 1 — Rápido. Popa de navio 2 — Interjeição de alívio. Sem fim. 3 — Cordilheira de Marrocos. Despido. 4 — Finda Localidade do concelho de Idanha-a-Nova. 5 — Ditador romano durante os anos 136-78 AC. Previnam. 6 — Amparos. 7 — De bronze. Deste lado. 8 — Subentendido. Junte. 9 — Trabalhais à noite. Aqui está

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4709

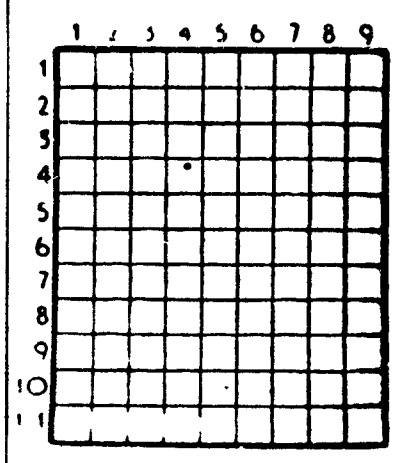
HORIZONTAIS: 1 — Pau. Stif. 2 — Rs. Moio. 3 — Ânsias. Pt 4 — NÃO. Céu. 5 — Bi. Sair. 6 — Herdo. Uto. 7 — Área Ata. 8 — Opera. 9 — ESPECULES. 10 — Aí. Rama. 11 — Grados.

VERTICAIS: 1 — Prancha Eu 2 — Asna. Eras. 3 — SOBRE Par. 4 — Mi. Ida Eia 5 — Soar. O. Oc. 6 — Es. Apuro. 7 — Tó. Cautelas 8 — Peitarem. 9 — FUTURO. Asa.

(Provérbio: NÃO ESPECULES SOBRE O FUTURO)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8554



HORIZONTAIS: 1 — A folhagem das plantas. Grande afeição 2 — Da Galiza. 3 — Temperatura elevada. 4 — Antigo definido (ant.). Colocar Compaixão. 5 — Cimo dum monte Igual. 6 — Gosta muito de Rio de Portugal 7 — Pedro de altar Piedosa 8 — Que não tem religião 9 — Batráquio. Prefixo que designa ar. Isolado. 10 — Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Prendas. 11 — Metal precioso de cor amarela Invulgar.

VERTICAIS: 1 — Rede de arrastar. Glóbulo. 2 — Símbolo químico da prata. Emblema Procedi 3 — Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses. Xaile das mulheres índias e parses. Atmosfera 4 — Oculto. A alma. 5 — Gavinha Base. 6 — Já. Safar. 7 — Oceano. Fadista (pop.) Basta 8 — Antigo definido. Conselho de Estado, na Turquia Ente. 9 — Nome de homem. Farsa satírica.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8553

HORIZONTAIS: 1 — Arganel. 2 — Sanar. 3 — Am. Sós. Mó. 4 — Dar. Sem. 5 — Amorenado. 6 — Ota. Ela. 7 — Atina. 8 — Em. Oba. Te. 9 — Lua. Mor. 10 — Tosse 11 — Mias Ossa.

VERTICAIS: 1 — Lada Belém. 2 — Mamo. Mu. 3 — Rs. Rota Ata. 4 — Gás. Rato. Os 5 — Anote. Ibis 6 — Nas. Nena. Só. 7 — Er. Sala Mês 8 — Medo. Tó. 9 — Como. Berna.

FACTOS REAIS — AS FANTASIAS DO CALENDÁRIO

13 — *Queixamo-nos das anomalias do nosso calendário. Mas os egípcios conservaram teimosamente, durante três mil anos, um calendário que fazia correr devagar as datas através das estações, o que levava, por vezes, o povo a festejar as colheitas em pleno Inverno. Observando — diz-se — o número de pirâmides que se erguiam das areias do deserto, os sábios egípcios tinham descoberto que o ano comporta 365 dias e 1/4. O célebre calendário Vogo, que sucedeu no Egipto ao calendário recebido de Babilónia, contava 360 dias, repartidos em 12 meses de 30 dias, mais cinco dias chamados «epagómenos», que surgiam no final do 12.º mês. As estações eram três: inundação (do Nilo), vegetação e colheita.*

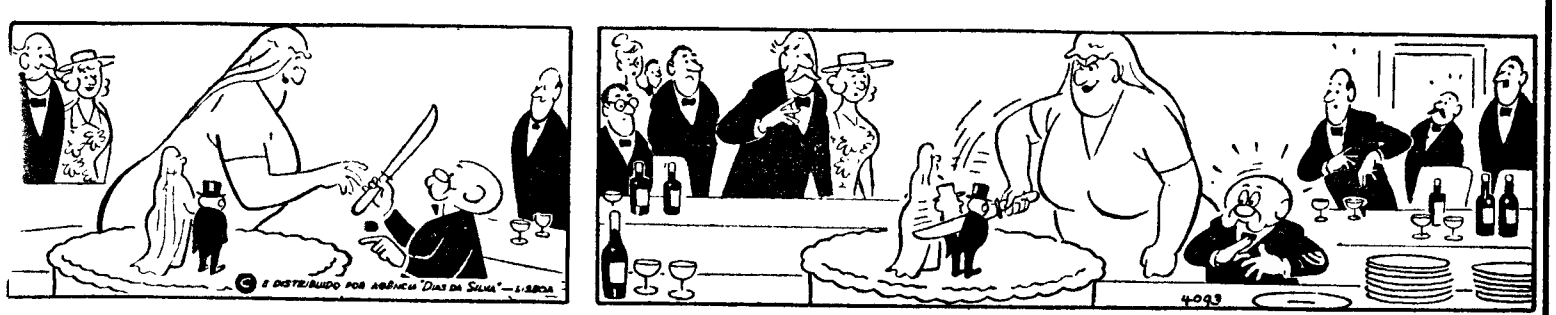
14 — *Como o ano comporta, na realidade, 365 dias, 5 horas e 41 minutos, o calendário atrasava-se cerca de um quarto de dia por ano, relativamente á verdadeira marcha do tempo. Ao cabo de 120 anos, o atraso era de um mês (de seis meses, ao fim de 730 anos) e as festas que assinalavam os acontecimentos naturais celebravam-se a destempo. Após 1461 anos deste regime, a ordem das coisas voltava a ser normal, e este acontecimento era celebrado em todo o Egipto com grandiosos festejos. Depois, começavam as divagações. Mais de duas vezes, no ano 1318 antes da nossa era, e no ano 139 da nossa era, o Egipto devia terminar esse extravagante período. A superstição era mais forte do que a razão, e, no início da nossa era, os imperadores romanos esforçaram-se ao máximo para impor a reforma do calendário imaginado por Júlio César.*

15 — *Com os gregos, o calendário foi, de início, exclusivamente lunar Cada ano via alternarem-se os seus meses plenos (30 dias) e os «cavos» (29 dias), periòdicamente acrescentados de outro mês compensatório. Surgiram, então, publicações, que eram uma espécie de antevisão dos nossos almanaques: as datas dos fenómenos astronómicos eram lembradas aos agricultores pela publicação Sábios célebres — Méton, Callipe, Hipperque e Ptolomeu colaboravam.*

16 — *Um destes sábios, Méton, observa que 14 anos de estações compreendem 235 dias lunares, após o que o ciclo recomeça: o «ciclo Méton» é ainda utilizado, hoje, na elaboração do calendário Eclesiástico. Um outro, Hiparco, foi o primeiro a constatar que o ano solar era inferior aos 365 dias e 1/4, conhecidos até então. Segundo ele, o ano valia 365 dias, cinco horas e 55 minutos (o que ultrapassa em seis minutos o comprimento real do ano, tal como o conhecemos hoje) e o mês lunar de 29 dias, 12 horas, 44 minutos, dois segundos (aqui o erro não ultrapassou mais que alguns segundos). Foi de Roma que nasceu a reforma que daria lugar ao calendário moderno.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



A F. P. F. estará presente em Casablanca

no sorteio do «Mundial» de 1970

Na cidade africana de Casablanca, realiza-se no próximo dia 1 de Fevereiro uma reunião para a constituição dos grupos que disputarão o «Mundial» de futebol de 1970.

Podemos informar que a F. P. F. far-se-á representar naquele acto, não estando por ora indicados quais os dirigentes que se deslocarão a Marrocos.

O Benfica venceu o Sporting

no «Regional» feminino de basquetebol

Prosseguiu ontem, á noite, no Pavilhão da Luz, a fase final do campeonato regional feminino de basquetebol, tendo-se verificado os seguintes resultados:

Nacional-Atlético 30-21
Benfica-Sporting 40-15

O encontro entre os dois grandes rivais, pretendentes ao título, revestiu-se do maior interesse e proporcionou excelente espectáculo. As benfiquistas, mais eficientes, alcançaram magnífica vitória por marca concludente, mantendo incolumes as suas aspirações.

Sob a arbitragem da «dupla» Alberto Costa e António Anastácio, alinharam e marcaram:

SPORTING (15) — Maria Teixeira (4), Maria Lopes, Maria Lourenço, Irene (2), Ana Magalhães, Catarina, Dulce, Espardinova (2), Filomena (5) e Maria Ferro (2).

BENFICA (40) — Helena Cabrita (10), Marianela (11), Anabela, Fernanda Simões (11), Augusta Serralha (5), Raquel (2), Maria Onofre (1), Maria Leiria, Maria Fernandes e Teresa Ferreira (ex-Cascais).

Para completar a jornada, disputar-se-á, sábado, ás 20 e 30 horas, no Pavilhão da Ajuda, a partida C. I. F.-Moscavide.

KARL RAPPAN

(O DO «FERROLHO») É HOJE RECEBIDO NO BENFICA

Karl Rappan, o treinador suíço que conceberu o famoso sistema do «ferrolho», é recebido hoje, pelas 18 e 30, na Secretaria do Benfica, por dirigentes do Departamento de Futebol daquele clube.

Foi o veterano e conhecido técnico quem mostrou grande interesse nesta reunião, mas os dirigentes do Benfica, segundo as suas próprias declarações, ignoram qual será o tema que Karl Rappan se propõe abordar.

Poder-se-á admitir estar em jogo o problema da orientação técnica do futebol da turma da Luz, ou tratar-se-á apenas de mais um convite para uma digressão do Benfica?

Sensacional EXPOSIÇÃO

VAUXHALL '68

Novos Victor 2000 e 1600 e outros modelos Vauxhall em exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, conjuntamente com o Prémio GM 67 de Artes Plásticas. Aberta das 16 às 0 H.

produtos da General Motors

GM
MARK OF EXCELLENCE

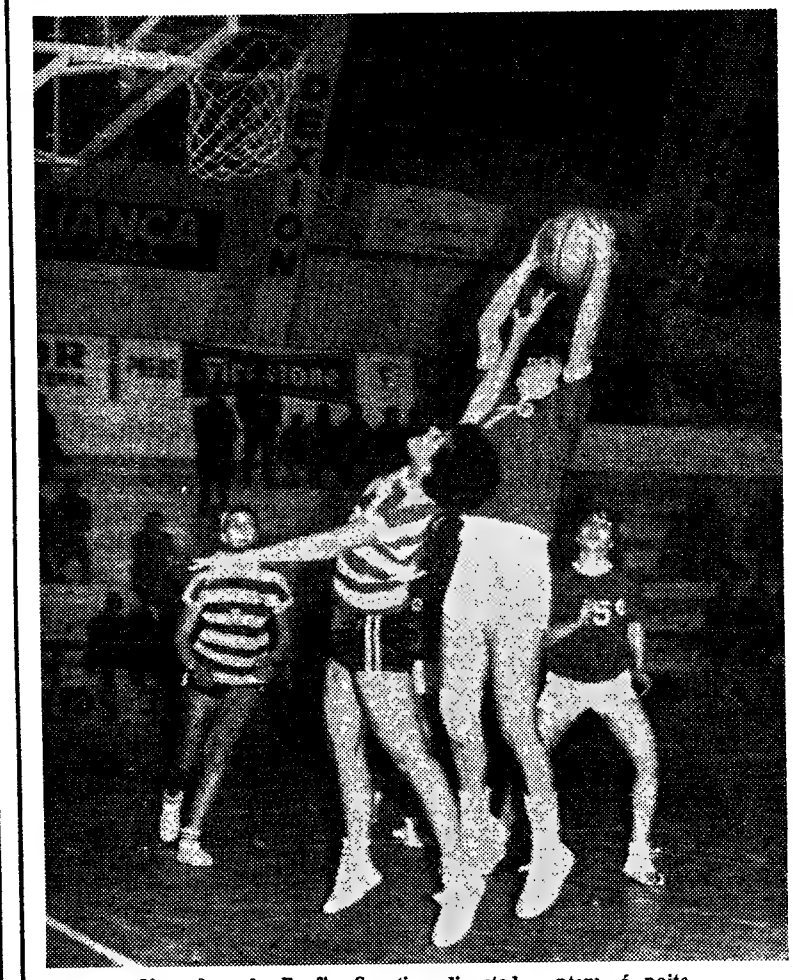
Os novos modelos também se encontram em exposição nos Concessionários Vauxhall autorizados em todo o País.

EM LISBOA:

AUTO-INDUSTRIAL
Av. Duque de Loulé, 93/95 B
Rua Alexandre Herculano, 66/66-A
Av. de Nice, 4 ESTORIL

LICAR
Av. Casal Ribeiro, 48 A

210/318AJ



Uma fase do Benfica-Sporting disputado ontem, á noite

HOJE À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato nacional de basquetebol, distrito de Lisboa, 2.ª categoria: Sorefame-Comp. Telefones, B. Agricultura-B. Encarnação, Parry & Son-C. & Teixeira e C. T. T.-Fássio, no ginásio da Escola Técnica «Francisco Arruda», a partir das 19 e 30 horas.

— 27.º campeonato nacional de ténis de mesa (distrito de Lisboa, 1.ª categoria: Simca Portuguesa-F. C. Regina, Sorefame-Comp. Carris, B. Pinto Magalhães-S. C. Guérin e F. N. P. T.-C. N. Electricidade, nas mesas dos primeiros, a partir das 21 e 15 horas.

HANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, de juniores, fase final, 2.ª jornada: Belenenses-Boa Hora e Sporting-C. Ourique, no pavilhão da Ajuda, ás 21 e 30 e 22 e 30.

JUDO — Finais dos torneios da Taça Kobayashi e Universitário, no ginásio do I. S. Técnico, a partir das 21 horas.

NATAÇÃO — Festival do Algés e Dafundo, intersócios, na piscina do Areeiro, ás 21 e 45.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa, por equipas: 2.ª Divisão — Combatentes-Armadorense, G. I. P. Amoreira-Lisgás, Paço de Arcos-Ateneu e Arte e Sport-S. L. Amoreiras, 3.ª Divisão — Mirantense-E. Amadora, G. D. Operário-Bela Vista, S. L. Aguias-Económicos e S. F. Rodrigues Cordeiro-Atlético Cacém. Promoção: Desp. Carmo-Rec. Apolo, Lusitano-Caneças e «Os Unidos»-Azambuja — nas mesas dos primeiros, ás 21 e 15.

VOLEIBOL

Faculdade de Ciências no comando da II Divisão

Prosseguiu ontem, á noite, no ginásio da Faculdade de Ciências o Campeonato Regional da 2.ª Divisão de voleibol.

A equipa da Faculdade de Ciências venceu a do Instituto Industrial por 3-0 (15-2, 15-2, 15-3). Vitória amoldada á estrutura de ambas as equipas.

Arbitraram Reinaldo de Almeida e Oliveira e Silva e alinharam:

Fac. Ciências: prof. Machado da Costa, Mena Reis, Luís Noronha, Alfredo Campos, Vítor Alberto, Carlos Poeira e Élio Franco.

Inst. Industrial: João Gonçalves, Rui Santos, Leonardo Figueiredo, Manuel Pereira, João Pinto e Joaquim Gomes.

Com este jogo, ultimo da 1.ª volta, a Faculdade de Ciências, estreante na prova, mantém-se invicta e com o maior favoritismo para o título.

A contar para o «Regional» de juniores, ontem, ao fim da tarde, no Pavilhão Universitário, o Benfica venceu o C. D. U. L. por 3-0.

ATLETISMO EM PISTA COBERTA

MAIS «RECORDS» (CINCO)

NA TERCEIRA COMPETIÇÃO DA ÉPOCA

Com a realização, ontem, á noite, no Estádio Universitário, do «**Grande Prémio de Lisboa**», a Associação de Atletismo de Lisboa, fez disputar, esta época a sua terceira competição em pista coberta, que, na verdade, veio assinalar, com evidência, o cuidado com que os dirigentes estão a tratar da preparação dos atletas lusitanos, com vista ás competições internacionais — Espanha-Portugal e Campeonato da Europa —, ambas a realizarem-se em Madrid.

Esta terceira edição em pista coberta teve aspectos e apontamentos curiosos que não podem deixar de se assinalar. Referimos em primeiro lugar os três novos «records» nacionais — no salto com vara (seniores) obtido por dois atletas do Benfica, Manuel dos Santos e José Henriques, com 3,95 m (o anterior máximo pertencia a este ultimo com 3,90 m); na mesma especialidade, mas na categoria de juniores, obtido por Raposo Borges, do Sporting, com 3,80 m (o anterior «record» já lhe pertencia com 3,65 m), e na estafeta 4X2 voltas o Benfica obteve nova marca «record», fixando assim, o máximo em 2 m 41,3 s. O anterior «record» pertencia também, a uma equipa dos «encarnados» com o tempo de 2 m 44,1 s.

Em segundo lugar, aponte-se o estabelecimento de dois novos máximos femininos no lançamento do peso. Em seniores foi sua autora Lídia Faria, do Sporting, com 10,59 m e em juniores outra sportinguista — Adélia Silvério — obteve 10,83 m. Caso curioso, o máximo de juniores é superior ao de seniores. Um facto bem raro no atletismo português.

Para além destas notas que definem o contributo dos atletas por uma melhoria evidente nas «marcas» e nos «tempos», registe-se o excelente conjunto da prova de saltos com vara, dos 1500 metros (em juniores e seniores) e, ainda, nos 50 metros (iniciados e femininos).

Vários atletas registaram melhoria de forma, especialmente Baraló de Carvalho, Marcenal Andrade, Fernando Reis, Mário de Oliveira, Artur Madeira, Manuel dos Santos, José Henriques, Raposo Borges, Eduardo Simões e Américo Barros

Eis os resultados:

50 m (femininos) — 1.ª, Lídia Faria (Sp.), 7 s; 2.ª, Maria Eduarda Pereira (Vit.), 7 s; 3.ª, Maria Manuela Simões (Bf.), 7,2 s.

Peso (feminino) — 1.ª, Adélia Silvério (Sp.), 10,83 m; 2.ª, Lídia Faria (Sp.), 10,59 m, 3.ª, Maria de Lurdes Fernandes (Bel.), 8,58 m.

400 m (seniores) — 1.º, Baraló de Carvalho (Bf.), 52,8 s; 2.º, Artur Madeira (Sp.), 54,1 s; 3.º, José Morais (Ind.), 54,5 s.

1500 m (juniores e seniores) — 1.º, Eduardo Simões (Sp.), 4 m 10,6 s; 2.º, Américo Barros (U.), 4 m 11 s; 3.º, António F. Pinto (Bf.), 4 m 16,5 s.

Estafeta 4X2 voltas — 1.º, Benfica (Oliveira, Marcenal, Reis, Baraló), 2 m 41,30 s; 2.º, A. Moscavide, 2 m 55,3 s.

Vara — 1.º, Manuel dos Santos (Bf.), 3,9 m; 2.º, José Henriques (Bf.), 3,95 m; 3.º, Raposo Borges (Sp.), 3,80 m.

50 m (iniciados) — 1.º, Fernando Silva (Ind.), 6,2 s; 2.º, Fernando Ferreira (Vit.), 6,4 s; 3.º, Vítor Faísca (Bf), 6,4 s.

600 m (iniciados) — 1.º, Ulisses Texugueiro (Bf.), 1 m 35,8 s; 2.º, Carlos T. da Silva (Bf.), 1 m 41,2 s; 3.º, Ramiro Pauleta (Bf.), 1 m 42,8 s.

Lídia Faria Sporting) triunfa na prova de 50 metros, seguida de Maria Eduarda Pereira (Vitória de Setubal) e Manuela Simões (Benfica)

TOMARAM POSSE

OS NOVOS DIRIGENTES DA A. F. SETÚBAL

Depois de longo período de agitação e algumas duvidas quanto á sua constituição definitiva, tomaram finalmente, ontem á noite, posse dos seus cargos, os elementos eleitos para os corpos gerentes da Associação de Futebol de Setubal.

Ao acto presidiu o novo presidente da assembleia geral, o jornalista Manuel Figueira, e na mesa de honra encontravam-se os srs. Francisco Cazal-Ribeiro, presidente da F.P.F.: dr. Ricardo Correia da Fonseca, chefe do Departamento das Apostas Mutuas Desportivas; dr. Garcia Branco, presidente da Associação de Futebol de Lisboa; e coronel Pereira de Santana, presidente da direcção do novo elenco.

Aos corpos gerentes da A. F. S. ontem empossados, ficam a presidir os srs. Manuel Figueira, coronel Pereira de Santana, drs. Rogers Paracana, Barbosa Marinho e Manuel Belchior Gonçalves, respectivamente, á assembleia geral, direcção, conselho jurisdicional, conselho de contas e conselho técnico.

«Regional» de HANDEBOL DE SETE

O EMPATE DO SPORTING

E A VITÓRIA DO ORIENTAL CRIARAM NOVAS PERSPECTIVAS

Apenas a duas jornadas do termo do campeonato lisboeta de handebol de sete, os jogos de ontem, quando menos se esperava vieram dar ainda um maior interesse á parte final da competição.

Cedendo um empate perante o Almada, o Sporting tem de rodear de especial cuidado os dois encontros que lhe faltam contra o Belenenses e Campo de Ourique. Por sua vez a igualdade alcançada pelos almadenses e a vitória do Oriental, colocaram três equipas, Técnico, Almada e Oriental, a par no ultimo posto.

Para além destas circunstâncias ainda há a luta para o apuramento para o campeonato nacional da II Divisão, com o Belenenses já qualificado mas com todas as outras equipas ainda com possibilidades de alcançar os dois restantes lugares.

Analisando os jogos da jornada de ontem, há a registar, como dissemos, o triunfo orientalista, num encontro de toada notória de jogo negativo, procurando as equipas a vitória mais com entusiasmo, de que com primores técnicos e com o árbitro, de certo modo, a ser mais severo para os vencidos.

Tudo esteve muito certinho no encontro seguinte. A exibição das equipas; a correcção e o resultado e só não diremos o árbitro por ter tido vários erros, um deles influente no desfecho, em que de uma grande penalidade perdoada aos «leões» veio a nascer um golo daqueles. O Spotring com mais felicidade poderia ter resolvido o encontro antes do intervalo. Na 2.ª parte a sorte foi mais adversa aos almadenses, mas a sua pertinácia tornou o resultado justo.

Depois, outro jogo muito emotivo em que transpareceu ir repetir-se outra igualdade, mas nos derradeiros instantes, os «azuis» transformaram 19-20 em 21-20, o que não terá sido muito justo para o vencido.

Por ultimo facilidades para o Benfica, perante um adversário muito desfalcado e, naturalmente, alcançando o resultado de maior desnível da competição.

Os resultados foram os seguintes:

Oriental-Técnico	14-12
Sporting-Almada	24-24
Belenenses-C Ourique .	21-20
Benfica-P. Manuel	32-11

SPORT LISBOA E BENFICA

ASSEMBLEIA GERAL

AVISO CONVOCATÓRIO

A pedido da Direcção do Sport Lisboa e Benfica, convoco a Assembleia Geral a reunir-se, em sessão extraordinária, no dia 15 do próximo mês de Fevereiro, pelas 21 horas, no ginásio da Secretaria da colectividade, na Rua Jardim do Regedor, N.º 9, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

— Deliberar, ao abrigo do artigo 26, n.º 8, dos Estatutos, sobre a aceitação da doação de um imóvel que o ilustre presidente da Direcção pretende fazer ao Clube para o fim de, no mesmo imóvel, vir a ser construído o Centro de Estágio dos atletas do Sport Lisboa e Benfica.

Não havendo, á hora indicada, número legal de associados para que a Assembleia possa funcionar em primeira convocação, reunir-se-á ela, uma hora depois, no mesmo local, em segunda convocação e com qualquer número de sócios.

É indispensável que os associados sejam portadores dos cartões de identidade do clube.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1968.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *José Maria Gaspar*

FORA DA BALIZA

O Benfica no Brasil

O Benfica joga hoje no Brasil. Um facto quase banal, porque vulgares são as actuações da tão famosa equipa portuguesa por esse mundo fora, mas que nos traz ao espírito imperecíveis recordações. Saudades, mesmo. Não só saudades do futebol e da camisola de guarda-redes do Benfica (que está muito bem entregue ao José Henrique ou ao Nascimento), mas também desses jogos no país irmão, onde o futebol é festa, é animação, é um pequeno Carnaval em cada jogo.

Estamos a «ver», daqui, o que se está a passar hoje porque vivemos várias vezes esse ambiente inconfundível do futebol brasileiro e a alegria da grande e generosa colónia lusa quando ali vão desportistas seus compatriotas. Não faltarão os entusiastas vestidos «à Benfica», e há sempre «voluntários», plenos de boa vontade, que vêm «dar a táctica», como contributo valioso para uma vitória... fácil

A Imprensa, a Rádio e a Televisão ávidas de sensacionalismo, incansáveis na procura de entrevistas e de «poses» pitorescas que só os fotógrafos brasileiros sabem imaginar, criam uma expectativa enorme para o jogo.

Os jogadores são assediados para visitas de carácter publicitário, e recebem as mais variadas ofertas, óptimas recordações que ficam para sempre. Tudo isto dentro de um clima de entusiasmo e expectativa. Efectivamente, estamos a viver, aqui de tão longe, o ambiente que rodeia o «Glorioso» em S. Paulo! Quanto ao jogo, estamos convencidos que os rapazes do Benfica irão corresponder à confiança que neles se deposita. Todavia, a eliminação do Brasil no «Mundial 66», pela equipa de «todos nós», é talvez o factor mais importante a considerar. Hoje a rivalidade entre o futebol português e brasileiro é uma realidade, e não deixa de apresentar forte contributo para o progresso das relações desportivas luso-brasileiras. Todos sabemos, porém, que os categorizados futebolistas brasileiros têm agora especial interesse em vencer o campeão português — uma equipa onde estão o Coluna, o Eusébio, o Simões, o Graça, o Torres e o José Augusto, mais de metade da formação que derrotou, em Liverpool, o «escrete» brasileiro.

O Benfica continua a ser, porém, uma equipa de grande qualidade, experiente, imperturbável em todos os ambientes, capaz de resistir a qualquer adversário. Que seja um bom jogo e que vença o meu querido Benfica!

COSTA PEREIRA

TÉNIS

APURADOS

os campeões nacionais em «court» coberto

Disputaram-se ontem nos *courts* do C. I. F., no Campo Grande, as finais de pares-homens e pares-mistos, referentes ao campeonato nacional de «court» coberto, com os seguintes resultados:

Pares-homens — José Silva-José Roquete venceram Pedro Vasconcelos-João Lagos, por 2-1 (6-3, 6-8 e 6-1)

Pares-mistos — José Silva-Leonor Santos derrotaram Carlos Figueira-Maria Leonor Graça Pinto por 2-1, (4-6, 6-4 e 6-2).

Os vencedores sagraram-se campeões nacionais de «court» coberto.

ADMISSÃO INSTITUTOS?
LICEUS?

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
Rua Conde Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef 536380

CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: 2.º acto da zarzuela «Luísa Fernanda», de Moreno Torróba; 16 e 30: Programa da tarde; 18: Noticiário; 18 e 05: Algumas valsas; 18 e 20: Programa da mulher; 18 e 40: Canções de amor; 19: Rádio Universidade; 19 e 30: Noticiário regional — Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Tom maior; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Orquestras ligeiras; 21 e 20: 16.º episódio do folhetim «O Moço Loiro»; 21 e 44: Atenção ao ritmo; 22 e 13: Coro Feminino da Emissora Nacional; 22 e 30: Jornal de actualidades — Boletim meteorológico; 22 e 50: Programa da noite; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Musica sinfónica, de Shostakovitch; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «La Gioconda», de Ponchielli; 18 e 05: Musica do século XX; 18 e 40: Sonata n.º 4 para violino e piano de Camargo Guarnieri; 19: O pianista Sviatoslav Richter; 19 e 25: Folclore português — Musica da Beira Baixa; 19 e 40: Horizonte; 20 e 10: A canção do destino op. 54 de Brahms; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Musica sinfónica; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara; 21 e 30: Panoramas da História; 21 e 50: Musica Sinfónica e Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa (Cultural em FM) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Musica francesa — programa fornecido pela Radiodifusão Televisão Francesa — Obras de Lalo; 24: Quarteto n.º 5 de Bela Bartok; 0 e 35: Canções de Grieg pelo soprano Birgit Nilsson; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21: Noticiário; 21 e 08: Uma voz; 21 e 5: O que se escreve, o que se lê; 21 e 20: Selecção em LP; 22: Noticiário; 22 e 02: Musicalmente quase tudo; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22: Noticiário; 22 e 02: Programa á Gô-Gô.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 25: Rubrica Knorr; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20: Noticiário; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 25: Noticiário regional; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21: Noticiário; 21 e 08: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 22: Noticiário; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude; 0 e 04: «P. B. X.»; 2: Onda Nocturna»; 4: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes portuguesas; 18 e 45: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Crítica de livros recebidos; 19 e 10: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canta Carlos do Carmo; 21 e 45: Ritmos da América Latina; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pontagrama; 22 e 45: Melodias; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 8 e 30: Terço, da basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 9 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

PELOS HOSPITAIS

CRIANÇA ATROPELADA — Na sala de observações do Hospital de São José deu entrada o pequenito Pedro António Rosa Cristóvão, de 9 anos, residente na Rua Ivens, 9, em Faro, cidade onde foi atropelado por um automóvel, sofrendo fractura de uma perna.

DEU UMA QUEDA — Vindo do Algarve deu também entrada na sala de observações de São José, com uma perna partida, o sr. António Manuel de Sousa, de 51 anos, comerciante, residente na Rua Antero de Quental, 48, em Faro.

PELA POLICIA

DE QUEM É A BICICLETA? — Foi apreendida, há uns dois meses, pela 3.ª brigada da 6.ª secção da Polícia Judiciária, uma bicicleta «Special-Tou-France-Tubag 53», encontrada abandonada próximo do aeroporto desconhecendo-se a quem pertence, apesar das investigações feitas nesse sentido. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

PROGRAMA DA TV

Às 19: Iniciação Desportiva; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Nós as Mulheres; 20 e 15: Carrossel Mágico; 20 e 35: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 40: Vida Sã em Corpo São; 20 e 55: Notícia do Espectáculo; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema «As Aventuras do Capitão Wyatt» («Distant Drums»), filme com Gary Cooper, Mari Aldon e Richard Webb, realização de Raoul Walsh; 23 e 40: Telejornal; 23 e 45: Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40, Curso Unificado da Telescola; 19, TV Educativa — Orientação Escolar e Vocacional e Inglês; 19 e 30, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50, Expedição—filme da série «Survival»; 20 e 20, Filme Infantil—«Carrossel Mágico»; 20 e 30, História da Musica; 21, Cartaz TV; 21 e 30, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50, Folhetim — «Dr. Kildare». 5.º episódio; 22 e 20, «Riso e Ritmo» — programa de variedades; 23 e 10, «Um Contra Cinco» — história filmada com Jack Webb; 23 e 35, Telejornal (ultimas notícias), Meditação

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Serviços Urgentes

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gascidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.
POLÍCIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo) 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531.

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno L

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

ALAMEDA — Esperança, R Carlos Mardel, 101-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R da Creche, 2 (631635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R Lopes, 120 (843381) ✲ **Teles,** R João de Barros, 2 (638249)
ALVALADE — Paris, R Reinaldo Ferreira, 5-A (710131) ✲ **Brisália,** Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ **Cartaxo,** Av. da Igreja, 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R D João V, 16-C (682772)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) ✲ **João XXI,** Av. João XXI, 16-A (726462) ✲ **Nova Lisboa,** R Guilhermina Suggia, 12 (727721).
ARROIOS — Fonseca, R Carvalho Araújo, 46-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ **Avenidas,** Avenida da República, 27-A (533688) ✲ **Império,** R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✲ **Palma,** Av Duque de Ávila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (51451)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Americana, Calç de Santana, 3 (863984) ✲ **Nacional,** R do Salitre, 7-A (46858) ✲ **Costa,** Pr do Figueira, 6-B-C (328381)
BELÉM—Remísio, R. dos Jerónimos, 4-C (631699) ✲ **Sepol,** Calç da Boa Hora, 94-A (631958)
BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa,** Est de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Cambro, Calç do Combro, 78 (326059) ✲ **Azevedo Irmão & Veiga,** R da Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R 4 de Infantaria, 28 A (688857) ✲ **Ourique,** Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ **Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, R Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (661734).
GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ **Rosa & Viegas,** R de S Vicente, 31 (864351) ✲ **Bastos Andrade,** Calç. de St.º André, 107-111 (860450) ✲ **Santo António,** R Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
LUMIAR — Alameda, Al das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé,** Est do Desvio, lote 12-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade R do Olival, 226 (663441)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R de S. Marçal, 100 (325318).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R Padre Sena Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa, n.º 16-A (Bairro de St.º Engrácia (728395-720703)
SÉ — Nacional, R de S João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 63-65 (381185)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R Francisco Marques Beatro, 75-A 25189 18).

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 (Tel 2120831).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes 4 (Tel 2420039)
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões 8 (Tel 2430058)
PAREDE — Brandão — Av do República 77-C (Tel 247 1054)
ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira J A 5 (Tel 260 16)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, n.º 41 (Tel 280141); **Cascais** — Rua Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (Tel 282407)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — Rua Elias Garcia, 209 (Tel 930019); **Flama** — Rua Elias Garcia, 18-B (Tel 932485); **Confiança** — Avenida D Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel 938 49)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel 971023)
QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 121 (Tel. 950043); **Queluz** — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel 95 8 44).
CACÉM — Central — R Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 29 00 12)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — Estefânia — L. Afonso de Albuquerque (Tel 980058).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 10 (Te. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal — Avenida do Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA — Nuno Álvares — Av D Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 22-B (Tel 224 41).
BARREIRO — Santa Marta — R do Lavradio, 17-C (Te 2272 4)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro 8 (Tel 270254).
MOITA — União Moitense — Av Teófilo Braga (Te 2390025)
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis, 45 — (Tel 230008)
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — Oliveira — L de Misericórdia (Tel 22488)
SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 5 (Tel 22 8580)
telefa (Tel 22709)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas — articuladas — Ambulancia — Telef P P C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
HAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º Telef 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% T 10	570$00	—	570$00
Consolidado 3 % T 10	607$00	605$00	607$00
Consolidado 3 1/2 % T 10	700$00	—	700$00
Centenários 4 % 1940	1.545$00	1.545$00	1.550$00
Obgs Tes 2 1/2 % 1942	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obgs Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	950$00	900$00	950$00
Externo 1.ª série cor	990$00	985$00	1.000$00
Externo 2.ª série	—	940$00	1.000$00
Externo 2.ª série cor	—	940$00	1.000$00
Externo 3.ª série	—	900$00	995$00
Externo 3.ª série cor	—	900$00	—
Caut de 3.ª série s/juro	—	260$00	270$00
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5%	—	450$00	490$00
C P 4 1/2%	955$00	955$00	960$00
Gás e Electricid. 3 3/4%	—	820$00	—
Gás e Electricidade 4%	830$00	830$00	—
Gás e Electricid 4 1/2 %	900$00	—	900$00
Gás e Electricid. 5 %	945$00	945$00	950$00
H E Douro	880$00	875$00	880$00
H E Norte de Portugal	—	870$00	880$00
H E S Estrela	—	—	—
Metropolitano	955$00	955$00	—
Petroquímica	—	880$00	900$00
Sonete	—	780$00	800$00
T A P	—	900$00	915$00
Termoeléctrica Portuguesa	—	870$00	—
U Eléctrica Port 3 3/4%	—	83$00	—
U Eléct Port. 4% 945	—	84$00	—
U Eléct Port 4% 948	—	84$00	—
U Eléctrica Port 4 1/2 %	—	88$00	—
U Eléct Port 5% 951	—	83$00	83$50
U Eléct Port 5% 952	—	83$00	83$50
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.000$00	995$00	1.000$00
Alentejo	630$00	625$00	635$00
Angola	—	1.460$00	1.480$00
Burnay	3.000$00	3.000$00	—
Crédito Predial	—	1.985$00	2.000$00
Espírito Santo	13.200$00	13.100$00	13.300$00
Lisboa & Açores	4.100$00	4.100$00	4.150$00
Portugal	—	2.700$00	2.800$00
Português do Atlântico	—	—	—
Totta Aliança	—	—	4.400$00
Ultramarino	—	1.485$00	1.500$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	285$00	285$00	—
Sagres	—	—	—
Soberano	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	880$00
Ag Cassequel	—	550$00	560$00
Ag Colonial	98$00	95$00	—
Ag das Neves	80$00	—	—
Boror	—	100$00	110$00
Cabinda	—	90$00	92$00
C. A D A	—	—	1.390$00
Col do Buzi	66$50	66$00	66$50
Diamantes	1.237$00	1.236$00	1.238$00
Ilha do Príncipe	—	450$00	—
Incomati	—	900$00	—
Lobito	—	450$00	470$00
Moçambique	45$00	44$00	45$00
Sonete	250$00	248$00	256$00
Zambézia	46$00	45$50	46$00

C.as Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Leiria	—	1.770$00	1.850$00
Cimentos Tejo	2.400$00	2.400$00	—
Col Navegação	545$00	540$00	—
C U F	—	1.190$00	1.200$00
Industrial Aliança	—	650$00	670$00
Nac Navegação	1.190$00	1.180$00	1.190$00
Petroquímica	2.940$00	2.930$00	2.950$00
Portugal e Colónias	1.250$00	1.235$00	1.260$00
Port de Celulose	—	3.200$00	3.300$00
Port de Pesca	—	720$00	750$00
Port de Tabacos	418$00	417$00	419$00
Sacor	—	4.750$00	4.800$00
Soce	2.360$00	2.350$00	2.370$00
Tabacos de Portugal	875$00	870$00	—
U F Azoto	815$00	812$00	820$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 1934	—	422$00	435$00
Águas de Lisboa 1936	—	400$00	405$00
Eléctrica das Beiras	1.495$00	1.495$00	1.500$00
Gás e Electricidade	—	389$00	390$00
H. E Alto Alentejo	171$00	170$00	171$00
H E Cávado	1.230$00	1.230$00	1.235$00
H E Douro	1.210$00	1.205$00	1.210$00
H E Portuguesa	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.400$00	1.395$00	1.400$00
Nacional de Electricidade	—	1.340$00	1.345$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.405$00	1.400$00	1.405$00
União Eléctrica Portuguesa	194$00	193$50	195$00
F DE INVESTIMENTOS			
F Atlântico	—	155$10	159$80
F I D E S	—	106$10	109$30

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	23/1/68	24/1/68	25/1/68
GERAL	106,3	106,6	**106,5**
METROPOLITANAS	104,5	104,9	**104,8**
ULTRAMARINAS	119,0	119,3	**119,0**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$00	37$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$30	28$70
Dollar de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá	26$00	26$50
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Argentina — Peso	—$—	—$—
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	10$00
Espanha — Peseta	$39,7	$41,7
Holanda — Florim	7$85	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	5$70	5$90
Suíça — Franco	6$50	6$70
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	290$00	305$00
Inglaterra — 1/2 Libra	225$00	240$00
Ouro Fino — Barra	33$20	34$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras Papeis de crédito Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
A RAPOSA DOURADA — no SÃO JORGE

SÃO JORGE — Telef 5 41 53 — Às 21.30
ESTREIA (M. 12 anos)
A RAPOSA DOURADA
com **Peter Sellers** e **Victor Mature**
Às 18.15 — **A Grande Paródia** (M. 12 anos)

ROMA — Balcão 72 91 92 — Plateia 72 77 78 — Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
3.ª Semana de lotações esgotadas! **Vanessa Redgrave, David Hemmings e Sarah Miles**
no famoso filme de Antonioni que conquistou o 1.º Prémio do Festival de Cannes de 1967:
BLOW-UP
(HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO)
Fotografia em Technicolor

ODEON — Telef. 32 62 83 — Às 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
4.ª SEMANA DE GARGALHADA
Florbela Queirós e João Lourenço
na história de um roubo de jóias
UM CAMPISTA EM APUROS
com **Nicolau Breyner** e **Ligia Teles**
Uma realização de **Herlander Peyroteo**
(Maiores 12 anos)

AVIS — Telef 4 71 63 — Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Lana Turner, John Forsythe
e **Keir Dullea** numa história de amor de apaixonante interesse!
MADAME X
(EASTMANCOLOR)
Um êxito em todo o mundo!

CINE TEATRO LIDO — Telef 93 75 93 — Às 21.30 (M. 17 anos)
AMADORA
Companhia Teatro Alegre
HENRIQUE SANTANA, IRENE ISIDRO, MARIA HELENA e HENRIQUE SANTOS
UM ANJO DE CHAPÉU DE PALHA

RESTELO — Telef 61 03 75 — As 21.30 (Adultos)
UMA RÉSTIA DE AZUL
(A PATCH OF BLUE)
com **Sidney Poitier - Shelley Winters**

IMPERIAL — Telef 45934 — Às 14.45 e ás 21 h. (Adultos)
O LOUCO POR AMOR OU POR DINHEIRO

SÃO LUIZ — Telef. 327172 — As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos) 3.ª SEMANA
Para além das barreiras da expectativa e da emoção!
OS OLHOS DA NOITE
Audrey Hepburn, Alain Arkin e Richard Crenna

MONUMENTAL — Às 15.15 e 21.30 (Adultos) 2.ª SEMANA
AS FEITICEIRAS
com **Capucini, Claudia Cardinale, Alberto Sordi, Jean Sorel, Mónica Vitti, Raquel Welch, Enrico Maria Salerno**

QUINZENA DE TERROR
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
OS CRIMES DE JACK, O ESTRIPADOR, de **Robert Baker** e **Monty Berman**
com **Lee Paterson**
Dia 29: **A Sombra do Caçador** (Ad.)

MUNDIAL — Telef 53 87 43 — As 15.15, 18.15 e 21.30 (M 12 anos) 2.ª SEMANA
O DUPLO HOMEM
com **Yul Brynner** e **Britt Ekland**
Technicolor
Um sério filme de espionagem

EDEN — Telef 32 07 68 — As 15.15, 18.30 e 21.30 (M 12 anos) 8.ª SEMANA
O melhor filme de CANTINFLAS
SUA EXCELÊNCIA
EASTMANCOLOR

ALVALADE — Às 15.45 e 21.45 (M. 17 anos) 3.ª SEMANA
Para além das barreiras da expectativa e da emoção
OS OLHOS DA NOITE
com **Audrey Hepburn** e **Alan Arkin**
TECHNICOLOR

CINEMA IDEAL — Telef 32 41 94 — As 21 horas (M. 17 anos)
MODESTY BLAISE (A MULHER DETECTIVE)
A TERCEIRA VOZ

TERRASSE — Telef [illegible] — As 15 e às 21 h (M. 17 anos)
A CORTINA RASGADA
NEGÓCIO A ITALIANA

IMPÉRIO — Telef 55 51 34 — As 15.15 e 21.30 (Adultos) 3.ª SEMANA
Nunca viu nada semelhante
Rigoroso exclusivo da época
70 mm
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
(THE DIRTY DOZEN)
com **Lee Marvin — Ernest Borgnine — George Kennedy**

ESTÚDIO — Telef 55 51 34 — As 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos) 3.ª SEMANA
UMA AVENTURA A QUATRO
com **Jean Pierre Cassel** e **Claudine Auger**

TIVOLI — Telef 5 05 95 — As 3 da tarde (p.r.) e 9.30 da noite (M. 17 anos) 2.ª SEMANA
FRANK SINATRA no famoso acontecimento policial
TONY ROME INVESTIGA

ESTÚDIO 444 — Telef. 779095 — As 15.30, 18.30 e 21.45 4. SEMANA DE SENSAÇÃO (M 12 anos)
Julie Christie Oskar Werner no original e empolgante filme em technicolor
FAHRENHEIT 451
(GRAU DE DESTRUIÇÃO)
O mais discutido filme de **François Truffaut**

CONDES — Telefs. 322523 e 326710 — As 15.15, 18.15 e 21.30 3.ª SEMANA (Adultos)
A obra-prima de Antonioni
BLOW-UP
(HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO)
Vanessa Redgrave-David Hemmings

POLITEAMA — Telef 32 63 05 — HOJE, À NOITE ÀS 21.30 EM 3.ª SEMANA DE ÊXITO SENSACIONAL
Arrebatadora história de uma feroz desforra a tiro ..
GRINGO NÃO PERDOA
com **Montgomery Wood**
Scope-Color (Maiores 12)
HOJE, ÀS 18.30—SESSÃO CLÁSSICA
(Maiores 12 anos)

EUROPA — Telef. 66 10 16 — Às 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
A mais extraordinária aventura que ao homem foi dado viver
O SEGREDO DA ILHA SANGRENTA
com **Jack Hedley** e **Barbara Shelley**

LIZ — Telef [illegible] — As 15 e ás 21 h. (M. 17 anos)
SÓ SE VIVE DUAS VEZES
FEZ-SE JUSTIÇA

FÉRIAS DO CARNAVAL PARA UNIVERSITÁRIOS

O Centro de Intercâmbio e Turismo Universitários organiza férias em Albufeira — Algarve, de 25 a 27 de Fevereiro, aos preços de 400$00 a partir de Lisboa, 550$00 a partir de Coimbra, 640$00 a partir do Porto, 340$00 a partir de Évora e 450$00 a partir de Santarém, incluindo o transporte em comboio especial.

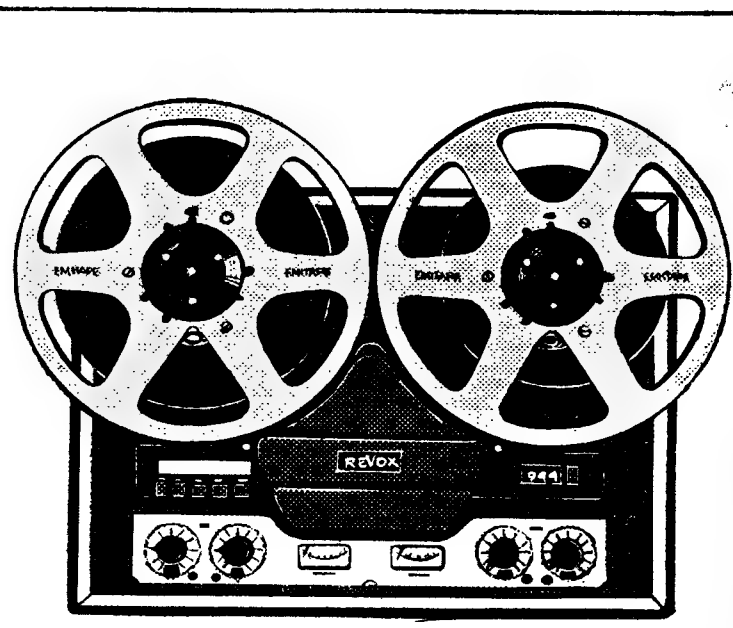
Para os estudantes que preferem ensaiar os desportos de Inverno ou apreciem a paisagem da serra com neve, o C. I. T. U. promove estadas na Covilhã aos preços de 350$00 a partir de Lisboa, 320$00 a partir de Coimbra, 360$00 a partir do Porto, 450$00 a partir de Évora e 330$00 a partir de Santarém.

Especialmente para os estudantes de Coimbra, Porto, Santarém e Évora, o C.I.T.U. organiza uma estada na Costa do Sol, de 25 a 27 de Fevereiro, com vista ao Carnaval do Estoril.

Prestam-se informações na sede do C. I. T. U. — Rua Fernando Pedroso, 31, em Lisboa.

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Na sua sede, salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, realiza hoje, ás 21 horas, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria a sua assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: apreciação do relatório do secretário, apreciação do relatório do tesoureiro, admissão de sócios titulares e correspondentes, e eleição dos corpos gerentes.



REVOX

O GRAVADOR
SEMI - PROFISSIONAL
DE CARACTERÍSTICAS
INULTRAPASSÁVEIS

PEÇA CATALOGOS
E UMA DEMONSTRAÇÃO AOS
PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A. R. L.

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 2[illegible] e 30: «[illegible] Companhia de Circo de 1968» (12 anos).

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Volupia da honra» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: Pois, Pois...» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A nossa cidade» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «Deliciosamente louca» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «Não se sabe como» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS—Às 21: «Vem aí os Russos...» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «Jesse James contra a filha de Frankenstein» (17 anos)
PARIS — Às 21: «A 25.ª hora» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Operação moeda falsa» (17 anos).
CINEARTE—Às 21: «Do alto do terraço» (17 anos).
ROYAL—Às 21: «O perseguido» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19. «Operação Istambul» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Me. amargo» (17 anos)
IMPERIAL — Às 21: «O louco» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21 h. «Agente secreto FX-15» (17 anos).
CINEMA UNIVERSITÁRIO — Às 21 h.: «Elas são mais perigosas» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «Perseguição impiedosa» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 h: «Missão em Teerão» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Viagem fantástica» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «A visita» (17 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os três invencíveis» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Encarceradas» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O comissário Maigret em Pigalle» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os juizes da Bíblia» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e [illegible]5: «O terceiro tiro» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Jovens e belas» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Cavalgada de paixões» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e [illegible]5: «Doutor Jivago» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e [illegible]5: «Piratas de bikini» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e [illegible]5: «Adorável Júlia» e «O convidado misterioso» (17 anos).

CATERPILLAR E RANSOMES
SOBRESSALENTES
PARA OS MODELOS:
D2 - D4 - D6 - D7 - D8
e diversos modelos de alfaias
A PREÇOS REDUZIDOS
RUA CASCAIS, 47 — LISBOA

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de [illegible] anos)

AEROPORTO
A Estalagem do Cavalo Branco, na Avenida do Aeroporto, serve almoços e jantares por 50 esc. com as suas já célebres «Coquilles Saint-Jacques.

RELÂMPAGO
RESTAURANTE-BAR
COZINHA À PORTUGUESA
AMBIENTE AGRADÁVEL
Rua Mouzinho da Silveira, 17 a 21
Telef 47255

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes e Lanches de Casamento

Parreirinha do Rato
Largo do Rato, 11
(Entrada pelo arco)
Amanhã: Bacalhau á Gomes de Sá e Arroz de Frango á Minhota
Sábado: Lulas à sesimbrense e Entrecosto à transmontana
Marque mesa pelo telefone 685908
Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras [illegible] — Tel. 790211
[illegible] (Grande)

Aos Sa[illegible]domingos
JANTARE DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

COZINHA ALENTEJANA
RESTAURANTE
Av do Aeroporto, 162 — Tel. 727071
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO E BANQUETES
AOS ALMOÇOS E JANTARES
PERDIZ À MODA DE BEJA
E PÉS DE PORCO DE COENTRADA À MODA DE ÉVORA
Classificado de utilidade turística —— Aquecimento

«RALLYE» DE MONTE CARLO

TEMPO SECO:

COMANDAM OS CARROS DE MAIOR POTÊNCIA

Pelas classificações provisórias, já dadas pela organização após a realização do percurso comum de 1500 km, é bem nítida a influência primordial que as condições atmosféricas têm no decorrer deste, e de qualquer outro «Rallye» de Monte Carlo. Com diferentes tipos de piso, e com mais ou menos neve ou gelo, este ou aquele tipo ou marca de carro 6 favorecido em relação ás restantes, ou aliás, pode fazer-se valer das suas características especiais com maior facilidade.

Este ano, com um tempo invulgarmente bom, o que foi surpresa para todos, após uns treinos em que a neve bloqueou frequentemente as estradas, os carros de maior potência, ou melhor, os carros com melhor relação peso/potência tiveram larga vantagem sobre os restantes. Foi realmente de espantar ver, por exemplo, os dois primeiros troços cronometrados completamente secos, tão isentos de neve que alguns concorrentes, como Vic Elford, usaram pneus «Racing», de circuito, portanto, em vez dos habituais pneumáticos de tracção com pitons. Claro que nestas condições os «Alpine» e os «Porsche» não tiveram dificuldades em fazer os melhores tempos e em se apoderarem desde cedo dos primeiros lugares da classificação. Logo ao fim dos primeiros troços aparecem-nos nada menos do que três «Alpine Renault» nos três primeiros lugares, logo seguidos por Elford no seu «Porsche». Estavam então os «Cooper S» a ser largamente batidos, sem qualquer possibilidade de se aproximarem dos primeiros quatro lugares.

Tino Makinen teve então o seu momento de azar. Antes de um troço cronometrado passou pelo carro de assistência do «BMC» sem o ter visto, não parando, portanto. Não pôde, assim, mudar de pneus, e fez esse troço todo com um tipo de pneus completamente inadequado, o que o fez perder bastante tempo.

Apesar da recuperação de Aaltonen nos ultimos troços e do excelente comportamento do jovem Tony Fall, toda a equipa «BMC» parece desanimada. Ontem de manhã Paddy Hopkirk, que vimos partir de Lisboa, afirmava num dos «contrôles»: «Não temos qualquer hipótese de vencer com este tempo.»

No entanto, com o abandono dos dois «Alpine» de Andruet (avaria mecânica) e de Piot (despiste), toda a equipa subiu na classificação, e esta noite, ao longo dos 600 km do temível «Circuito da Montanha», sempre cheio de imprevistos cremos vir a ser possível uma grande recuperação dos «Cooper S», principalmente se nevar, por muito pouco que seja. Aaltonen está numa excelente posição para jogar a sua cartada, e todos sabemos como ele é rapidíssimo.

Conforme previmos, os carros com «tudo á frente» ou «tudo atrás» estão a ter supremacia absoluta, mesmo sem neve. Nos dez primeiros lugares encontramos nada menos do que nove carros destes dois tipos.

De realçar o excelente comportamento da equipa japonesa «Datsun», com surpreendentes tempos nos primeiros troços, e actualmente com um carro em nono lugar da classificação geral.

Esta noite os sessenta melhores classificados partirão para o «Circuito da Montanha», chegando a Monte Carlo amanhã de manhã.

Os dez melhores classificados até agora:

1.º, Larrousse-Callewaert, França, «Alpine-Renault», 8040 pontos; 2.º, Elford-Stone, Inglaterra, «Porsche», 8054; 3.º, Toivonen-Tinkkanen, Finlândia, «Porsche», 8103; 4.º, Aaltonen-Liddon, Finlândia, «BMC», 8157; 5.º, Andersson-Davenport, Suécia, «Lancia», 8219; 6.º, Hopkirk-Crellin, Inglaterra, «BMC», 8336; 7.º, Fall-Wood, Inglaterra, «BMC», 8340; 8.º, Zasada-Dorzanski, Polónia, «Porsche», 8383; 9.º, Mikkola-Jarvi, Finlândia, «Datsun», 8406; 10.º, Vinatier-Jacob, França, «Alpine-Renault», 8468.

Larousse vai perder o comando?

Dos sessenta qualificados, pelo menos um não deve fazer mais do que cruzar a linha de partida — o «Mini-Cooper» de Timo Makinnen, cujo motor ficou em muito mau estado depois da segunda fase do «rallye», terminada ontem.

Os principais adversários de Elford são Pauli Toivonen, também em «Porsche», Rauno Aaltonen, vencedor do «rallye» do ano passado, em «Mini-Cooper» e Ove Anderson, em «Lancia».

De um modo geral, reina a convicção que o «Alpine-Renault» de Gerard Larousse, que comanda presentemente a prova, não conseguirá manter aquela posição ao longo dos 610 quilómetros desta ultima fase.

DEVIDO À ESTIAGEM

PORTUGAL VAI IMPORTAR DE FRANÇA ENERGIA ELÉCTRICA

Portugal começará a importar, dentro de dias, energia eléctrica da rede francesa — a revelação foi-nos feita esta manhã e confirma o agravamento da situação determinada pela prolongada estiagem.

As condições extremamente desfavoráveis verificadas nos últimos três meses, depois de, em Novembro, as precipitações já terem sido um pouco inferiores á média, forçaram já á importação de energia da rede espanhola, desde há três semanas.

Perante a persistência do regime de estiagem, e em virtude das condições em que é importada a energia da rede espanhola, fornecida apenas quando se verifica um excedente da produção no país vizinho, foi necessário recorrer á possibilidade de importar, também, energia de França. Nesse sentido foram já estabelecidos contactos e — caso não chova intensamente até ao fim do mês, hipótese altamente improvável — começaremos a consumir «electricidade» francesa a partir de segunda-feira.

Devido ás condições anormais verificadas desde meados de Novembro, com quase total ausência de chuvas, começaram a registar-se dificuldades na rede de abastecimento eléctrico nacional, o que levou á adopção imediata de medidas de precaução. Assim, além da importação de energia de Espanha, intensificou-se a produção das duas centrais térmicas de que dispomos: a do Outeiro e a do Tejo, actualmente com um rendimento de 190 megawatts (145 a primeira e 45 a segunda). Este rendimento corresponde a uma produção diária de quatro milhões de quilovates — muito pouco para o consumo total em dia util, que anda á volta dos 17 milhões. A energia espanhola fornece-nos entre dez e quinze milhões por semana.

Este regime não chega, portanto, para satisfazer as necessidades nacionais num ano de tipo crítico que, a não se verificarem chuvas importantes que venham alterar a situação, poderá colocar-se a par dos anos de 1949, 1945 e 1965, em que se registaram, por ordem decrescente, as piores condições hidrológicas.

Para se fazer uma ideia da situação, basta referir que as precipitações registadas, em Dezembro, nos postos de Venda Nova, Lagoa Comprida (Serra da Estrela) e Cabril (Zêzere) foram, respectivamente, 0,07 e 0,14 da média.

Apesar das medidas adoptadas (com vista a prever o agravamento do actual estado de coisas) a situação — disseram-nos no Repartidor Nacional de Cargas — «não tem carácter de emergência a curto prazo».

O estado em que ficou, após o choque, o automóvel em que Luciano Lombardini encontrou a morte

«GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE»

(Continuação da 1.ª página)

«O «Diário de Lisboa» não esquece que o estímulo resultante da atribuição do «Grande Prémio de Publicidade» virá a beneficiar gràficamente os jornais de cuja estrutura os anúncios são hoje elementos insubstituíveis».

Isto é: ao mesmo tempo que se procura dignificar e trazer ao justo plano da sua importancia a actividade dos criativos, o nosso jornal está implicitamente a contribuir para que a inclusão da publicidade na Imprensa diária assuma cada vez mais aspectos atractivos e educativos junto do grande público.

Daqui resulta, por um lado, um maior poder, um maior alcance da finalidade publicitária, e, por outro lado, a conquista de mais vasto horizonte para o entendimento de uma linguagem que, dia a dia, se vai tornando mais complexa.

Temos, pois, na base desta iniciativa do «Diário de Lisboa», a intenção de chamar as atenções para as exigências de qualidade do anúncio e, daí, contribuir para a melhoria constante dessa qualidade. Estamos certos de vir a conseguir esse objectivo — e o público saberá que não nos poupámos a esforços.

Para já, pois, é este aspecto do «Grande Prémio de Publicidade» que mais nos apetece sublinhar: que o anúncio contenha, para além da finalidade imediata, a possibilidade de concorrer para a elevação artística dos leitores da Imprensa diária.

Evidentemente que continua a haver lugar para o pequeno anúncio, despretensioso e directo, o que nasce e morre no nascer e no morrer dos dias. Para além dele, porém, há todo um trabalho difícil e altamente especializado, que tem á sua disposição verdadeiros exércitos de técnicos, de cientistas, de artistas. Alguns anúncios são verdadeiras maravilhas de invenção, que provocam estados emotivos actuantes no público por muito mais tempo do que a brevidade da folha do jornal faria prever.

O «Grande Prémio de Publicidade», uma das maiores iniciativas desde sempre levadas a efeito na Imprensa portuguesa, vai contribuir para a constituição de uma notável antologia dos anúncios publicitários ou, para sermos mais exactos, da «arte publicitária». Das «folhas» que duram algumas horas, recorte-se o que merece durar alguns anos. Este deverá ser como que o lema do nosso «Grande Prémio de Publicidade».

Morte súbita de um ferroviário quando ia tomar uma camioneta

ÉVORA, 25. — Quando se preparava para tomar uma camioneta da Empresa João Candido Belo, com destino a Mora, faleceu subitamente, na estação de camionagem da mesma empresa, nesta cidade, o sr. José David, de 67 anos, casado, aposentado da C. P., natural daquela localidade e aqui residente no Bairro do Chafariz d'El-Rei.

O cadáver foi removido para a casa mortuária do Hospital da Misericórdia.

Atropelamento por imprevidência

Impedido, momentaneamente, no sentido da sua marcha, no arco do Aqueduto da Água da Preta, entre as Portas da Lagoa e as Portas de Avis, o aluno da Escola de Regentes Agrícolas de Évora, António Pedro Soares Carvalho, que conduzia um automóvel, resolveu passar sob o arco no sentido contrário. Por ali seguia no momento o jovem ciclista António José Graça Rodrigues, de 15 anos, aprendiz de mecanico, residente na Quinta da Azaruja (ao Semedo).

O atropelamento tornou-se inevitável, e o infeliz ciclista, que sofreu fracturas e lesões internas de gravidade, recolheu áquele hospital.

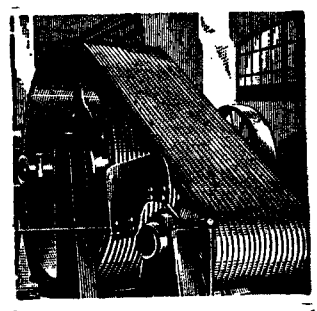
Presidência do Conselho

Com o Presidente do Conselho trabalhou hoje o sr. dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Presidência.

Mercês honoríficas

O Papa Paulo VI condecorou com o grau de comendador da Ordem de São Gregório, o Magno, o sr. eng.º Duarte Pinto de Carvalho e Freitas do Amaral, pelos altos serviços prestados á Igreja. É uma alta mercê que o sumo pontífice costuma conceder a individualidades de prestígio.

O sr. eng.º Durte do Amaral, deputado e vice-presidente do conselho de administração da Sacor, já fora há anos distinguido pelo Governo português, recebendo, então, as respectivas insignias das mãos do Chefe do Estado, numa sessão pública em Guimarães, sua terra natal.



CORREIAS TRAPEZOIDAIS

TRELLEBORG

Sem aumento de preço. Melhoria sensível, relativamente às correias tradicionais.

- Maior capacidade: 40 % mais
- Antiestáticas
- Resistentes ao óleo de lubrificação
- Resistentes aos Agentes Atmosféricos

Representante:

GUMITECNA

Av. de Madrid, 2-D - LISBOA 1

Telfs. 72 52 44 - 72 97 13 - 71 29 25

vida literária e artística

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»
N.º 495 — 25 DE JANEIRO DE 1968

Uma revolução literária
ou a crise das Letras francesas nos vinte anos do pós-guerra

A história da literatura ensina-nos que os grandes escritores são aqueles que, com a sua obra, exerceram uma influência determinante na maneira de viver ou de pensar dos contemporâneos. De Montaigne a Camus seria fácil evocar, no correr dos séculos, os autores que contribuiram para modelar a sua época, exprimindo através das preocupações pessoais os sentimentos, as necessidades e até mesmo as contradições da sociedade a que pertencem.

A verdade é que uma forte tradição humanista sempre levou os escritores a desempenhar, junto dos leitores, um papel mais ou menos evidente de directores de consciência: dramaturgos, poetas, ensaistas ou romancistas, a sua vocação era, antes de mais, a de fazer-se ouvir como moralistas, **provocando e solicitando nos outros certos juizos sobre o modo como se pode ou deve dirigir a exis-**

por
JEAN-CLAUDE IBERT

tência. A pintura das paixões, a análise dos caracteres, as descrições dos meios sociais propunham exemplos de conduta humana que toda a gente podia aprovar ou censurar.

Assim, ao longo de quase quatro séculos — da difusão da impressão ao desenvolvimento da televisão — a função dos escritores foi a de informadores, de manipuladores de ideias e sentimentos, de guias espirituais, e é com referência á sua actividade de «mestres de pensamento» que pôde dizer-se da literatura ter sido ela a «consciência da sociedade». O panorama de hoje será idêntico?

A nossa civilização está votada ao culto das imagens: a televisão, com toda a gama das suas emissões — noticiário, debates políticos, reportagens, filmes, sequências culturais e dramáticas — ensina-nos muito mais acerca da vida do mundo,

(Continua na página seguinte)

As peixeiras de Lisboa, vibrantes, passando leves com seus pregões por toda a cidade, foram assim interpretadas por Bernardo Marques no livro «Saudades de Lisboa»

SAUDADES DE LISBOA

É um livro de arte este das «Saudades de Lisboa». De arte não apenas pelas ilustrações magníficas de Bernardo Marques, sensibilidade requintada de quem também há saudades nas artes portuguesas, mas pela orientação e gosto que presidiram á feitura do volume.

É que as artes gráficas também são arte e, durante muito tempo, isso se esqueceu. Escolha de tipos, sua disposição, papel adequado, paginação e a harmonia do conjunto contêm em si muitos segredos de que os leigos mal se apercebem, mesmo quando gostam ou não gostam dos volumes.

Há tempos que Manuel Correia, dos Estúdios Cor, tomou a iniciativa de lançar edições como aquela do «Livro de Cesário Verde», a do «Cântico dos Cânticos», a que se segue esta verdadeira canção de Lisboa. Canção nos versos e na prosa, desde Eça de Queiroz a Miguel Torga, canção na harmonia gráfica, e canção nas ilustrações de Bernardo Marques. É uma tiragem limitada, como costumam ser as de livros destes.

A selecção e escolha dos trechos de Eça, Gomes Leal, Cesário Verde, António Nobre, Raul Brandão, Teixeira Gomes, Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Cortezão, José Régio, Branquinho da Fonseca, José Gomes Ferreira, Vitorino Nemésio, José Rodrigues Miguéis, Domingos Monteiro, Armindo Rodrigues, Torga e outros, foi feita por David Mourão-Ferreira, de quem é, também, o prefácio, a atestar aquela sensibilidade e fino gosto literário que lhe são reconhecidos. Também ele figuraria na selecção, se esta fosse feita por outrém e pusesse a cancela mais aquém de Miguel Torga.

Capa de Victor Palla para o livro «Incomodidade» de Joaquim Namorado

«Good Hope-The Voyage of Vasco da Gama» by Elaine Sanceau

Elaine Sanceau, que entre nós vive há muitos anos e que a história portuguesa, em especial a história dos Descobrimentos, tem consagrado erudita e admirativa atenção, escreveu agora este volume que a Academia Internacional de Cultura Portuguesa editou.

Elaine Sanceau, naquele seu estilo correntio, de grande divulgadora, descreve o ambiente desses tempos em que se procuravam lançar elos mais fundos entre o Oriente e o Ocidente e em que a Índia era um sonho. Os pormenores da viagem primeira de Vasco da Gama são descritos com conhecimentos fundos dos cronistas e das relações contemporâneas.

Não se trata de um livro de investigação e análise, onde os documentos sejam não só examinados mais analisados; trata-se, sim, de volume útil, com leitura agradável, acessível ao público de língua inglesa. Na bibliografia numerosa se nos mostra quais as fontes da autora; e um mapa das viagens de Vasco da Gama á Índia, ida e regresso, ilustra a obra.

CAPAS DE LIVROS

por ALFREDO BETÂMIO DE ALMEIDA

Um livro vale, como é evidente, pelo seu conteúdo, literário ou científico, mas é a sua capa que oferece o primeiro encanto, ou desencanto, ao observador fortuito. A beleza e a surpresa da capa têm força de atracção sobre o comprador.

Sem qualquer pretensão de esgotar o assunto, mas apenas porque numa tarde de Verão, **estendemos** sobre uma mesa vários livros «empurrados» para uma casa de praia, e aos nossos olhos se encadeou, com relativa evidência, o gosto das capas de nossos livros, decidimos tomar estas notas.

A capa mais antiga desta pequena e ocasional colecção é a de um livro de versos, formato de bolso, romântico ainda. Toda a capa é uma gravura de traço fino, impressa a preto como não podia deixar de ser. O desenho nasce com um ramo de flores brancas, apertado por um laço, e que se sobrepõe a um «pergaminho» meio enrolado em que o desenhador pôs a data: 1893. Por cima do ramo ergue-se um anjo, com asas e tudo, mesmo uma flutuante fita. O anjinho, de braços erguidos, sustenta um livro e, por cima, o nome da obra poética: **Myosotis**, desenhado com ligeira obliquidade. Fecha a forma rectangular, um enrolado de desenho muito frouxo. Aqui está a capa dos fins do século dezanove, de um gosto romântico-lírico, complexa e enriquecida, gràficamente, à custa de raminhos.

Seleccionámos depois uma pequena brochura, de 1896, com versos de João de Deus. A sua capa é, nitidamente, já um desenho de «art nouveau», assina-a Celso Hermínio, o grande caricaturista, cujas maiores obras se divulgaram em gritantes bilhetes postais, já coloridos. Os motivos são do reino das flores, mas desenhados segundo a estilização da época: contorno apenas e um movimento de formas até encher as superfícies parcelares em que o todo fora dividido.

1902 — Uma capa com verdes, lilás e prateado, de desenho muito seguro, patenteia mais ní-

(Continua na página seguinte)

A MAIOR AMIZADE

A «Maior Amizade» intitulou Lagoa Henriques este magnífico desenho, firme, sólido, esplendoroso na sua leveza e irrandiando vida. Lagoa Henriques que ora ocupa a catedra de Desenho na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, não se atém apenas às suas aulas; a actividade do artista e do educador entrelaçam-se em toda a vida

Uma revolução literária

(Continuação da página anterior)

das reacções, reivindicações, discussões ou proezas dos nossos contemporâneos que os melhores livros sobre os mesmos temas. Estamos a transformar-nos em espectadores perpétuos à espera de acontecimentos excepcionais. Os próprios escritores são tentados a abandonar a pena pela máquina de filmar, e com certeza que assistiríamos à publicação de muito menos livros se não fosse realmente mais caro fazer um filme do que editar um livro. Muitos deles, aliás, preferem produzir para a televisão, abandonando a ideia de consagrar-se a uma obra estritamente literária. Acham, não sem razão, que para chegar ao público, os meios de expressão audiovisuais são infinitamente mais eficientes que os textos impressos. Ora, se esta paixão pelo mundo das imagens se generalizasse, teríamos todo o direito de considerar com pessimismo o futuro da literatura. Felizmente que esta parece ter-se orientado, desde há vários anos, para caminhos que deverão preservá-la de um longo eclipse.

Graças ao impulso dado por outores de grande talento, como Alain Robbe-Grillet, Michel Butor, Nathalie Serraute, Marc Saporta, Philippe Sollers e Robert Pinget, chefes de fila da escola do «Nouveau Roman», está a operar-se nas letras uma revolução bastante paradoxal. Cortando deliberadamente com a tradição, estes escritores contribuíram para a desagregação dos géneros literários: sob a etiqueta de romances, as suas obras apresentam-se antes como manifestos de *literatura total* cujo estilo, para lá do elemento puramente narrativo, lembra, por vezes, o ensaio, o poema em prosa e o diálogo de teatro. Nestes romances «novos» a história pròpriamente dita passa para segundo plano, as personagens deixam de ser heróis de aventuras singulares, a vida já não é contada, mas re-criada no desdobrar das relações que ligam os seres ás coisas e aos acontecimentos. A ambição dos seus autores não é a de tratarem o leitor como juiz ou testemunha, mas de fazerem dele um participante ou um cúmplice, convidando-o a entrar directamente na aventura literária que eles próprios viveram. De facto, por uma técnica narrativa muito especial, o leitor vê-se imediatamente transplantado para os locais onde se desenrola a acção: está neste jantar citadino (1) de que lhe falam, vive neste prédio (2) agora evocado, segue este homem que se perdeu numa cidade (3), e é ele que reconstituiu, à maneira de um detective, o passado das personagens que se movem a seu lado no romance (4).

Para tais romancistas, o que aparentemente conta é o desejo de transmitir, por intermédio dos poderes da escrita, o próprio movimento da vida, fora de todas as preocupações psicológicas, morais, sociais, religiosas ou políticas. Apelando para a «colaboração» do leitor, querem ensiná-lo a ver as coisas com um olhar novo, a servir-se da banalidade quotidiana para penetrar no universo da existência pura, onde se encontrará mergulhado no anonimato da multidão e privado de identidade, mas rico de toda a experiência que pode ter do mundo.

É, sem dúvida, a primeira vez que na história da literatura certos escritores contam com a atenção, a inteligência e a assistência de um público avisado, para impedir que essa mesma literatura se transforme num produto de consumo, enfim, para que ela possa, novamente, dar vida a obras de arte.

Uma cisão nos escritores

É certo que tal atitude não deixou de provocar perturbação nos meios intelectuais, a ponto de uma cisão dividir hoje os escritores. Há, por um lado, os que pretendem fazer *literatura literária*, no número dos quais se incluem os adeptos da escola do «Nouveau Roman», bem como vários romancistas, poetas e dramaturgos da estirpe de René de Obaldia, Dominique Rollin, Jacques Brosse, Georges Piroué, Claude Simon, Romain Weingarten, Michel Degny e Jean-Pierre Faye, que se exercitam em pesquisas paralelas às daquela escola; e há, por outro, os que pensam, muito sinceramente, que uma certa literatura a que chamaremos convencional pode sobreviver — sem diminuir de valor — em concorrência com a televisão e o cinema, dois meios de expressão que retiram dela o essencial da sua substância. Uns e outros entreolham-se como cães de porcelana, lamentando mùtuamente, que tanto talento seja colocado ao serviço de teorias estéreis ou ultrapassadas. Não é este o lugar apropriado para fazer a crítica da literatura convencional, a qual se exprime hoje através do romance clássico, do teatro de ideias e costumes ou da poesia intimista, mas devemos convir, bem contra a nossa vontade, que, contràriamente aos autores que até 1950 asseguravam com brilho a perenidade dessa literatura (pensamos em espíritos de primeira grandeza, como Bernanos, Camus, Malraux e Sartre), os que hoje deviam garantir-lhe a validade contentam-se em criar na penumbra dos ilustres predecessores. Os debates sobre o absurdo da existência, a afirmação de uma vontade de poder, a celebração da fraternidade viril, a ambiguidade da revolta e da esperança, todos estes fermentos da inquietação espiritual não perturbam já a consciência da sociedade francesa. Os mestres de pensamento transformaram-se em estetas sediciosos — mas, como toda a gente sabe, os promotores de qualquer revolução, mesmo literária, nem sempre têm a certeza de vir a ser seus beneficiários. Os manes do Surrealismo são uma advertência viva.

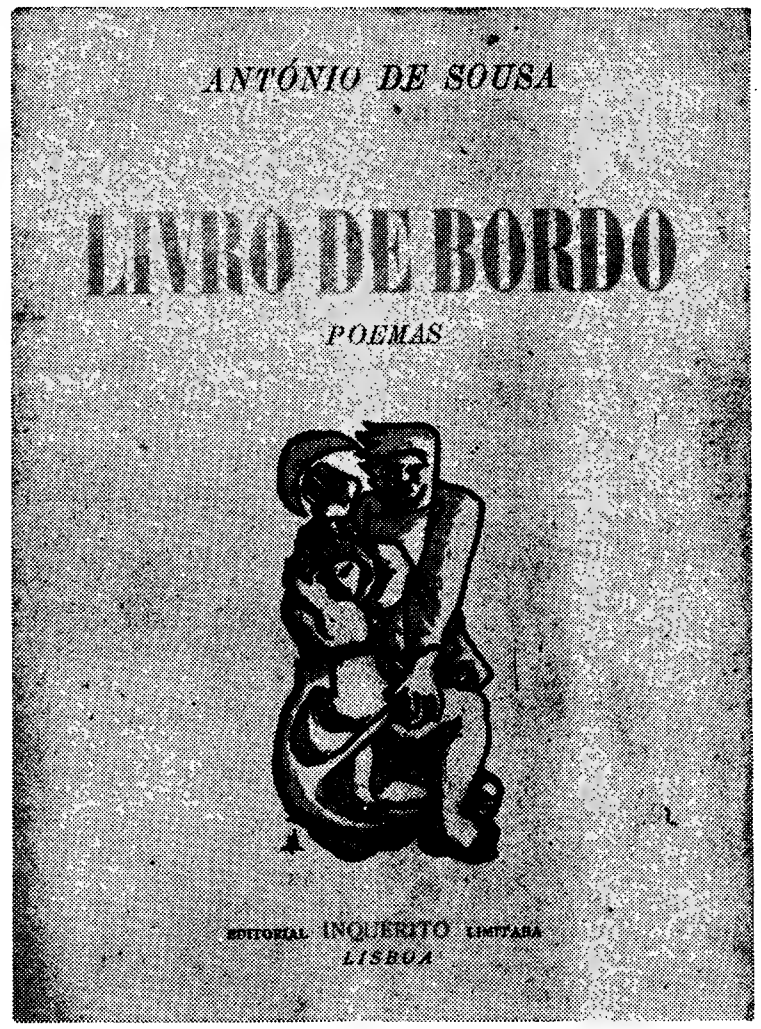
JEAN-CLAUDE IBERT

(1) — «Le dîner en ville», de Claude Mauriac (Ed. Albin-Michel).

(2) — «Passage de Milan», de Michel Butor (Éditions de Minuit).

(3) — «Dans le labyrinthe», de Alain Robbe-Grillet (Éditions de Minuit).

(4) — «Entre dois tiros», de Alain Robbe-Grillet, tradução de Urbano Tavares Rodrigues (Ed. Livros do Brasil).



Capa do malogrado Manuel Ribeiro de Pavia, artista sacrificado pelo meio ambiente, para o «Livro de Bordo», de António de Sousa

CAPAS DE LIVROS

(Continuação da página anterior)

tidamente o gosto do princípio do século, gosto que alastrou em «cache-pots» de cerâmica e móveis de saleta. Os fios de água, serpenteando, e as hastes das flores, ondulando, lá estão a encher os espaços. Não se descobre o nome do artista, mas é do estilo de Alonso (Santos-Silva). O livro chama-se **Noites Perdidas**, e é seu autor um nosso parente com dois tt no nome e que **chegava** apresentado por Alberto Pimentel.

Verificámos que, deste período que precede a Primeira Grande Guerra, nos falta um exemplo característico. Julgamos que do citado Alonso, que viemos a conhecer em **Os Ridículos**, há capas típicas de estilo á maneira de Mucha.

Já a anunciar outra época, uma capa de Leitão de Barros. Maior simplicidade, mas ainda uma cornocópia que vomita flores. Capa bem composta, com letras desenhadas pelo autor. É um livro de Norberto de Araújo.

E, depois, as capas dos anos vinte, **modernistas**, inicialmente ainda algo cacógrafas, mas depois mais **limpas**, apelando frequentemente para uma forma simbólica, em vez de formas narrativas. Temos presente: «A lâmpada de Aladim» com capa de Ary, 1922, edição da Seara Nova.

Agora, a capa de António Soares, a do livro **Leviana**, de António Ferro. E começam as capas «pequenos quadros», tricromias bem impressas. Esta é de um efeito certo, de composição correcta, elegante, em que um bom pintor manchou, de forma sintética e convincente, uma cabeça de mulher galante.

De 1924, uma capa da primeira fase de Bernardo Marques, de desenho simbólico. Da mesma época contudo, temos uma capa de desenho geometrizado, capa **futurista**, em que se procuram tornar eloquentes as linhas curvas e rectas, em sua expressão pura. É uma primeira edição do **futurista** brasileiro Mário Andrade. E por esta altura há **quadros** de valor pelas capas, são seus mestres: Stuart, Barradas, Alberto de Sousa, etc.

Dos anos trinta têm direito a ser lembradas as capas de Roberto Nobre, em que se dá maior importância ao desenho das letras e a **ilustração** é ainda simbólica, com um tratamento técnico muito pessoal. Digamos: a linha com expressão de «golpe» de pincel, e a cor reduzida a uma só e preto. Uma selecção de reproduções de capas e ilustrações de Nobre seria tarefa meritória para os estudiosos que se interessam por encontrar exemplos de uma comunhão de forma, conteúdo e época.

Mas nos anos trinta surge um pintor estrangeiro que altera a estética da capa dos nossos livros, e abre caminho, por exemplo, a um José Rocha, e a um José Espinho. Estamo-nos a referir a Fred Kradolfer, e a capa que temos presente é a de «O meu amor pequenino», de António Botto. Para Kradolfer, a capa é também um diminuto quadro, mas de contexto mais leve; aí surgem valores cromáticos «nuançados» e toques **preciosos**, decisivos para o significado estético do trabalho. Aqui estão as florzinhas de efeito, neo-românticas, que tanto se expandiram. Já não é a cor plana da litografia, mas a cor modelada da tetracromia.

Kradolfer ensinou aos artistas plásticos portugueses uma visão artística clara, decorativa, poética. E ensinou, principalmente, a cuidar do desenho das letras e a estar atento á sua importância. É o reflexo da lição das escolas suíças.

Poéticas, tapetes orientais, de um formalismo encadeado, essencialmente decorativo, eis as capas **habilidosas** de João Carlos — temos presente uma de 1939.

Quando se publicará, em monografias especiais e... **compráveis**, a obra dos desenhadores portugueses, desde um satírico Nogueira da Silva, oitocentista, ao decorativo João Carlos, de algum modo consequência de um Amadeu de Sousa-Cardoso? E que não se esqueça a família, Escarraecospe, D. Encrenca e Piú, de mestre Carlos Botelho.

Nos anos quarenta, um jovem do nosso tempo renova inteligentemente as capas dos livros. É Victor Palla. Os títulos têm agora um valor plástico essencial na composição e na leitura da capa. O desenho moderniza-se e ganha valores estéticos adequados á circunstância de ser para uma capa. Trabalhos com economia de cor, económicos, portanto, mas também elegantes na sua linguagem expressiva e sugestiva.

Dos anos de cinquenta apreciamos uma capa de Bernardo Marques, sóbria, algo da lição de Kradolfer, mas com estilo próprio. Atravessa a capa de «A Missão», de Ferreira de Castro, uma faixa que é um típico desenho aguarelado de B. Marques, de um impressionismo gráfico a que as manchas de cor avivam o ambiente e dão atmosfera.

Fixemos agora uma capa de Pavia, bem características, na sua comunicação tão clara e tão simples. Para Manuel Ribeiro Pavia a capa era sempre branca, letras aos topos, e no centro, a sua ilustração. Nesta, sempre de forma rectangular, projectava Pavia, com a grossura de um ferro de prisão, o seu sonho, geralmente a ternura da maternidade ou a largueza dos olhos que querem ver o mar. E flores que lembravam as estrelas desse mar. E cor como a de um vitral, para o Sol lhe bater. Meu bom ganhão desenraizado, que não esqueces; mas ninguém se lembrou de ti na devida altura.

A seguir, arrumamos três capas dos anos sessenta, da época das capas brilhantes, envernizadas. Uma de João Câmara Leme, essencialmente decorativa, de um jogo formal de surpresa, geometrizada, atraente e, portanto, ajustada ao seu fim. Outra de Paulo-Guilherme, nosso antigo aluno, elegante, preciosa no seu desenho requintado e de aparente facilidade. Paulo-Guilherme sabe fazer uma capa, o seu grafismo cresce, estética e naturalmente, dentro da superfície escolhida. Preferência pelos tons que fazem moda. E, por fim, uma capa de Sebastião Rodrigues, já numa atmosfera de Pop-Art. Requinte na dimensão e colocação dos dizeres, dando aos espaços vazios um valor atractivo. Desenho e «colagens» em comunhão ordeira.

E, agora mesmo, as capas da Europa-América, neo-neoralistas — não sabemos porque surgiu esta palavra, que cremos certa — formalmente, «solarizações», um contraponto de preto e branco sugerindo, pela colocação, espaço, atmosfera.

E amanhã? Capas cinéticas, capas luminosas, ou, talvez mesmo anticapas.

A. BETÂMIO

SIGILOGRAFIA. ENTREVISTA COM A' IDADE MÉDIA

O dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo publicou, em separata de «Arqueologia e História», este valioso trabalho de ir buscar os elementos que em nossos dias nos permitem, de facto, realizar uma autêntica entrevista com a Idade Média, através da Sigilografia.

Estudioso da sigilografia, genealogista de mérito que se licenciou em Letras com uma tese sobre o «Livro dos Brasões», o dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo reconstitui a época através dos documentos sigilográficos de que dispomos. Arquitectura e arte em geral, trajes, costumes, instituições, letras e linguísticas e outros aspectos medievos são-nos dados, de forma sumária como não podia deixar de ser, mas com conhecimentos grandes, nesta separata.

E não poderiam esses esboços de capítulos ser realmente o esboço de uma obra a que o dr. Francisco de Simas Alves de Azevedo poderia lançar ombros para reconstituir os vários aspectos da vida medieval pela sigilografia? A estrutura ali está, para erguer o edifício; esperemos que o estudioso lance mãos a essa tarefa que não é de somenos.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

bando enfim por casar com ele e dar a luz Elisa, a quem nunca saberá estimar.
Privada do amor maternal, a

tos da consciência humana [illegible] segue revestia [illegible] interesse um t[illegible] parecer esgota[illegible]

paqui

[illegible] ao do ma[illegible] ela, um[illegible] vive afinar [illegible] meio de [illegible]

dar, julga corresponde. E será depois a
[illegible]uria, eleita, nascença do Amor, a redenção
s absurdos, de Bárbara, que há-de recuperar
s, e acaba a razão, em suma, o romance

breve encontro com

AUGUSTO ABELAIRA

«ENSEADA AMENA»

Augusto Abelaira publicou o seu ultimo romance em 1966 «Enseada Amena» se chamava. (Entre parêntesis, digamos que, por lapso, figura como sendo «Baia Amena», na ultima edição da «História da Literatura», de Oscar Lopes. Mas não. É Enseada Amena»).

«BOLOR»

Neste «breve encontro» com Augusto Abelaira começamos por perguntar se ia publicar, brevemente, algum livro. Resposta pronta e precisa:

— **Tenho presentemente, dois livros a sair: uma reedição, a de «Os Desertores», com um prefácio em que procuro de certo modo fazer um balanço dos meus problemas de romancista, e um novo romance, «Bolor», titulo que «plagiei» de uma poesia de Carlos de Oliveira.**

— Pode saber-se de que se trata?

— **É um romance de amor, ou talvez melhor, de desamor. Uma história de ambiente citadino. Lisboa, em 1967. Quando será posto á venda ignoro. O mais que posso dizer é que está a compor.**

• LEITURAS

Projectos? Ainda não sei bem. Mas, no fundo, preparo-me para escrever, novamente, o romance do costume...

Esta declaração irónica, que nos fez rir com vontade, não alterou o ar descontraído do autor de «A Cidade das Flores». Abelaira aproveitou a pausa para acender o cachimbo. Estivemos para lhe perguntar se havia alguma razão para não tirar fotografias de cachimbo, ou qual era o seu prato preferido. Mas talvez interessasse mais saber-se outra coisa qualquer, por exemplo o que tinha lido ultimamente. Foi essa pergunta que fizemos.

— **Estou a ler um livro sobre o barroco, ou melhor, sobre os disparates que se dizem sobre o barroco, de Pierre Charpentrat. Diz-se tanto disparate!... Acabei por ler um grande romance contemporâneo, facto que julgo muito raro: «Herzog», do escritor americano Saul Bellow.** — M. A.

UM POEMA INÉDITO

FIM DE TARDE

de MANUEL ALBERTO VALENTE

Tricotando as horas se passam as rendas
se passam as letras do jornal prós olhos
se passam postais com vistas de cor
e de cor se dizem mentiras serenas

Tricotando as rendas se passam as horas
indiferentes

Mas aqui no meu recanto ouve bem
Cesário que sabias ver como ninguém
e tu Alexandre que me ensinaste a brincar
com as palavras e a gente
vou tricotando uma paisagem com a espuma
que fica após o beijo na boca das mulheres

E há a ria o vento o teu olhar
pousado sobre um livro e este riso
enorme
truculento
barulhento
que me cresce por dentro

— impotente vingança
de quem não entra nesta festiva dança
de cadeiras prestes a morrer

Costa Nova do Prado, Agosto. 67

– Que impressão guarda do seu primeiro livro?

MANUEL FERREIRA FALA-NOS DE «GREI»

«Foi escrito em Cabo Verde, em 1943. Uma época que Namora chamou de heróica, uma época de sensação. Todos estavam convencidos de que haviam descoberto coisas novas. E era verdade. Pela primeira vez na história da nossa literatura, os escritores portugueses tinham no pensamento e na consciência uma matéria inédita: a *perspectiva* da realidade social portuguesa na sua totalidade. E a despeito de tentativas mal acabadas, não foram poucos os que deram ao nosso romance e ao nosso conto uma força que não tinha. Alguns deles aí estão mais vivos do que nunca: o Carlos de Oliveira, o Fernando Namora, o Manuel da Fonseca, o Alves Redol, o Marmelo e Silva, o Mário Dionisio e tantos mais. Vivia eu este momento e chega-me a São Vicente a *Aldeia Nova*, do Manuel da Fonseca. *Aldeia Nova* era uma descoberta.

E dei-me a escrever um livro de contos: *Grei*. É um livro autobiográfico. Tecido de lembranças que vão doz dez anos até á adolescência. Um livro por vezes amargo, nutrindo-se de uma raelidade só aparentemente contraditória. Joaquim Namorado, na *Vértice*, falou de um certo esquematismo, aqui e ali, mas a sua crítica linsogeira, nessa época, foi um encorajamento que não esqueci. As palavras do Cardoso Pires (que anos teria? Talvez menos de vinte) nas *Afinidades* constituiram uma surpresa para mim. Agora ele fala de novo no livro num prefácio — e eu fico a pensar se de facto valerá a pena «reactualizá-lo». Vou ver isso qualquer dia. É o meu primeiro livro publicado — e a ele me ligam, naturalmente, um mundo de sonhos, de anseios, a riqueza de toda uma época de certezas, de luta quotidiana na construção de um caminho que ao longo de vinte e cinco anos venho percorrendo — e percorreria agora, passo e passo, se tivesse de voltar ao principio.

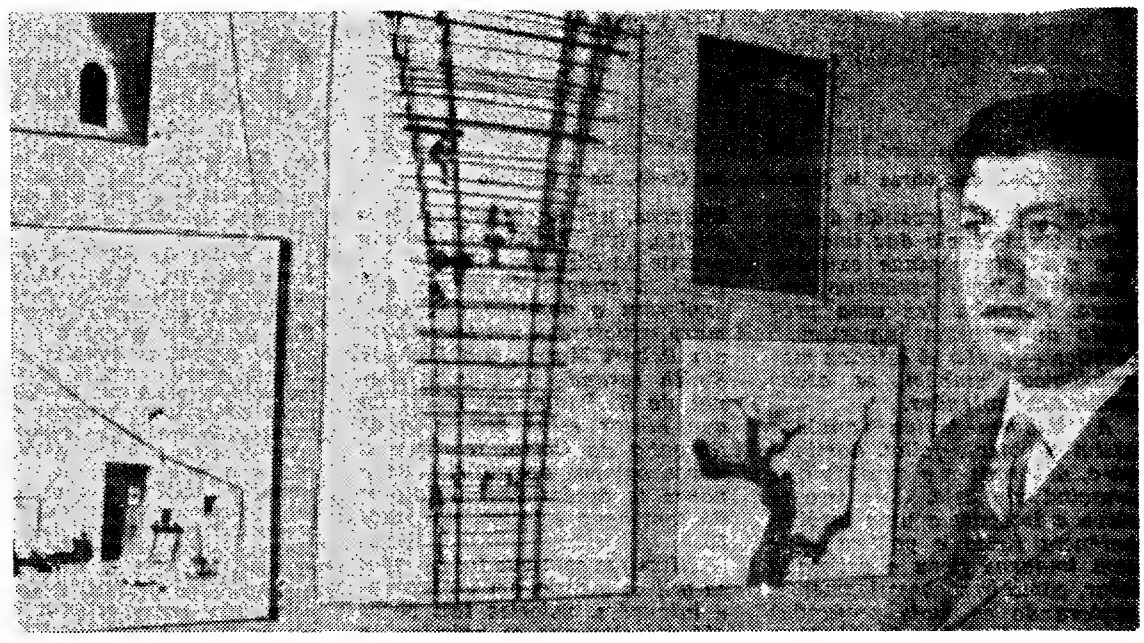
Devo, aqui, um esclarecimento. *Grei* não é o primeiro livro. Foi um romance onde ensaiei as minhas primeiras tentativas. Ficou na gaveta. Nunca mais o li. Assim como também nunca mais li *Grei* depois de publicada. Essa a razão por que, de momento, não tenho uma ideia exacta dele. Sei que nessa altura era o livro de um escritor comprometido, aquilo que afinal tenho procurado ser dentro do lugar modesto que me cabe.»

ASSIM VAI O MUNDO...

«TOLENTINO DE ALMEIDA (Nicolau) — Poeta português, cómico e satírico; n. em Lisboa. Tinha habilidade poética mas carácter inferior. A sua musa era pedinchona. Todavia, as suas poesias eram documentos da Época, originais, com boa ironia, e de observação mordaz. Era um caricaturista em verso e primava no soneto e na quintilha.»

(«Dicionário prático ilustrado» — sob direcção de Jaime Séguier. Edição actualizada.)

GAGEIRO NAS BELAS-ARTES



Eduardo Gageiro expõe fotografias nas Belas-Artes. Em baixo, automóveis, em cima, fotografias. Tudo certo. Arte e técnica. Mas Gageiro não é apenas um técnico da fotografia. É um artista da luz e da sombra, do homem e do mundo que o rodeia.

Nas 65 fotografias expostas, Eduardo Gageiro dá-nos uma visão dramática, emotiva ou risonha das coisas deste mundo. E essa visão, apoiada numa apurada técnica, é que faz grandes os trabalhos expostos.

«O que me parece realmente importante é que o crítico (e com estas palavras estou a designar todo o publico de uma maneira geral) não se detenha nestas paredes perante *uma exposição de fotografia*, mas frente aos trabalhos *de um* fotógrafo» — diz Roby Amorim, no catálogo («Advertência aos críticos»).

Também são do catálogo estas palavras de Willy Hengel:

«Não há actualmente em todo o mundo um segundo fotógrafo capaz de tão excepcionalmente como o faz este português reproduzir a figura humana no trabalho, tanto nas suas expressões de alegria, como nos seus momentos de sofrimento. São razões de crítica social que levam Gageiro a retratar com a sua câmara o trabalho humano. As suas fotografias são, simultâneamente, vivas e equilibradas atingindo o plano de um testemunho comovente. Em situações em que outros o não conseguem, Gageiro obtém sempre o efeito desejado. Alegra-nos que seja capaz de o fazer.»

Além disto, diremos: Vá ver esta exposição.

NOTÍCIA

De Carlos de Oliveira — que há muitos anos não publicava um livro novo — vai sair dentro de dias um volume de poemas, editado por Iniciativas Editoriais. Título: «Sobre o lado esquerdo».

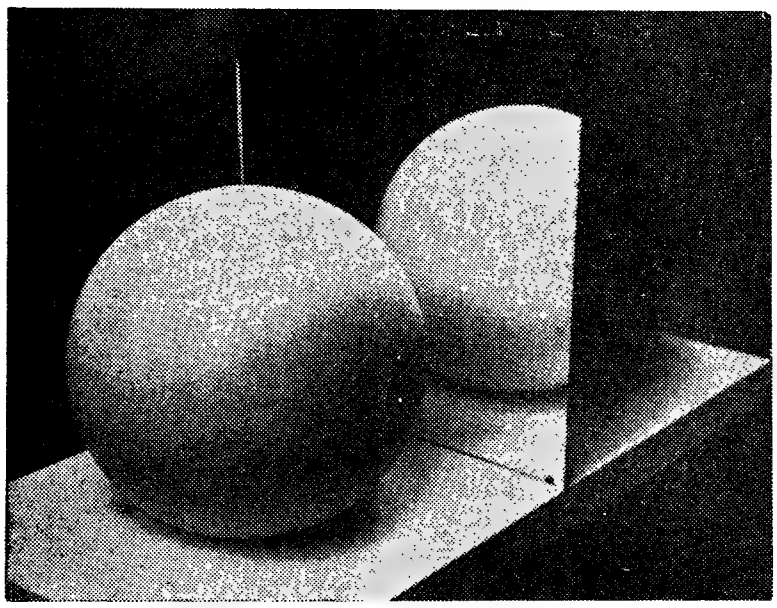
FOLHETIM ARTÍSTICO DE JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

2—Objectos e imagens

Ao recordar os feitos de 1967, para o rapidíssimo balanço anual do «Diário de Lisboa», falei numa exposição de Luís Noronha da Costa na Gal. Quadrante, e na originalidade das suas propostas. Mal sabia eu que, no dia seguinte ao escrever a notinha, o mesmo artista abria na Gal. Buchholz uma nova exposição que devia caber na cronologia do ano quase terminado. Escapou-me pois esta exposição que só entra agora em corrigenda ao dito balanço — bem melhorado por ela.

Melhorado na medida em que tal exposição sobreleva as que durante o ano se fizeram, no seu enorme interesse estético. Não se diminuiram as outras, é claro, mas aumentou o activo do ano com uma produção original que num plano internacional interessa já considerar.

Noronha da Costa situa-se entre os autores de objectos — os «objectistas», como se diz, em duvidoso neologismo. Realiza ele então objectos que são caixas, e caixas com espelhos. Chegou lá lógicamente através de uma pesquisa muito atenta a problemas modernos da imagem — e partindo de uma descoberta que já algures alongadamente referi: a anulação, por transparência, do «écran» físico que define as duas páginas de



Uma das obras de Noronha da Costa, na exposição

qualquer folha, levando á ambígua coexistência das imagens que em tais páginas existam Através de um simplíssimo processo, Noronha fez uma proposta de extrema importância estética *— e não só estética mas ontológica também, se assim quisermos entender.*

A imagem-página anulava assim o objecto-folha, dominava-o, devorava-o e substituía-o, prescindindo dele. Com isso se eleva a imagem a uma insólita potência física e poética — e com imagens ficou o artista a lidar, como que obsessivamente, explorando as mais profundas consequências da dialéctica objecto-imagem.

É claro que não se trata aqui da imgaem valor representativo (que a essa até se deve chamar icone, para boa distinção vocabular), mas da imagem em si, *variadamente reintegrada depois da crise semântica do «informal» — e que um espelho pode especialmente* criar, *com aquele valor ilusório que as mitologias sempre consideraram atentamente. Ao* valor adjectivo *(como se diz) da imagem função de um objecto opõe-se aqui um* valor substantivo *que a imagem assume, como entidade óptica.*

...Dentro de caixas mete então Noronha da Costa espelhos, agenciando sistemas reflexivos e obtendo, por exemplo: a) *modificações de experiência espacial;* b) *transformações na definição de vazio;* c) *mutações continuas de uma forma pela relação de um preto-branco em que ela aparentemente se divide;* d) *alterações de um plano simultâneamente reflexivo e transparente;* e) *mudanças de conjuntos ou séries estruturalmente alternáveis, etc., etc. — e assim, de metamorfose em metamorfose, que a física logo explica, se atingem valores de metáfora que a criação artística de hoje sobretudo pretende e que á reflexão estética actual sobretudo interessam, na medida em que ela se debruça sobre conceitos de «abertura» formal.*

A criação daqueles artistas que pesquisam no dominio das imagens, um Schöffer, um Pistoletto, um Le Parc (grande prémio da Bienal de Veneza, em 1966), á criação de outros, que exploram o dominio das «primary structures», um Larry Bell, um Robert Morris, um Richard Smith (grande prémio da Bienal de S. Paulo em 1967), há que juntar estas propostas de Noronha da Costa, relativas a novos campos operatórios ou a novas (e dinâmicas) definições do fenómeno estético, nos anos 60.

...Isso faz com que toda a nossa crítica a sério, em programas e intenções, valorize tais obras (já discutiremos os prémios da G.M....) — e para isso deve o folhetinista chamar a especial atenção de V. Ex.as, recomendando-lhes, ainda a tempo, uma visita á exposição.

Uma das obras expostas por Salvador Dali

SALVADOR DALI NA INAUGURAÇÃO (EM MADRID) DA GALERIA IANUA

Abriu há dias uma nova galeria de arte em Madrid, na livraria Ianua. A vernissage *incluiu uma colecção de águas-fortes, litografias e desenhos de Salvador Dali.*

Que expõe Dali? Os sete pecados capitais, vistos pela sua óptica especialíssima, e acrescentados de um oitavo, o vago, abstruso e indefinível «dalinismo». Salvador não explica o que seja — nem talvez se precise de explicação.

A mostra daliniana propõe ainda várias interpretações de personagens históricas — Washington, Cid, o Campeador, El Greco e outros —, além de uma série de desenhos antigos.

O museu e a escola

Em artigo publicado na revista «Colóquio», o nosso colaborador dr. Rui Grácio fala de «Museus e Educação» e fá-lo com a clareza de expressão e com um poder de síntese demonstradores de quanto viveu o assunto e sobre ele reflectiu.

Do artigo de Rui Grácio transcrevemos a parte final: «*Não basta possuir museus pedagógicamente renovados, é preciso merecê-los. Dito de outro modo: não é suficiente organizar aquelas instituições de acordo com as normas de museologia moderna, instalar serviços educativos, garantir a colaboração de monitores capacitados, ordenar com eficácia a informação e a publicidade do museu; conviria também que os visitantes, crianças ou adultos, estivessem habilitados a explorar as virtualidades educativas do material exposto, ou seja, a integrá-lo na sua formação pessoal. A este respeito, não posso calar a convicção de que a escola não predispõe como cumpriria a uma elaboração enriquecedora da experiência extra-escolar. Eu suponho que a pedagogia escolar prevalecente se processa segundo as linhas de menor resistência, de menor esforço para o professor. Assim, o dogmatismo como atitude, o didactismo como método, a informação como finalidade vêm traduzir-se em comportamentos pedagógicos docentes inquestionávelmente cómodos e securizantes nas ingratas condições do ofício; mas quem tente acordar da rotina dá-se conta de que boa parte do que faz é um ritual de superstições didácticas esvaziadas de significação e de eficácia. É lícito talvez dizer-se, em paráfrase da afirmação de que mais vale á criança uma família má do que nenhuma, de que é preferível ingressar na escola mesmo como é do que ficar fora dela. Posto isto, ainda fica margem amplíssima para lastimar o ingresso, bem como para imaginar outras estruturas, outras atitudes educativas, outros métodos, outro espírito e outro conteúdo no ensino, outro estilo de relações interpessoais no quadro escolar em que se insere a criança, onde ela se forma e, assim, o adulto que há-de ser. Ainda fica margem para sonhar uma escola onde se abram os olhos para a observação atenta das coisas, dos seres, das pessoas e se estimule a capacidade de os interrogar imaginativamente e de verificar o que a imaginação intuiu; onde se encoraje a elucidação ética da experiência vivida; onde a criatividade não seja tolhida, a sensibilidade embotada, exaurida a curiosidade; onde seja entendido a fundo que a faina da cultura e da formação pessoal é obra da vida inteira — e que a cultura só vive e o espírito só se forma na participação activa e criadora, ou para dizer numa só palavra: na autonomia.*»

POESI

MI

MIGUEL TORGA, que nasceu em Trás-os-Montes em 1907 e principiou por participar, cerca dos vinte anos, do movimento da revista «Presença», é hoje uma das figuras de maior relevo no panorama da literatura portuguesa. Poeta, ficcionista e dramaturgo, a sua obra conta actualmente mais de quatro dezenas de volumes, repartidos por esses diversos géneros, e abrange ainda um pessoalíssimo «Diário», em prosa e verso, constituído já por nove livros e onde pràticamente se encontra de tudo: crítica social, apontamentos de paisagem, esboços de contos, flagrantes do quotidiano, apreciações culturais, reflexões de moralista, invectivas de franco-atirador e, muito frequentemente, magníficos textos da mais alta poesia. No que à poesia pròpriamente respeita, os seus textos mais significativos encontram-se porventura em obras como «O Outro Livro de Job», publicado em 1936; «Libertação», de 1944; «Odes», de 1946; «Cântico do Homem», de 1950; «Poemas Ibéricos», de 1952; e «Orfeu Rebelde», de 1958.

Com o título deste último livro admiràvelmente Miguel Torga se definiu a si próprio: ele é, a um tempo, reencarnação do

ORFEU R

Orfeu rebelde, canto
Canto como um poe
Que na casca do ten
Gravasse a fúria de
Canto, a ver se o m
A eternidade no me

Outros, felizes, sejan
Eu ergo a voz assim
Que o céu e a terra,
Do moinho cruel qu
Saibam que há grito
Violências famintas

Bicho instintivo que
No corpo dum poeta
Canto como quem u
Os versos em legítim
Canto, sem pergunta
Se o canto é de terro

VALERY-LARBAUD NA «ANTOLOGIA DO CONTO MODERNO»

Conta já umas dezenas de volumes esta «Antologia do Conto Moderno» que incluiu agora um consagrado a Valery-Larbaud, há pouco tempo desaparecido. A colecção da Atlântida, que vem desde John Steinbeck e Dorothy Parker e que junta as mais diferentes tendências e as mais distantes origens geográficas, constitui, verdadeiramente, uma selecção dos melhores contistas do mundo nosso contemporâneo.

Em tradução de Luís Amado e com uma valiosa introdução de João Palma-Ferreira, incluem-se na obra sete contos de Valery-Larbaud verdadeiramente representativos da sua arte. Aqueles monólogos interiores que constituem uma das formas de expressão de Valery-Larbaud, naquela cadência poética, muito suave e ténue, aparecem-nos neste volume a dar-nos toda a arte de narrar de Valéry-Larbaud.

FINALMENTE! O RELATO COMPLETO DA GUERRA NA AREIA

DAVID E GOLIAS por Ernst Trost **A BATALHA DE ISRAEL 1967**

...Venha ao deserto, sofra na pele o chicote das areias escaldantes, ouça o troar dos canhões, o roncar dos tanques... o grito dos chacais na noite dos mortos...

1 vol. ilustrado 60$00

UM LANÇAMENTO DA EDITORIAL IBIS, LDA. — À VENDA EM TODO O PAÍS

— Distribuído pela Livraria Bertrand, S. A. R. L.

A PARA TODOS

por DAVID MOURÃO-FERREIRA

GUEL TORGA

poeta mítico por excelência — daquele que vive na intimidade das forças elementares (a terra, o sol, o vento, a água) para celebrá-las com o seu canto — e alto exemplo de constante rebeldia, numa atmosfera que pretende asfixiá-lo. Se o poeta deve aspirar, como desejava Mallarmé, a uma «explicação órfica da Terra», desde sempre Miguel Torga se encontrou no caminho exacto. Mas, por outro lado, se ao poeta cabe também, como ser social, a res-

EBELDE

como sou:
esso
po, a canivete,
cada momento;
eu canto compromete
sofrimento.

rouxinóis...
, num desafio:
pedras conjugadas
me tritura,
como há nortadas,
de ternura.

adivinha a morte
que a recusa,
a
a defesa
r à Musa
r ou de beleza.

ponsabilidade de a cada passo manifestar o seu inconformismo, não menos tem Miguel Torga cumprido o seu dever de per-

MIGUEL TORGA

manente vigilância na cidade dos homens.

Como dissemos há pouco, Miguel Torga, no início da sua vida literária — e ainda, então, com o seu verdadeiro nome de Adolfo Rocha — fez parte do grupo da «Presença». Dirigiu, depois, com Branquinho da Fonseca, a revista «Sinal» e, mais tarde, a revista «Manifesto». Mas, com a independência um tanto agressiva do seu temperamento, cedo se colocou à margem de todos os clãs literários. A sua posição, nas nossas letras, continua a ser a de um grande isolado, — que, no entanto (ou por isso mesmo), consubstancia e representa, ora da forma mais directa ora através de inevitáveis símbolos, quanto pode haver de viril, de vertical, de insubornável, no homem português contemporâneo. A par disso, porém, e quer em verso quer em prosa, é ele igualmente, não só um grande poeta das forças elementares, mas também, em certos momentos, privilegiado cantor dos sentimentos mais delicados, das imagens mais fugazes, dos estados de alma menos apreensíveis: «A vida é feita de nadas: / De grandes serras paradas / À espera de movimento;· / De searas onduladas / Pelo vento; // De casas de moradia / Caídas e com sinais / De ninhos que outrora havia / Nos beirais; // De poesia: / De sombra de uma figueira; / De ver esta maravilha: / Meu Pai a erguer uma videira / Como uma Mãe que faz a trança à filha».

Muitas vezes, contudo, as coisas mais elementares aparecem-nos, na poesia de Miguel Torga, vivificadas ou transfiguradas pelo seu inato sentido da transcendência. *Sob o ponto de vista religioso, o seu espírito apresenta-se-nos curiosamente* estratificado: *sobre um fundo panteísta, talvez mesmo com vestígios de culto druídico, entrecruzaram-se influxos de messianismo céltico e messianismo hebraico; depois, sobre esse estrato, como que se verificou um fenómeno de incompleta cristianização, logo tingida de laivos heréticos; e, mais tarde, veio a depositar-se, por cima dessas camadas já tão compósitas, um paganismo greco-latino de aquisição cultural, — de extrema importância, por sua vez, para a compreensão daquilo a que um crítico já chamou o «desespero humanista» de Miguel Torga.*

Português e europeu, regional mas universal, e sobretudo profundamente ibérico, *dilacerado entre a nebulosidade atlântica e a claridade mediterrânea, homem da terra firme e sofrendo, todavia, a incessante sedução do* mar, *o certo é que Miguel Torga — grande poeta de hoje, grande poeta de sempre — patenteia, na sua obra, a dramática assunção de uma herança multiforme e a corajosa tentativa de sintetizá-la, com os olhos postos no futuro.*

NOVIDADES LITERÁRIAS:

— **Antologia do Conto Moderno — VALERY LARBAUD**
Uma selecção dos melhores contos do autor de FERMINA MARQUEZ ..... 25$00

— **João de Brito Câmara — POESIAS COMPLETAS**
Prefácio de Fernando Namora
Desenhos de Arlindo Vicente
ed. vulgar ..... 65$00
ed. especial ..... 90$00

— **Acta Universitatis Conimbrigensis**
= O «LIVRO DE COZINHA» da Infanta D. Maria de Portugal ..... 80$00
= Paulo Merêa — História e Direito (Escritos Dispersos), Tomo I ..... 50$00

ATLÂNTIDA EDITORA S. A. R. L. — **COIMBRA**

O NOVO CELESTINO ALVES E A SUA PINTURA

O artista quando o é exprime-se sempre de forma pessoal, seja numa escola ou noutra, enquadre-se ele onde se enquadrar ou liberte-se de qualquer temática e de qualquer sujeição. O pintor que tem uma mensagem e aprendeu a pintar é o mesmo a pintar serras e rochas, ou simplesmente a divagar na tela, com seus pincéis e tintas, a traduzir o que lhe vai no íntimo. O escritor também pode divagar em poesia e em ensaio ou entreter-se a descrever uma paisagem ou a retratar uma pessoa. Não será assim?

Mas quando o pintor, o escultor, o escritor, têm personalidade é o mesmo o estilo e a arte a mesma também.

tão definidos como os havia nos espaços das paisagens que ele pintava e os seus azuis aqui e além parecem sons muito agudos e muito afinados de um violino que o artista domina com prazer e até onde quer. Olhe-se aquele quadro que tem o n.º 1, quase ao centro da parede fundeira, como ele é lindo e forte e decorativo até. E é simplesmente pintura! Mas há outros, de igual força, em que a figura espreita na sua estrutura bem definida e harmonizada pela arte do pintor; o do centro da parede da esquerda, reproduzido no catálogo, por exemplo.

Pintor que se libertou e que tem satisfação em pintar, eis o Celestino Alves renovado de agora!

Um dos quadros de Celestino Alves na sua exposição da Galeria Divulgação. Ao lado, o artista

O Celestino Alves que nos aparece agora na Galeria Divulgação, com uma série de pinturas notáveis, liberto da figura e mais senhor de si, mais dominador da sua arte, não mudou em relação àquilo que era. Simplesmente requintou e tomou mais consciência de si próprio e das suas possibilidades. Anteriormente entretinha-se a tomar como motivo da sua pintura paisagens fortes e uniformes que muito iam ao seu feitio. Agora, no seu atelier, á vontade, pinta como o poeta faz versos assentado á sua secretária ou no seu jardim, de olhos fechados depois de ter aspirado o perfume das flores e fixado a clara luz do sol.

O pintor libertou-se, encheu a arca do peito, tomou-se verdadeiramente o pulso a si mesmo e ei-lo a pintar sem outras preocupações; e as cores têm solidez e há planos

A QUINTA DA BACALHOA EM «CONNAISSANCE DES ARTS»

A grande revista francesa de todas de todas as artes «*Connaissance des Arts*» vai no seu n.º 191 e com um êxito que justificam a sua apresentação, elegância e a competência com que são tratados todos os assuntos, desde o artigo doutrinário ás críticas e até ao acompanhamento das vendas de arte.

Representada em Portugal pela livraria «A Bibliófila», do barão Christian de Caters, «Connaissance des Arts» por diversas vezes se tem ocupado de assuntos portugueses e da arte portuguesa. Ainda neste número de Janeiro vem um belo artigo, com magníficas ilustrações sobre a famosa Quinta da Bacalhoa, á saída de Azeitão para Setúbal.

A Bacalhoa, com seus azulejos e sua arquitectura moura e renascentista, com suas varandas e lago é um verdadeiro escrínio de arte e bom gosto, harmonia e equilíbrio. Joaquim Rasteiro consagrou-lhe uma monografia que vai sendo rara, mas depois da cuidada e boa restauração realizada pela americana Mrs. Scoville bem merecia que um estudioso da arte dela se ocupasse com amor e conhecimentos, com espírito crítico indispensável e tempo para efectuar as investigações de arquivos e outras que nos dessem a história e a descrição da linda moradia de campo de Braz de Albuquerque, o filho do «Terribil».

No artigo da revista francesa, as gravuras são um primor, nelas se realçando a beleza da Bacalhoa.

«OS TIJOLOS»

por MIKLOS BATORI

É um romance este que temos presente de Miklos Batori, numa boa tradução de Augusto Pastor Fernandes e editado pela Bertrand. É um romance, mas é também uma reconstituição histórica desses dias terríveis de 31 de Outubro a 5 de Novembro de 1956, em Budapeste.

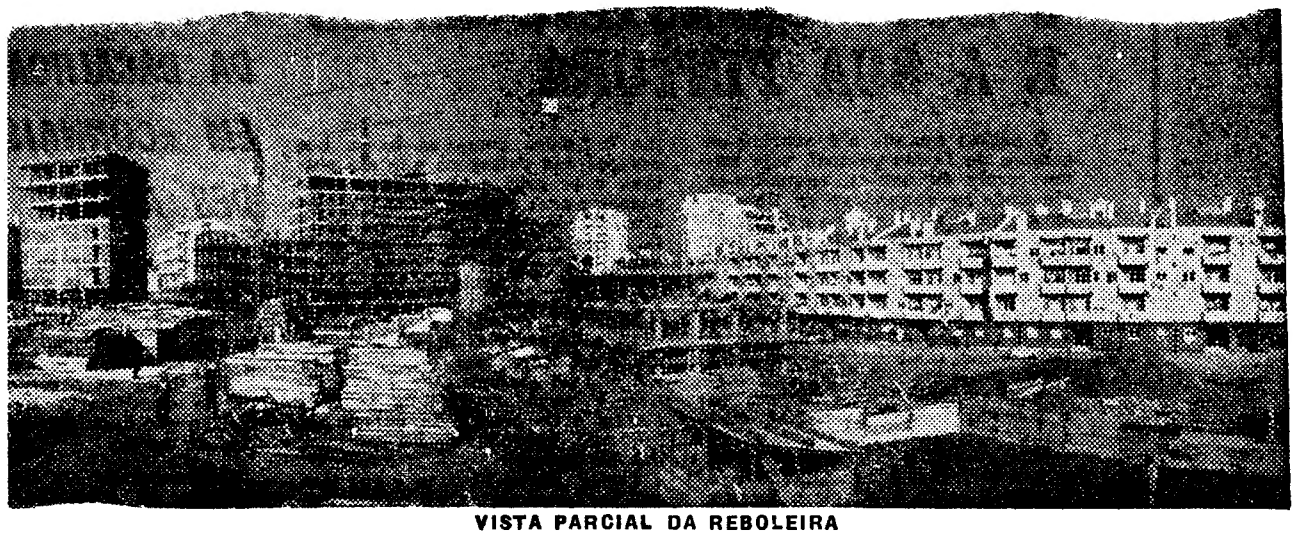
«*Os Tijolos*» pode realmente ser o símbolo de um dos movimentos da história contemporanea que tiveram seu ponto culminante nesses dias da revolta da capital hungara.

Capa de José Candido.

TERREIRO DAS LETRAS

Alguns jornais davam antigamente aos seus leitores um brinde de Natal, em volume portátil, com diversa colaboração de escritores e artistas. Em particular, a colecção de brindes do «Diário de Notícias», onde colaboraram Camilo, Eça, Junqueiro, Cesário Verde e tantos mais. Em formato grande, in fólio, há os números especiais do «Comércio do Porto», no começo deste século. Algumas editoriais estão a tomar o elegante e simpático hábito desses mesmos brindes. Já nos referimos ao «Auto do Fidalgo Aprendiz» de D. Francisco Manuel de Melo, em fac-simile, do Mundo do Livro. Os Estudios Cor, dirigidos pelo artista que é Manuel Correia, têm publicado contos e novelas originais, com nomes de primeiro plano nas nossas letras. Agora foi Natália Nunes que escreveu a novela «Ao menos um hipopótamo», que Lima de Freitas ilustrou e que constitui o brinde deste Natal. Sobriedade, bom gosto, harmonia das letras e das artes conjugam-se no desejo de boas-festas dos Estúdios Cor aos seus leitores habituais.

No último número de «Vértice», José Régio responde ao inquérito de teatro e fá-lo com aquela franqueza que o caracteriza. Da sua autoridade não é preciso falar. Diz ele sobre as suas peças e respectiva encenação: «Só uma peça minha foi representada e encenada por profissionais: «Benilde ou a Virgem-Mãe», levada à cena pela Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro no palco do nosso Teatro Nacional. No papel de Benilde teve Maria Barroso uma admirável interpretação, que eu julgaria inesquecível, se, precisamente, não tivesse sido esquecida quando Maria Barroso voltou ao teatro, e o seu reaparecimento foi saudado na Imprensa.» E sobre autores: «Creio que Bernardo Santareno é o nosso autor teatral contemporâneo em quem mais poderosamente se afirma aquela originalidade que vem de dentro, e contra a qual nada pode o próprio criador... De entre os mais novos ou mais naturalmente representativos de um teatro considerado da última hora, citarei dois nomes talvez mal conhecidos: Prista Monteiro e Vicente Sanches. Em Prista Monteiro, de quem já foram representadas peças num acto que deram boa conta de si no palco, fervem problemas que por vezes podem lembrar Ionesco ou Beckett· mas que na mais funda e viva personalidade do autor têm verdadeira luz...»



VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

POIS!... POIS!... SOME E SIGA...

145 CONTOS RENDEM-LHE 965$00 MENSAIS

JURO DE 8 %

APARTAMENTOS MOBILADOS E ANDARES

Em propriedade horizontal de 2 a 10 divisões assoalhadas — magnífica zona, nova e cheia de frescura, grande zona comercial, moderna, piscina, parques, pavilhões desportivos, garagens, arborização, colégios, escola técnica e liceal.

O maior centro comercial da linha de Sintra (em construção) venda e aluguer de estabelecimentos.

Armazéns com áreas de 40 a 4.000 m2 com muito bons acessos a viaturas.

Transportes garantidos só na REBOLEIRA (CIDADE JARDIM) — AMADORA

LINHA DE CASCAIS

APARTAMENTOS MOBILADOS

Em Paço d'Arcos (Parede) Junqueiro, (S. João do Estoril) Alapraia.

A nossa garantia é a nossa honestidade e a nossa experiência na construção civil.

NÃO SE PERCA NO CAMINHO DAS SOMAS

Informe-se convenientemente veja as nossas propriedades e ficam á disposição de V. Ex.ª os nossos escritórios.

J. PIMENTA, LDA.

EM LISBOA — RUA CONDE REDONDO, 53-4.º, ESQ.º — TELEFS. 45843 e 47843
EM QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TEL. 952021/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — TEL. 933670

CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus 17 M Super 2 portas 1965
Taunus 1500 — 1965
Taunus 12 M 1500 4 portas 1965
Taunus 1500 — 1964
Cortina — 1964
Opel Kadette — 1963

e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, 15 (Alvalade)

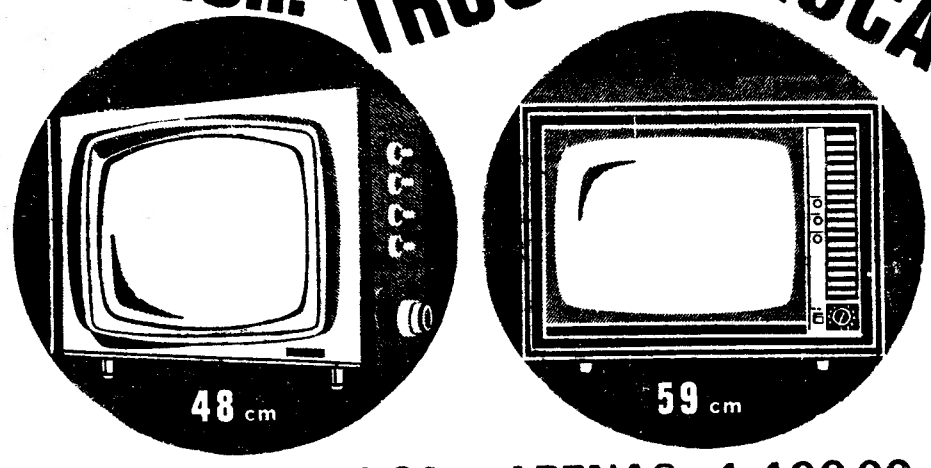
Ford

CAMINHOS DE FERRO ZONAS NORTE E CENTRO

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 14 do corrente são feitas algumas alterações ao Horário em vigor nas Zonas Norte e Centro.

O pormenor das alterações consta dos cartazes afixados nas estações para consulta do Público que também pode obter esclarecimentos nas Secções de Informações

TROCAS... TROCAS... TROCAS...



APENAS 3.200.00
MAIS O SEU TELEVISOR USADO MESMO SEM FUNCIONAR

APENAS 4.400.00
MAIS O SEU TELEVISOR USADO MESMO SEM FUNCIONAR

TEMOS OUTROS MODELOS

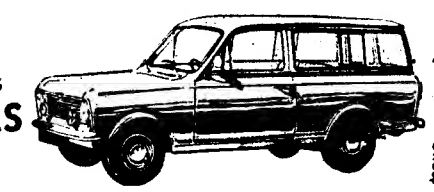
M.L.FERREIRA

R. D. ESTEFÂNIA 48-1.º (Junto ao largo)

BEDFORD

CAMIÕES DE TODAS AS TONELAGENS

FURGONETAS DE TODOS OS TIPOS



AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º — TELEF. 369384

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silmar.

MELITOL PROTECÇÃO

MARCA REGISTADA

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ªs C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

«EVOTRUFE» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — L I S B O A - 2 — Telefs. 361805 - 322113

LIVROS E EXPOSIÇÕES

«Antes do Dilúvio» de MÁRIO BRAGA

Chiquinho Boavida, barbeiro, orador e cronista, é a personagem central desta saborosa narrativa de Mário Braga, primeiro volume de uma nova colecção lançada pela «Vértice», a dos «Prosadores Contemporâneos». Tudo se passa num pequeno Município do interior, que Mário Braga analisa á lupa da ironia. Hipertrofiados os contornos, é, então, que o autor zurze, á boa maneira do fundibulário, quantos neste mundo se têm pela rã da fábula. No final, um inesperado dilúvio encharca até aos ossos o grupo de títeres e desfaz em definitivo toda a sua prosápia.

«Antes do Dilúvio» representa, na já extensa obra de Mário Braga, a abertura de um novo caminho, que ao leitor desprevenido talvez recorde, por sugestão, o Jorge Amado da segunda fase. Mas a realidade portuguesa é outra. Os microcosmos beirões pouco têm de comum com o *hinterland brasileiro*. Daí um tratamento diferente, com maior e mais constante agressividade. Onde Amado, por vezes, bate nas costas, Mário Braga bate simplesmente: com força.

«O ESPIÃO A-54» por C. Amort e I. M. Jedlicka

A colecção «Documentos de todos os tempos», que a Livraria Bertrand lançou há tempos já e que inclui alguns dos grandes volumes da história viva do nosso tempo, enriquece-se agora com mais esta história de espionagem. Os autores checoslovacos que elaboraram e reconstituiram a narrativa, saída em francês com o título de «*On l'appelait A.54*», consultaram muitos arquivos e publicações, revolvendo maços e maços de papel impresso.

A história deste agente nazi que trabalhou contra a Alemanha não é vulgar. Acabou por essa traição lhe custar a vida. Era Paul Thummal, esse agente «A-54» que, depois de pertencer á velha guarda de Hitler, trabalharia contra ele e seria fuzilado nas vésperas da libertação para que ele contribuira. A história contemporanea vai sendo narrada sobre os documentos dos arquivos, por investigadores como os que escreveram «O Espião A-54».

Tradução de Mário V. Soares e capa de José Cândido.

«O Caminho de Gilgamesh» por Nelson Geraldo

Em segunda edição dos Estudios Cor, e com aquela apresentação que é timbre da casa, saiu a segunda edição de «*O Caminho de Gilgamesh*» que tem por subtitulo «vestígios para a reconstituição de um bailado». Foi escrito por Nelson Geraldo que, como acentuou o difícil Agripino Grieco, «tem o talento das definições concisas, cortantes, que obsedam a memória, exprimem muita emoção ainda confusa em nós, sublinham inumeros acontecimentos da nossa vida mental e moral...» E depois: «O seu trabalho é daqueles que o Brasil não produz senão com largos interregnos».

Este livro de um moralista de rara cultura e sensibilidade, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1937, reeditado agora, tem o sabor dos frutos sasonados, conservando toda a sua actualidade.

RONDA DAS GALERIAS

SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇAO (Palácio Foz — Restauradores): Dorita Castelo Branco (escultura). Figurinos do Teatro Scalla de Milão.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro): Salão: G M 67 (pintura e escultura). Salas de entrada: João Reis (pintura).

GALERIA DE ARTE MODERNA (Rua Mouzinho da Silveira, 1): Nuno de Siqueira (pintura).

DIVULGAÇAO (Rua D. Estefânia, 46-B): Celestino Alves (pintura).

BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4): Noronha da Costa (escultura).

111 (Campo Grande, 111): Manuela Jorge (gravuras).

QUADRANTE (Avenida Luís Bivar, 85, c.): Novo Desenho, organizada pelo dr. Rui Mário Gonçalves.

DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183): Pintores Portugueses.

CHANCELARIA DA EMBAIXADA DE ESPANHA (Rua do Salitre, 1): Tarty (pintura).

GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal, 1): Borges Lopes (pintura).

GRAVURA (Travessa do Sequeiro): Alice Jorge (gravura).

BALADA DO RIO GUADIANA EM ALCOUTIM

a CÉSAR DOS SANTOS

Vultos de carabineiros!
Sombras de guardas-fiscais!
As rosas do Guadiana
Florescem cada vez mais...

Florescem entre barrancos
Na terra que a água cava...
Desfaz-se na cor agreste
Aquela roseira brava.

Entre junqueiras e lodo
— Hora de encantos fatais —
Contrabandistas em sustos
Passam as noites aos ais.

E as rosas caem ao vento
— Anda um corvo a crocitar —
Enquanto as águas do rio
Lá vão correndo para o mar.

Ai! rosas do Guadiana
No castelo de Alcoutim!
Contrabandistas de amor
Cantam-lhe trovas assim.

E o rio aprende a toada
Lá vai num gargalhar seco.
Será lamento ou um grito
O que responde num eco?

AZINHAL ABELHO

«A batalha de Leninegrado» por Dmitri V. Pavlov

A história relatada por aqueles que a viveram tem sempre um poder de sugestão que vem das autênticas memórias; de Rmitri V. Pavlov, que foi responsável por um sector da vida da cidade de Leninegrado durante a luta, escreveu este livro realmente vivo e trepidante. A sua narrativa de tragédia e sombras toma por vezes os tons epopaicos; mas esse tom vem-lhe dos factos que narra e da simplicidade e naturalidade com que os narra, não do revestimento literrário.

Obra literária e de história, na sua crueza e naturalidade em que o herói é o povo da cidade ameaçada, o livro de Dmitri V. Pavlov é elemento essencial para a história dos nossos dias. Não é preciso recorrer aos romancistas para haver narrativas com o interesse da aventura e do heroísmo sem medida.

O volume da colecção «Vida e Aventura» é edição dos Livros do Brasil, em tradução de Virgínia Mota com a capa de Lima de Freitas.

ESCAPARATE

(De 13 a 20 de Janeiro de 1968)

AUTORES PORTUGUESES

Título — «Carnaval Negro».
Autor — Urbano Tavares Rodrigues.
Editora — Movimento — Lisboa.
Colecção — «Movimento-Novela» — n.º 4.
Numero de páginas — 42.
Preço — 15$00.

Título — «50 Anos de Poesia: Do Simbolismo ao Surrealismo».
Autor — João Gaspar Simões.
Editora — Movimento — Lisboa.
Colecção — «Movimento-Ensaio» — n.º 2.
Numero de páginas — 47.
Preço — 15$00.

Título — «A Progressão Geométrica — Exercício Teatral em 5 Quadros».
Autor — Fernando de Abranches-Ferrão.
Editora — Movimento — Lisboa.
Colecção — «Movimento-Teatro» — n.º 2.
Numero de páginas — 43.
Preço — 15$00.

Título — «Metal Translucido» — Antologia.
Autor — António de Navarro.
Editora — Signo — Lisboa.
Numero de páginas — 97.
Preço — 25$00.

Título — «Graça» — Presença Platónica na Lírica Subjectiva de Camões.
Autor — Vítor Santos.
Editora — «Revista Alentejana» — Lisboa.
Numero de páginas — 16.
Preço — 10$00.

Título — «O Universo de Raul Brandão».
Autor — Sant'Anna Dionísio.
Editora — Autor — Rua Augusto Gil, 39, 2.º, Esq. — Lisboa.
Numero de páginas — 23.
Preço — 6$00.

Título — «Para uma Moral Nova da Regulação da Natalidade».
Autor — Encarnação Reis.
Editora — Livraria Morais Editora — Lisboa.
Numero de páginas — 740.
Preço — 120$00

AUTORES ESTRANGEIROS

Título — «A Batalha de Leninegrado».
Autor — Dmitri V Pavlov.
Tradutora — Virgínia Motta.
Colecção — Vida e Aventura.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 230.
Preço — 50$00.

Título — «A Alquimia».
Autor — Serge Hutin.
Tradutor — Ramiro da Fonseca.
Colecção — Enciclopédia LBL.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 142.
Preço — 20$00.

Título — «O Tunel do Tempo».
Autor — Murray Leinster».
Tradutor — Eurico da Fonseca.
Colecção — Argonauta.
Editora — Livros do Brasil.
Numeros de páginas — 183.
Preço — 15$00

«A Batalha de Toulouse» por José Cabanis

O romancista francês José Cabanis recebeu o Prémio Renaudot com o seu volume «A Batalha de Toulouse» que as Edições Dom Quixote incluíram na sua colecção de «romances exemplares», em tradução de Luís Resende.

«A Batalha de Toulouse» é um livro em que o passado e o presente se entrelaçam, tendo como ponto de partida essa batalha que, em 1814, se travou entre as tropas francesas e as aliadas, aquelas sob o comando de Soult, na defesa extrema do Império, e estas sob o comando de Wellington.

Capa de Anne-Lise Hedegaard.

A Capela de S. Jorge de Aljubarrota

Ali se jogaram os destinos de Portugal, numa tarde de Agosto, vai para seis séculos. Aljubarrota é a data que marca a vitória da facção portuguesa, escolhido o novo rei pela burguesia e pelo povo contra a facção castelhana e tradicionalista.

Dois padrões assinalam a vitória que sagrou em firmeza inteira e sangue a segunda dinastia. O primeiro foi mandado erguer pelo rei, e é o mosteiro de Santa Maria da Vitória. Foi crismado simplesmente de «A Batalha», como se outra não houvesse na nossa História. O segundo é a capela de S. Jorge, mandada construir pelo condestável no local onde esteve hasteada a sua bandeira. As escavações recentemente efectuadas por ali mostraram as defesas e fortificações realizadas, maravilha sendo que, em tão pouco tempo como o de que dispuseram desde que as forças portuguesas chegaram ao local escolhido para travar o caminho ao invasor, tenham conseguido abrir todas essas valas e covas de lobo onde viria esbarrondar-se a fúria castelhana.

A capela de S. Jorge tem interesse não apenas histórico, artístico. Deve ter sido terminada em 1431, conforme atesta a inscrição da lápida da frontaria. Concluída, portanto sete anos depois da batalha, visto que o 1431 da Era de César corresponde a 1392 da Era de Cristo.

A «Capela de S. Jorge de Aljubarrota» foi agora restaurada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. A ela é consagrado o n.º 120 do boletim desta direcção-geral, repositório precioso de edifícios, obras e arte em todo o território português.

Monumento nacional desde 1910, a pequenina capela mantém as suas características, não tendo sido grandes as alterações sofridas, ao contrário do que aconteceu com outros monumentos. Agora limpa, escarolada na sua beleza e simplicidade, com estátuas como a de S. Jorge combatendo com o dragão, e a de Nossa Senhora da Vitória, é um monumento que fala verdadeiramente ao coração de todos os portugueses. Lembra ao vivo o fim desse cálido dia 14 de Agosto de 1385 em que a Nação fez valer a sua vontade contra direitos dinásticos e exércitos estrangeiros.

A capela de S. Jorge, em Aljubarrota, depois das beneficiações que teve por decisão da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

CRÍTICA LITERÁRIA

por EDUARDO PRADO COELHO

1. Começarei por fazer algumas observações:

a) Livros como este de David Mourão-Ferreira constituem uma grande responsabilidade para a crítica porque eles contêm quase toda a obra publicada dos seus respectivos autores. Estão no mesmo caso os últimos lançamentos editoriais de Alexandre O'Neill e Herberto Hélder. Ora, analisar toda uma obra sem cair no lugar-comum e na banalidade é extremamente difícil. Daí o atraso com que aparece este comentário a «A arte de amar».

b) sinto-me inteiramente incapaz de falar deste livro na sua globalidade sem que isso redunde num desfiar de verdades que pertencem já ao domínio público. Que a temática predominante em David Mourão-Ferreira é a do amor; que a sua técnica de versificação é exemplar e revela uma leitura atenta e aprofundada (e paciente) da nossa poesia clássica; que não só o amor, mas também certos aspectos que o limitam (as circunstâncias económicas, a «moralina» estabelecida, o esquecimento, o equívoco, o envelhecimento) aparecem como motivações de quase todos os poemas de David Mourão-Ferreira: que a sua «modernidade» é extremamente discreta, mais sugerida do que praticada, e que há nele o culto do clássico, do equilíbrio, da aceitação das regras (ó Valéry!) em vez da transgressão, da libertação no interior das formas e não pela destruição das formas — quem o não sabe?

Não vou repeti-lo — porque o faria pior, e sem entusiasmo.

c) Quando lia, há pouco, *Le Rationalisme appliqué*, de Gaston Bachelard, saltou-me aos olhos esta frase: «Il apparaît très clairement ou mieux, concrètement, qu' *erreur* et *vérité* ne sont pas symétriques, comme le donnerait à penser une philosophie purement logique et formelle. En science, les vérités se groupent en système, alors que les erreurs se perdent dans un magma informe» (pág 59).

Pois bem: acontece o mesmo ao ler poesia. Se o texto se dispersa, se desarticula, se esboroa, então é porque ele é, certamente, um *erro* poético. Se, no decurso da sua leitura, determinadas palavras, determinados esquemas frásicos, determinadas tendências metafóricas, determinados temas, se organizam em sistema, produzindo uma lógica específica — a lógica do texto poético —, então é porque esse livro justifica toda a nossa atenção, disponibilidade e inteligência.

Ora, é esta segunda hipótese que se verifica com a poesia de David Mourão-Ferreira. O leitor aprecia, certamente, se eu disser de caras se gosto ou não gosto de um livro como «A arte de amar». Pois bem: gosto.

d) uma vez que já disse tudo o que não vou dizer acerca do livro e disse ainda que gosto dele, talvez comece a ser oportuno eu propor alguns elementos que sirvam de guia para a sua leitura. Recorrerei, para isso, à psicanálise. Mas cuidado: não procuro *explicar* a obra através da psicanálise do autor (até porque é impossível fazer a psicanálise do autor *através* da obra). Aquilo que se diz da obra apenas tem que ver (pelo menos, no plano que me interessa focar) com a própria obra.

O que se pretende é aplicar algumas noções que a psicanálise divulgou na interpretação de alguns poemas que encontramos em «A arte de amar». Previna-se, apenas, que a psicanálise utilizada é extremamente primária, por duas razões fortes, que passo a enunciar: por insuficiente conhecimento da psicanálise da minha parte, e por impossibilidade prática de desenvolver a análise nas colunas de um jornal e no fôlego *diário* de um leitor.

2. Desta vez são só duas alíneas:

a) O que é o complexo de Édipo? É o conjunto de relações que o sujeito pode estabelecer com os seus pais (ou com os que exercem tal função). Habitualmente, há o desejo da morte da pessoa do mesmo sexo (na medida em que ela aparece como rival) e desejo sexual da pessoa do sexo oposto. Mas em relação á pessoa do mesmo sexo forma-se um sentimento ambivalente, de hostilidade e admiração simultâneas: ela representa o que nós gostaríamos de ser e, ao mesmo tempo, é o obstáculo que nos corta o acesso ao que nós gostaríamos de *ter*.

É evidente que qualquer de nós negará, no seu caso pessoal, o complexo de Édipo, até porque ele se não verifica ao nível da experiência empírica. É tudo tão estranho, não é? Ele é apenas o esquema conceptual que permite assegurar a inteligibilidade de um determinado número de elementos recolhidos pela prática analítica.

Assinale-se, ainda, o carácter *fundador* do complexo de Édipo, que aparece:

— na história da Humanidade, como o limiar entre a natureza e a cultura;

— na história dos indivíduos, como um dos factores primordiais de estruturação da nossa personalidade.

O complexo de Édipo determina a nossa escolha dos objectos de amor, o acesso à genitalidade (que não é apenas garantida pela simples maturação biológica) e é ainda ele que estrutura a rede de identidicações e ideais que constitui o nosso *eu*.

Citemos Lacan: «... o complexo de Édipo, na medida em que sempre o reconhecemos para com a sua significação cobrirmos integralmente o campo da nossa experiência, servirá para marcar os limites que a nossa disciplina atribui à subjectividade: isto é, o que o sujeito pode conhecer da sua participação inconsciente no movimento das estruturas complexas de aliança, verificando os efeitos simbólicos na sua existência particular de movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o aparecimento da comunidade universal. A Lei primordial é, pois, a que, regulando a aliança, sobrepõe o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei do acasalamento (...) Esta lei faz-se conhecer suficientemente para que a consideremos idêntica a uma ordem da linguagem. Porque nenhum poder sem as nomeações de parentesco tem a possibilidade de estabelecer a ordem das preferências e dos tabus que os fios das linhagens estabelecem e tecem ao longo das gerações» (*Écrits*, p. 277).

Ficamos assim a saber que a Lei se estabelece em-nome-do-Pai e que portanto lei-do-Pai é um nome.

b) Ora bem. Existe um poema de David Mourão-Ferreira que apenas consigo ler á luz do complexo de Edipo:

MEMÓRIA

Tudo que sou, no imaginado
silêncio hostil que me rodeia
é o epitáfio de um pecado
que foi gravado sobre a areia.

O Mar levou toda a lembrança.
Agora sei que me detesto:
da minha vida de criança
guardo o prelúdio de um incesto.

O resto foi o que eu não quis:
perseguição, procura, enlace,
desse retrato feito a giz
pra que não mais eu me encon-
[trasse.

Tu foste a noiva que não veio
irmã sòmente prometida!
— O resto foi a quebra desse en-
[leio
O resto foi amor, na minha vida.

Mas um poema isolado pouco significaria. Ele poderia ser a tradução, hábil sem dúvida, de uma verdade teórica anteriormente aprendida. Precisamos de ler o resto do livro para confirmar o *valor* deste poema e, simultâneamente, o *valor* da nossa interpretação.

Antes disso, anotemos o essencial:

— referência a um «pecado» («prelúdio de um incesto») que apenas ficou como linguagem («epitáfio») gravada; «tudo que sou» se resume a esse epitáfio (epitáfio, porque significa a *morte* da unidade do *eu*);

— mas a inscrição foi apagada («o Mar levou toda a lembrança» do que se gravara na areia) e a palavra que diz o pecado é assim uma *palavra rasurada*.

— o conflito e o desequilíbrio interior («agora sei que me detesto») provocado pela perda de uma unidade e de uma personalidade fantasmáticas: omitida a palavra (ou apagado o «retrato feito a giz»), o poeta não se reencontrará nunca;

— resta o resto («peseguição, procura, enlace»), todo o percurso de uma «secreta viagem», toda a interrogação do autor: «o resto foi amor na minha vida».

— o resto é *também* um livro, «A arte de amar»: uma pluralidade de palavras que pretendem recuperar a *palavra rasurada*, um inventário de retratos que pretendem descobrir o *rosto omitido*.

3. Podemos agora indicar (sòmente indicar, que o espaço escasseia, e as forças, e a paciência do leitor) algumas das relacionações possíveis:

a) o tema da viagem, viagem que foi *ordenada* pelo segredo de um deus. Em contraponto, com o movimento da viagem surge-nos a nostalgia da imobilidade: «A eternidade é nossa, em madeira esculpidos». Ou ainda:

«Desejei-te pinheiro à beira-mar
para fixar o teu perfil exacto.
Desejei-te encerrada num retrato
para poder-te contemplar».

Será preciso fazer notar este desejo de encerrar num retrato? Adiante.

O que é o amor para David Mourão-Ferreira? É a descoberta de que a viagem ordenada por um deus não é solitária: «Mal fora iniciada a secreta viagem, / um deus me segredou que eu não iria só». E, se a viagem é secreta, porque ela é imposta por um segredo, o amor é a cumplicidade com que a companheira aceita partilhar esse segredo que ambos ignoram (e, de tal modo que por vezes ela parece ser a solução do segredo e a recuperação da transparência perdida).

b) ainda o segredo:

«Estaco ante o sono a recear
que por meus lábios alguém *diga*
o que ficou num fundo Mar,
o que pertence à história antiga».

Encontramos aqui o sonho como revelação-dissimulação da verdade inconsciente. Esse *alguém* a que o poeta se refere é esse *eu* com o qual se pretende reencontrar. A «história antiga» é, provàvelmente, aquela que a estrutura edipiana encerra como drama vivido. Será preciso reparar que já se nos deparara o *Mar* no poema «Memória»?

Metafòricamente, o segredo é a *chave*, como se pode ver pelo poema (excelente) «As Últimas Vontades»:

«Quem sobe agora a escada?
Como vem devagar!
Tão devagar que sobe...

Não digas nada. Ouve:
é com certeza alguém,
alguém que traz a chave».

Será preciso fazer notar que nos dois poemas citados existe sempre um *alguém*, que é o sujeito do inconsciente (ou o deus que transmite um segredo?)

c) o Mar: encontramo-lo ao longo de toda a poesia de David Mourão-Ferreira. O Mar opondo-se ao Sol, o Mar como dispersão e o Sol como concentração

— *«E quem te esparge, em vozes*
[diluída,
corpo de nuvem, neste Mar que
[eu sou?»

— *«de quanta liquidez e espanto*
[somos feitos!»

Note-se que o mar é quase sempre de cor verde:

— *«Por entre nossas mãos, o verde*
[mar se escoa...»
— *«no pano esverdeado deste*
[Mar».

Ora este verde é o dos olhos da Memória (ver *In memoriam memoriae*): «de um verde que não é de esperança, nem de escarro, / mas de lago, de lodo, de limo delinguente.» Será, também, ousado supormos que frequentemente o Mar e a Memória se identificam?

— *«E confundem-se as jangadas*
desmanteladas
no Mar da reminiscência»

— *«Mas ao redor, insistentes,*
bramam as ondas do Mar,
do Mar da memória ardente,
Eternamente a bramar...»

— E, no poema dedicado à Memória, o poeta diz-lhe qeu ela é «mais que mármore Mar — que dentro de nós morre.»

d) o Nome.

Observe-se a importância do nome, importância essa que se reflecte no fetichismo com que todos os nomes são tratados («eu não merecia, sequer, saber-te o nome») e, sobretudo, no que há de enigmático em cada nome que diz tudo (nomeia) mas não diz nada (porque é apenas a mudez de um nome):

— Sobre a memória: «Ès retina, ès rotina, ès renovo. / E todavia tens não mais, não mais que um nome».

O que é o amor? O amor é a transgressão do nome, a violação do nome — mas essa transgressão é sempre adiada porque ela esbarra na autoridade da Lei: essa Lei que se institui em-nome-do-Pai, que nos nomeia e é, simultâneamente, o Nome omitido. Amar é transgredir o nome que nos foi indicado, mas é, também, descobrir que a Lei é o Nome que nenhuma transgressão atinge:

«Não és tu, não sou eu, não é
[ninguém.
Despojados do nome e de pronome,
somos apenas crime e somos lei,
flexão de um verbo conjugado à
[noite».

4. Falta-nos, agora, referir a Memória, personagem central de um longo poema de David Mourão-Ferreira. Mas não só isso. É, também, o título do poema que logo de início citámos e demoradamente lemos.

DAVID MOURÃO-FERREIRA

A Memória é a conjunção do Mar e do Sol, isto é, dispersão e concentração, pluralidade e unidade, limite e passagem. Apenas um nome, «mas todas as palavras / são por ti convocadas. / Mas todos os silêncios / são por ti registados. / Mas todos os segredos / no teu séquito arrastas». Origem dos segredos, porque faz esquecer o nome apagado ou a chave que abriria a gaveta, ela é o segredo do esquecimento.

E escreve, a Memória escreve em mármore, «mármore, sim, mas mole. E vento, porque não?». Invisibilidade da escrita, que é, simultâneamente, diluição e registo, rasura e marca.

Qual é o objecto da Memória? O que nela se esquece ou o que ela nos recorda? O que a Memória fixa é sempre parte do que passou, é sempre o que não foi essencial: são objectos dispersos, nos quais, por uma ironia ardilosa, se grava a ausência de tudo o que se esquece:

«E fica todavia, toda a vida,
o que nem se sonhava que ficasse:

uma saia de ráfia que se tira,
e não o corpo, o corpo que se
[amava;
a circunstância trémula do crime,
e não o grande amor que o mo-
[tivara;
o número do telefone que se disse,
em vez dos dedos longos que o
[marcavam;
uma lua, uma data, um arrepio,
em vez da Inquietação e da Pa-
lavra!»

O mecanismo da recordação leva-nos a fixar de tudo o que se passou (e foi sempre amor) um objecto parcial que parecia insignificante, tal como o Desejo nos leva a desejar num objecto parcial a totalidade que inacessivelmente a cada instante se nos propõe. A Memória vive fascinada por determinados objectos, sabendo que eles são apenas simulacros duma verdade rasurada, tal como o Desejo se absorve num objecto para depois descobrir que o verdadeiro objecto *é sempre um outro* — desvio permanente e interminável, itinerário metonímico de um segredo que contínuamente se oculta para nos solicitar e nos solicita para melhor se dissimular.

Aprendemos assim que o Desejo e a Memória se identificam pela inquietação («e a Palavra») que os domina e pela origem que os sustenta. Ambos se manifestam como incompletude: viagem empreendida com ordem de retorno, embora o porto de partida, e única promessa de uma chegada possível, seja apenas o vazio, o abismo ou a fenda («tentei fugir da mancha mais escura / que existe no teu corpo, e desisti») duma *palavra omitida*.

«A ARTE DE AMAR»

poemas de DAVID MOURÃO-FERREIRA (1948-1962)

GUIMARÃES EDITORA — Lisboa 1966

COLECÇÃO POESIA E VERDADE

ACABA DE SAIR

na colecção Autores Portugueses
a segunda edição de

A NOITE ROXA

de Urbano Tavares Rodrigues

Livro considerado pela crítica como uma obra-prima da moderna literatura portuguesa.

Com prefácio de Baptista-Bastos

276 páginas — 40$00

LIVRARIA BERTRAND